**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

MARIANA SANTIAGO DE BRITO

Estudo do vocabulário do Cururu em Piracicaba

[VERSÃO CORRIGIDA]

São Paulo
2013

MARIANA SANTIAGO DE BRITO

Estudo do vocabulário do Cururu em Piracicaba

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

São Paulo, 15 de abril de 13.

Assinatura do autor

Assinatura do orientador

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B862e	<p data-bbox="462 1126 1157 1377">Brito, Mariana Santiago de Estudo do vocabulário do Cururu em Piracicaba / Mariana Santiago de Brito; orientador Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. - São Paulo, 2012. 174 f.</p> <p data-bbox="462 1444 1157 1691">Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.</p> <p data-bbox="462 1758 1157 1915">1. Dialietologia. 2. Piracicaba. 3. Léxico. 4. Cururu. 5. Cultura caipira. I. Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago, orient. II. Título.</p>
-------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: BRITO, Mariana Santiago de

Título: Estudo do vocabulário do Cururu em Piracicaba

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr.(a): _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a): _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr.(a): _____
Instituição: _____ Assinatura: _____

São Paulo
2012

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Augusto e Inês, meus primeiros mestres.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, estrutura e modelo da minha vida, por todo incentivo em minha trajetória acadêmica, por acreditarem em minha capacidade e não desistirem nunca de mim. Agradeço por terem compreendido, com seu amor, minhas ausências, minha falta de paciência e minhas lágrimas. Obrigada pelo colo, pela sabedoria e pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, Vinícius, que tanto me incentivou, torceu e vibrou com cada conquista minha. Meu amigo de todas as horas, obrigada pelos conselhos e por toda a ajuda nessa pesquisa.

Aos meus familiares que sempre estiveram presentes em minha vida, motivando-me, acarinhando-me e desejando minha felicidade. Meus avós, Neco, Lica e meu xará, Mariano, meus exemplos de amor, ética e respeito ao próximo. Meu agradecimento à pequena Manoela, Manu, que de sua forma soube entender que a Tata precisava estudar, se não o professor ficaria muito bravo! Obrigada minha princesa, por ter iluminado e alegrado meus dias.

Ao meu namorado, Murilo, por estar sempre ao meu lado, incentivando-me e encorajando-me em cada momento, escutando cada desabafo. Meu amigo e meu par na vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - chefe, por ter um dia feito um pacto com uma menina que desejava tornar-se mestre, por ter dado crédito aos sonhos de alguém e, mais do que isso, ter oferecido subsídios e ferramentas na construção do saber. Obrigada pelo carinho de sempre, pela confiança e por todo aprendizado. Essa pesquisa é em grande parte sua e, como essa, quero acreditar que outras virão.

Aos professores Manoel Mourivaldo, Ataliba de Castilho, Ieda Maria, Ecléa Bosi, Deize Crespim, Ângela Cecília, que foram os pilares desse trabalho. Mestres, obrigada pelas contribuições intelectivas e afetivas que me transformaram de maneira única.

Às professoras doutoras Clarice Assalim e Mariângela de Araújo, pela prontidão com que aceitaram em fazer parte da banca de qualificação e defesa do presente estudo. Clarice, muito obrigada pelas orientações, ainda durante a graduação, conversas decisivas em minha vida particular e acadêmica, além das contribuições dadas a esse trabalho. Professora Mariângela, sou muita grata às valiosas inferências, informações e instruções que favoreceram minha pesquisa.

Gostaria, ainda, em referência à bolsa de mestrado, de prestar meus agradecimentos à **CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) por seu auxílio de pesquisa, pontual e correto.

Aos amigos que fiz durante o curso, pessoas que me acolheram e muito me ajudaram, meu agradecimento em especial à Cátia Schreiner, pelas risadas e generosidade.

Ao departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, agradeço pela equipe de excelência que disponibilizou ao longo desse período todos os recursos pessoais e materiais de que precisei, com muita gentileza e competência.

Aos meus colegas de trabalho, professores e coordenadores, que sempre me apoiaram e me incentivaram, dando-me suporte emocional e profissional ao longo de minha pesquisa. Agradeço especialmente à professora Roseli Aparecida da Costa, pela contribuição atenta e preciosa dada ao meu texto.

A José Maria Cassaniga, amigo que fiz em Piracicaba durante a pesquisa. Pessoa de extrema generosidade que, junto a sua amável família, acolheu uma, então, estranha em sua casa e dispôs de seu tempo, contribuindo profundamente para a realização desse trabalho.

Ao Dr. Olívio Alleoni, pesquisador e incentivador do Cururu não apenas em Piracicaba, por ter me recebido em sua casa, dividido suas histórias, experiências e grande conhecimento a respeito dessa tradição. Obrigada pelos Cururus a que assisti.

Aos cururueiros de Piracicaba, artistas talentosos e generosos que me apresentaram ao Cururu. Ensinarão-me que toda arte é feita por homens com história, sonhos e anseios. A vocês meu carinho, respeito e gratidão.

Por fim agradeço a toda comunidade de Piracicaba, especialmente aos sujeitos que tão bem me receberam e muito contribuíram para a realização dessa pesquisa.

RESUMO

BRITO, Mariana Santiago. **ESTUDO DO VOCABULÁRIO DO CURURU EM PIRACICABA**. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta dissertação tem como objetivo geral estudar o vocabulário do Cururu na cidade de Piracicaba, propondo uma discussão das influências e contribuições do léxico dessa manifestação folclórica dentro do universo sociocultural caipira da região do Médio Tietê. Para elaboração dessa pesquisa são utilizados material oral, dicionários de língua portuguesa e bibliografia relacionada. Com base no referencial teórico metodológico da sociolinguística laboviana, fez-se a pesquisa de campo para coleta de conversas informais; e, da geolinguística, para elaboração e aplicação do questionário do campo semântico-lexical do Cururu, com trinta sujeitos-entrevistados, subdivididos em cururueiros e não cururueiros, considerando as faixas etárias – 18 a 30 e 50 em diante- e os diferentes sexos. Os objetivos específicos deste estudo são: i) definir um glossário a partir do vocabulário Cururu, selecionado por meio de bibliografia e pesquisa de campo; e, ii) desenvolver uma análise diacrônica do conteúdo desse glossário, comparando as acepções das lexias listadas às encontradas em dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX, XXI. O exame desses dados é feito à luz de estudos dialetológicos, lexicográficos, lexicológicos e sociolinguísticos. Os resultados dessa pesquisa além de permitir a análise do grau de reconhecimento e uso dos 48 itens lexicais, também expõem uma mostra da tradição atual do Cururu em Piracicaba, região que tem em seu vocabulário um reflexo da ação natural e dinâmica da própria língua, sendo possível suscitar uma discussão sobre o grau de manutenção, variação e mudança em curso dos elementos que compõem esse vocabulário.

Palavras-chave: Pesquisa Dialetal. Piracicaba. Léxico. Cururu. Cultura Caipira.

ABSTRACT

BRITO, M. S. **STUDY OF CURURU VOCABULARY IN PIRACICABA**. 2012. Master Dissertation Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This dissertation aims to study the Cururu vocabulary in Piracicaba, offering a discussion of the influences and contributions of this lexicon within the sociocultural universe of the caipira paulista. To elaborate this study, we used oral material, Portuguese dictionary and literature related. Based on the theoretical framework of Labovian sociolinguistics, we did field research to collect informal conversations, and based on geolinguistics, we elaborated and applied the questionnaire of lexical-semantic field of Cururu, with thirty respondents, subdivided in cururueiros and not cururueiros, considering the age groups – 18 up to 30 and 50 on- and the different sexes. The specific objectives of this study are: i) defining a glossary of Cururu vocabulary, selected through literature and field research, ii) developing a diachronic analysis of the contents of this glossary, comparing the meanings of lexias listed to those found in dictionaries of the eighteenth, nineteenth, twentieth centuries. The examination of these data is done based on dialectological, lexicographical, lexicological and sociolinguistic studies. The results of this research besides permitting the analysis of the degree of recognition and use of forty eight lexicon items, provides a glimpse of the current tradition of Cururu in Piracicaba, region that has in its vocabulary a reflection of natural action and dynamics of language itself, enabling prompt a discussion about the level of maintenance, variation in progress and change of the elements that compose this vocabulary.

Keywords: Dialectical Research. Piracicaba. Lexicon. Cururu. *Caipira* culture

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1 - Comparação da lexia baixão entre os dicionários.....	99
Tabela 5.2 - Porcentagem de escolha da lexia baixão entre os entrevistados.....	99
Tabela 5.3 - Comparação da lexia bocudo entre os dicionários.....	100
Tabela 5.4 - Porcentagem de escolha da lexia bocudo entre os entrevistados.....	100
Tabela 5.5 - Comparação da lexia caçoísta entre os dicionários.....	101
Tabela 5.6 - Porcentagem de escolha da lexia caçoísta entre os entrevistados.....	102
Tabela 5.7 - Comparação da lexia gozador entre os dicionários.....	102
Tabela 5.8 - Porcentagem de escolha da lexia gozador entre os entrevistados.....	103
Tabela 5.9 - Comparação da expressão tirar sarro entre os dicionários.....	104
Tabela 5.10 - Porcentagem de escolha da expressão tirar sarro entre os entrevistados.....	104
Tabela 5.11 - Comparação da lexia canotilho entre os dicionários.....	105
Tabela 5.12 - Porcentagem de escolha da lexia canotilho entre os entrevistados.....	105
Tabela 5.13 - Comparação da lexia cantador entre os dicionários.....	106
Tabela 5.14 - Porcentagem de escolha da lexia cantador entre os entrevistados.....	106
Tabela 5.15 - Comparação da lexia cururueiro entre os dicionários.....	108
Tabela 5.16 - Porcentagem de escolha da lexia cururueiro entre os entrevistados.....	108
Tabela 5.17 - Comparação da lexia cantar no livro entre os dicionários.....	109
Tabela 5.18 - Porcentagem de escolha da lexia cantar no livro entre os entrevistados.....	109
Tabela 5.19 - Comparação da lexia caracaxá entre os dicionários.....	110
Tabela 5.20 - Porcentagem de escolha da lexia caracaxá entre os entrevistados.....	110
Tabela 5.21 - Comparação da lexia ruim entre os dicionários.....	111
Tabela 5.22 - Porcentagem de escolha da lexia ruim entre os entrevistados.....	111

Tabela 5.23 - Comparação da lexia fraco entre os dicionários.....	112
Tabela 5.24 - Porcentagem de escolha da lexia fraco entre os entrevistados.....	112
Tabela 5.25 - Comparação da lexia carreira entre os dicionários.....	113
Tabela 5.26 - Porcentagem de escolha da lexia carreira entre os entrevistados.....	113
Tabela 5.27 - Comparação da lexia carreira dura entre os dicionários.....	114
Tabela 5.28 - Porcentagem de escolha da lexia carreira dura entre os entrevistados.....	114
Tabela 5.29 - Comparação da lexia cebolão entre os dicionários.....	115
Tabela 5.30 - Porcentagem de escolha da lexia cebolão entre os entrevistados.....	115
Tabela 5.31 - Comparação da lexia contrário entre os dicionários.....	116
Tabela 5.32 - Porcentagem de escolha da lexia contrário entre os entrevistados.....	116
Tabela 5.33 - Comparação da lexia adversário entre os dicionários.....	117
Tabela 5.34 - Porcentagem de escolha da lexia adversário entre os entrevistados.....	117
Tabela 5.35 - Comparação da lexia Cururu entre os dicionários.....	118
Tabela 5.36 - Porcentagem de escolha da lexia Cururu entre os entrevistados.....	119
Tabela 5.37 - Comparação da lexia desafio entre os dicionários.....	119
Tabela 5.38 - Porcentagem de escolha da lexia desafio entre os entrevistados.....	120
Tabela 5.39 - Comparação da lexia dobra entre os dicionários.....	120
Tabela 5.40 - Porcentagem de escolha da lexia dobra entre os entrevistados.....	120
Tabela 5.41 - Comparação da lexia dobrado entre os dicionários.....	121
Tabela 5.42 - Porcentagem de escolha da lexia dobrado entre os entrevistados.....	121
Tabela 5.43 - Comparação da lexia escrivão entre os dicionários.....	122
Tabela 5.44 - Porcentagem de escolha da lexia escrivão entre os entrevistados.....	122
Tabela 5.45 - Comparação da lexia festeiro entre os dicionários.....	123
Tabela 5.46 - Porcentagem de escolha da lexia festeiro entre os entrevistados.....	124
Tabela 5.47 - Comparação da lexia folha entre os dicionários.....	125

Tabela 5.48 - Porcentagem de escolha da lexia folha entre os entrevistados.....	125
Tabela 5.49 - Comparação da lexia função entre os dicionários.....	126
Tabela 5.50 - Porcentagem de escolha da lexia função entre os entrevistados.....	126
Tabela 5.51 - Comparação da lexia festa entre os dicionários.....	127
Tabela 5.52 - Porcentagem de escolha da lexia festa entre os entrevistados.....	127
Tabela 5.53 - Comparação da lexia reunião entre os dicionários.....	128
Tabela 5.54 - Porcentagem de escolha da lexia reunião entre os entrevistados.....	128
Tabela 5.55 - Comparação da lexia principiante entre os dicionários.....	129
Tabela 5.56 - Porcentagem de escolha da lexia principiante entre os entrevistados.....	129
Tabela 5.57 - Comparação da lexia novato entre os dicionários.....	130
Tabela 5.58 - Porcentagem de escolha da lexia novato entre os entrevistados	130
Tabela 5.59 - Comparação da lexia franguinho entre os dicionários.....	131
Tabela 5.60 - Porcentagem de escolha da lexia franguinho entre os entrevistados	131
Tabela 5.61 - Comparação da lexia improvisador entre os dicionários.....	132
Tabela 5.62 - Porcentagem de escolha da lexia improvisador entre os entrevistados	132
Tabela 5.63 - Comparação da lexia intimidador entre os dicionários.....	133
Tabela 5.64 - Porcentagem de escolha da lexia inmidador entre os entrevistados	133
Tabela 5.65 - Comparação da lexia louvação entre os dicionários.....	134
Tabela 5.66 - Porcentagem de escolha da lexia louvação entre os entrevistados	135
Tabela 5.67 - Comparação da lexia saudação entre os dicionários.....	136
Tabela 5.68 - Porcentagem de escolha da lexia saudação entre os entrevistados	136
Tabela 5.69 - Comparação da lexia malhão entre os dicionários.....	137
Tabela 5.70 - Porcentagem de escolha da lexia malhão entre os entrevistados	137
Tabela 5.71 - Comparação da lexia batida entre os dicionários.....	138
Tabela 5.72 - Porcentagem de escolha da lexia batida entre os entrevistados.	138

Tabela 5.73 - Comparação da lexia pedestre entre os dicionários.....	139
Tabela 5.74 - Porcentagem de escolha da lexia pedestre entre os entrevistados	139
Tabela 5.75 - Comparação da lexia porfia entre os dicionários.....	140
Tabela 5.76 - Porcentagem de escolha da lexia porfia entre os entrevistados.....	141
Tabela 5.77 - Comparação da lexia povoado entre os dicionários.....	142
Tabela 5.78 - Porcentagem de escolha da lexia povoado entre os entrevistados	142
Tabela 5.79 - Comparação da lexia praça entre os dicionários.....	143
Tabela 5.80 - Porcentagem de escolha da lexia praça entre os entrevistados.....	143
Tabela 5.81 - Comparação da lexia regra das dez rimas entre os dicionários.....	144
Tabela 5.82 - Porcentagem de escolha da lexia regra das dez rimas entre os entrevistados.....	144
Tabela 5.83 - Comparação da lexia repente entre os dicionários.....	145
Tabela 5.84 - Porcentagem de escolha da lexia repente entre os entrevistados.....	145
Tabela 5.85 - Comparação da lexia tablado entre os dicionários.....	146
Tabela 5.86 - Porcentagem de escolha da lexia tablado entre os entrevistados.....	146
Tabela 5.87 - Comparação da lexia palco entre os dicionários.....	147
Tabela 5.88 - Porcentagem de escolha da lexia palco entre os entrevistados.....	147
Tabela 5.89 - Comparação da lexia tico-tico entre os dicionários.....	148
Tabela 5.90 - Porcentagem de escolha da lexia tico-tico entre os entrevistados.....	148
Tabela 5.91 - Comparação da lexia tagarela entre os dicionários.....	148
Tabela 5.92 - Porcentagem de escolha da lexia tagarela entre os entrevistados.....	149
Tabela 5.93 - Comparação da lexia verso batido entre os dicionários.....	149
Tabela 5.94 - Porcentagem de escolha da lexia verso batido entre os entrevistados.....	150
Tabela 5.95 - Comparação da lexia verso encontrado entre os dicionários.....	151
Tabela 5.96 - Porcentagem de escolha da lexia verso encontrado entre os entrevistados.....	151

Tabela 6.1– Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical entre os diferentes grupos.....	163
--	-----

Tabela 6.2 – Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção.....	164
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Baixão.....	98
Quadro 2 –	Bocudo.....	100
Quadro 3 –	Caçoísta.....	101
Quadro 4 –	Sinônimo de caçoísta: gozador.....	102
Quadro 5 –	Sinônimo de caçoísta: tirador de sarro.....	103
Quadro 6 –	Canotilho.....	104
Quadro 7 –	Cantador.....	106
Quadro 8 –	Sinônimo de cantador: cururueiro.....	107
Quadro 9 –	Cantar no livro.....	108
Quadro 10 –	Caracaxá.....	109
Quadro 11 –	Sinônimo de caracaxá: ruim.....	110
Quadro 12 –	Sinônimo de caracaxá: fraco.....	111
Quadro 13 –	Carreira.....	112
Quadro 14 -	Carreira dura.....	114
Quadro 15 –	Cebolão.....	115
Quadro 16 –	Contrário.....	116
Quadro 17 –	Sinônimo de contrário: adversário.....	117
Quadro 18 –	Cururu.....	118
Quadro 19 –	Sinônimo de Cururu: desafio.....	119
Quadro 20 –	Dobra.....	120
Quadro 21 –	Sinônimo de dobra: dobrado.....	121
Quadro 22 –	Escritureiro.....	122
Quadro 23 –	Festeiro.....	123

Quadro 24 –	Folha.....	124
Quadro 25 –	Função.....	126
Quadro 26 –	Sinônimo de função: festa.....	127
Quadro 27 –	Sinônimo de função: reunião.....	128
Quadro 28 –	Principiante.....	129
Quadro 29 –	Novato.....	130
Quadro 30 –	Franguinho.....	131
Quadro 31 –	Improvisador.....	132
Quadro 32 –	Intimidador.....	133
Quadro 33 –	Louvação.....	135
Quadro 34 –	Sinônimo de louvação: saudação.....	136
Quadro 35 –	Malhão.....	136
Quadro 36 –	Sinônimo de malhão: batida.....	138
Quadro 37 –	Pedestre.....	139
Quadro 38 –	Porfia.....	140
Quadro 39 –	Povoado.....	141
Quadro 40 –	Sinônimo de povoado: praça.....	142
Quadro 41 –	Regra das dez rimas.....	143
Quadro 42 –	Repente.....	145
Quadro 43 –	Tablado.....	145
Quadro 44 –	Sinônimo de tablado: palco.....	146
Quadro 45 –	Tico-tico.....	147
Quadro 46 –	Sinônimo de tico tico: tagarela.....	148
Quadro 47 –	Verso batido.....	149
Quadro 48 –	Verso encontrado.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 CULTURA CAIPIRA	25
1.1 Piracicaba	27
1.2 Formação de Piracicaba	28
1.3 Economia	30
1.4 Cultura	31
2 CURURU	33
2.1 A origem do Cururu	33
2.2 Definição do Cururu	37
2.3 A organização do Cururu	40
2.4 As rimas do Cururu	42
2.5 Pré-glossário do Cururu	48
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA	65
3.1 Lexicologia	65
3.2 Sociolinguística	72
3.3 Dialetoлогия	79
3.4 Definição dos termos usados na pesquisa	82
4 PESQUISA DE CAMPO	86
4.1 Coleta de dados: procedimentos	86
4.2 Classificação e seleção dos sujeitos	92
5 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO CURURU PIRACICABANO	95
5.1 Glossário do Cururu piracicabano	150
CONCLUSÃO	162

REFERÊNCIAS.....167

INTRODUÇÃO

A religiosidade sempre esteve intrinsecamente relacionada à cultura caipira, sendo responsável pela maior parte dos encontros sociais. Os dias santos estabelecidos pela igreja católica eram respeitados pela população encontrada no interior do estado e tida como caipira; nesses dias, então, ninguém trabalhava, pois poderia ser entendido como um sinal de desrespeito, o que poderia trazer algum malefício. Nesse contexto de festa religiosa, podemos observar frequentemente o Cururu, realização artística e folclórica muito característica do interior paulista.

Tendo em vista isso, procuraremos, neste trabalho, encontrar na música folclórica tradicional dessa região, como é o caso do Cururu, um campo privilegiado para a observação, especialmente do léxico, da articulação entre o moderno e o tradicional, já que essas manifestações carregam consigo o tradicionalismo cultural e a modernização pela qual sua comunidade passou.

A pesquisa semântico-lexical depende muito dos personagens e da história que pretendemos investigar. É por meio das palavras que eles traduzem suas experiências, suas vivências, nomeiam seu universo; por essa razão os que participaram do presente trabalho vão, no decorrer da pesquisa, tornando-se coautores dela.

Por essa razão, os dados linguísticos, coletados durante a pesquisa, revelam os discursos da comunidade estudada, por meio deles é possível perceber as transformações sócio-históricas dessa localidade, mesmo que implicitamente. Sobre essa questão afirma Barbosa (2009, p. 354):

Como se observa, no espaço, impõe-se igualmente a presença humana e um sistema de valores que se transforma constantemente. No espaço, há, portanto, sujeitos que exercem uma atividade discursiva. Enquanto membros dessa comunidade linguística, a todo instante, esses sujeitos produzem discursos que contém sentimentos, crenças e valores, relacionados com um espaço que pode ser dito sócio-histórico.

Como já foi dito, nossa investigação tem como objeto de estudo o vocabulário utilizado pelos cantadores de Cururu, espécie de repente do interior de São Paulo,

característico da região conhecida como Médio Tietê paulista. E, a fim de realizarmos esta pesquisa, escolhemos uma das cidades que compõem tal região, a cidade de Piracicaba. Localizada a 138 km de distância da capital paulista, cidade, que a princípio, ganhou destaque durante o período das bandeiras, por ter em seu principal rio, que dá nome à cidade, uma importante via de locomoção para o desbravamento do interior do país.

A escolha de Piracicaba está baseada em um dado histórico-cultural, uma vez que a manifestação do Cururu se dá em outras localidades dessa região, como Sorocaba, Laranjal Paulista e Itapetininga. Determinamos a localidade por acreditarmos que a história de Piracicaba está contida no imaginário popular como uma cidade referência da tradição caipira de São Paulo, bem como pelo fato de ser conhecida por manter suas origens tradicionais. Assim, procuraremos investigar, por meio do levantamento do vocabulário do Cururu, seguido por aplicações de questionário, se nessa cidade e especificamente com essa tradição há tendência de manutenção cultural refletida em seu léxico.

Historicamente, a formação linguística brasileira foi marcada pelas diversas influências que motivaram as alterações na língua trazida pelo colonizador; essas alterações são revestidas de cunho histórico-social, como afirma Mello (2008, p. 308):

O que se notou no Brasil foi uma crescente expansão do português após meados do século XVIII, resultante de mudanças desencadeadas pela transferência da Corte e da ampliação da escolarização a partir do século XIX. A partir de então, poder-se-ia dizer que estava formada uma língua portuguesa do Brasil, com suas características peculiares, adquiridas e desenvolvidas ao longo dos séculos, a partir de uma base portuguesa, trazida pelos colonizadores, adquirida como segunda língua por milhões de africanos e por novos indígenas, e em permanente evolução através da transmissão e contato linguísticos.

Reconhecendo essa gama de influências, percebemos a necessidade de buscar aporte nas disciplinas da área de humanas que se preocupassem com semelhantes questões, com o intuito de somar esforços e firmar a tentativa de obter uma visão mais ampla desse universo.

Nesta presente pesquisa, apoiamo-nos na dialetologia, na lexicologia e na sociolinguística, com os devidos recortes, para levantarmos e analisarmos os dados que pretendíamos, a partir das escolhas feitas pelos sujeitos da pesquisa.

A dialetologia é a disciplina que coleta e estuda as variantes e as variações locais de um mesmo idioma, dividindo esses dialetos regionais geograficamente. Tomamos como exemplo as pesquisas realizadas por Amadeu Amaral, com sua obra *O dialeto caipira*. Nela, o

autor apresenta uma preocupação com o processo de dialeção do português do Brasil, assunto esse que não havia ainda recebido muito interesse nem sistematização, como podemos perceber na fala de Amaral (1982, p. 43), na introdução de sua obra:

Fala-se muito num ‘dialeto brasileiro’, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.

Amaral atenta para a importância de se realizar a pesquisa *in loco*, conhecendo de fato os integrantes dessa modalidade de fala e evitando-se, assim, as conclusões distantes da verdadeira realidade dos fatos. Para tanto, ele afirma:

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente (AMARAL, 1982, p. 43).

O trabalho de Amaral (1920) é, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 40), um marcador de uma segunda fase da dialetologia no Brasil, pois a partir de seu trabalho verificou-se a necessidade de estabelecermos uma metodologia que sistematizasse e orientasse os trabalhos dialetais e também a contundente necessidade de se ir a campo a fim de verificar o fato estudado.

Dá, assim, aos que a ele sucederiam no tempo e no campo da investigação dialetal, as linhas básicas para um trabalho sério: a observação imparcial; a sistemática, o método, no trabalho; a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras recolhidas permitiam; e, por fim, a importância da verificação pessoal dos fatos e da sua constatação, eliminando-se tudo o que ficasse no terreno hipotético ou no campo da incerteza.

Foi o método geolinguístico da dialetologia que nos deu suporte na investigação de nosso trabalho, fornecendo-nos ferramentas que nos ajudassem a pensar, a projetar e a conduzir nossa pesquisa. Indicou também a escolha do local, a seleção dos sujeitos da pesquisa e os elementos lexicais coletados, para assim, somada a outras disciplinas que tratam do léxico, contribuir com esta investigação.

A lexicografia, conhecida como a ciência dos dicionários, preocupa-se com o registro do funcionamento e do significado de uma unidade lexical. E tem na lexicografia uma disciplina aplicada, que se ocupa da elaboração de dicionários, vocabulários, glossários.

A lexicologia contribuirá com nosso trabalho em dois aspectos: a) o primeiro, em dar-nos suporte para a construção de um glossário do léxico que envolve o campo semântico-lexical do Cururu; b) e, a partir desse glossário, teremos a segunda contribuição dessa disciplina, pois faremos uma pesquisa em algumas das obras lexicográficas de língua portuguesa, subsidiando as análises feitas a partir de seus contextos de uso e para compreender a época a que se reportam.

Por fim, teremos como base teórico-metodológica para nossa investigação a sociolinguística, disciplina que estuda a língua em seu contexto de uso e postula que não apenas os fatores linguísticos, internos ao sistema de uma língua, são capazes de explicar toda a diversidade que há em cada sistema linguístico e, por essa razão, vê na correlação com os fatores sociais, sendo eles de qualquer natureza, fatores imprescindíveis para se entender melhor os processos linguísticos. Por acreditarmos também que é na fala cotidiana e descompromissada que podemos buscar dados para nossa pesquisa, pautamo-nos com ênfase nos conceitos da sociolinguística.

Ao adentrarmos no espaço que escolhemos para nossa pesquisa, deparamo-nos com diferentes pessoas que podem contribuir com ela, e nesse contexto a sociolinguística nos oferece valiosas ferramentas que nos permitem fazer as análises dos aspectos linguísticos a partir de fatores extralinguísticos, levando-se em consideração a classe social, o sexo, a escolaridade, a etnia, a religião e os costumes do sujeito da pesquisa.

A utilização dessas três disciplinas no presente trabalho tem como meta maior veracidade e propriedade com relação aos resultados obtidos. Sendo assim, buscando maior compreensão e registro das variedades do povo brasileiro, os recortes delas colaboram para:

Dialetologia: por meio das diretrizes da geolinguística, realizar a coleta dos itens lexicais, baseada na pesquisa de campo dividida em três fases. Primeiramente, estabelecessem o local, os sujeitos, o questionário e o inquiridor. Por final, faz-se a seleção do que será submetido à análise.

Lexicologia: elaboração de glossário que subsidiará a construção de tabela comparativa das palavras selecionadas, contendo as acepções dadas pelas obras lexicográficas e o contexto de uso dado pelos sujeitos.

Sociolinguística: escolha dos sujeitos da pesquisa a partir de variáveis sociais, atentando para o local de pesquisa e ao que se pretende investigar.

Ainda com a intenção de deixar esclarecida a razão de termos feito o recorte dessas três disciplinas, utilizamo-nos de algumas considerações que julgamos corroborativas.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 19), são muito tênues os limites que separam a sociolinguística da dialetologia, já que ambas preocupam-se com as questões da diversidade da língua. Segundo elas:

Na verdade, definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como, aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de dialetologia e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala.

A história da dialetologia brasileira é marcada pela produção de Amaral (1920), Nascentes (1923) e Silva Neto (1950), cujos trabalhos defendiam a pesquisa das variantes existentes no Brasil país. Foram eles que sentiram intuitivamente a necessidade de serem estipuladas normatizações para o procedimento da pesquisa dialetológica.

Outros autores os sucederam, como Cunha (1960). De acordo com esse autor, para se obter o conhecimento da língua, é preciso dedicar-se ao estudo dela e não mais ao compêndio de regras que nos imobilizam. Foi ele quem reafirmou a necessidade de se executarem os atlas linguísticos no Brasil.

Por meio desses trabalhos, foi possível a verificação e a constatação das diferenças de registros que marcam o nosso falar em cada região do Brasil. Essas variações foram percebidas e registradas por diferentes enfoques: morfológico, sintático, fonético-fonológicos e lexicais, revelando-se um Brasil diferente em toda a sua extensão, mas ao mesmo tempo sem se distanciar de sua matriz portuguesa.

O trabalho da pesquisa linguística tem o desafio de abranger as características de duas disciplinas, a dialetologia e sociolinguística, uma vez que é conhecida a realidade de que falamos diferentemente ao longo da extensão territorial brasileira mas também é fato que essas diferenças são influenciadas pelas experiências pelas quais passaram sua população e até mesmo considerando-se as individualidades. É nesse sentido que acreditamos não ser possível dissociar o registro, conduzido pela dialetologia e pelas motivações, reveladas pela

sociolinguística.

É nessa perspectiva que concebemos nosso trabalho, analisando e considerando as variedades linguísticas como fruto de uma tradição histórico cultural, conforme pondera Mollica (2004, p. 27), para a qual “tanto os fatores linguísticos como os sociais não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Em Piracicaba, buscamos entender como se deu a formação desse território, povoado a partir da necessidade de um entreposto comercial nas trilhas bandeirantes, local de mescla de cultura e língua, que ainda mantém resquícios dessa origem.

Ao longo desse trabalho, que exigiu pesquisa de campo, tivemos de ingressar na comunidade estudada, entrando em contato com os moradores mais antigos, cantores de Cururu, realizando conversas de caráter informal, a fim de poder estabelecer um relacionamento favorável à pesquisa linguística.

O glossário aqui apresentado constitui-se a partir das lexias obtidas por meio das entrevistas livres sobre a manifestação do Cururu, da bibliografia pesquisada sobre o assunto e de letras de música que ou escutamos ao vivo ou gravações cedidas pelos próprios cururueiros e moradores da região ou ainda encontradas na Internet.

Essas conversas tiveram como tema central o Cururu que juntamente com os cururueiros da cidade, recolhemos informações do funcionamento do Cururu, dos ícones que representaram com notoriedade a cidade, histórias engraçadas que ocorreram durante os torneios. Pudemos também apreciar um pouco desse repente na voz dos cururueiros que quiseram demonstrar sua arte e finalmente alguns apontamentos dessas pessoas sobre o futuro dessa manifestação artística e folclórica na cidade, já que não há jovens interessados em aprendê-la.

O capítulo I traz um curto apanhado histórico da formação da cultura caipira de São Paulo. O modo de vida, as relações sociais e o ambiente que contribuíram para a caracterização do tipo caipira. Além disso, esse capítulo também apresenta um breve histórico da formação da cidade de Piracicaba, sua importância e situação no cenário paulista, revelando de qual maneira tradicionalmente a cidade é vista, como sendo local de preservação da cultura caipira, em que se insere o Cururu.

No capítulo II, faz-se uma breve descrição do Cururu, sua história, seus elementos e modo como essa manifestação acontece ainda hoje. Apresenta-se ainda, nesse capítulo a lista

algumas das lexias que compõem o glossário e que serão estudadas neste trabalho, obtidas a partir das entrevistas livres, pela bibliografia consultada sobre o assunto e pelas respostas dadas ao questionário aplicado.

No capítulo III, apresenta-se a fundamentação teórica metodológica, a partir das leituras das disciplinas que serviram de base para realização deste trabalho. Trataremos dos recortes científicos que fizemos, na expectativa de entender o fenômeno linguístico estudado. Para isso, faremos sucinta conceituação das disciplinas envolvidas no processo, quais sejam: a dialetologia, a lexicologia e a sociolinguística.

O capítulo IV relata como se deu a nossa introdução na cidade, como foi feita a localização e a escolha dos sujeitos da pesquisa, além de apresentar a metodologia empregada na recolha do material que compõe o glossário.

O capítulo V apresenta o objetivo principal deste trabalho, a de investigar os aspectos semântico-lexicais do Cururu piracicabano, observando as variedades utilizadas pelos diferentes grupos, isto é, os mais jovens e os mais idosos não envolvidos com o Cururu, bem como o grupo de cururueiros, tradicionais e não tradicionais. Para que isso fosse possível, organizamos as lexias em quadros comparativos que contêm as abonações, dadas pelo uso dos moradores de Piracicaba, a frequência com que elas aparecem em cada população analisada e as diferentes acepções encontradas no acervo lexicográfico pesquisado, composto pelas obras dos seguintes lexicógrafos: Bluteau (1712 – 1728), A. M. Silva (1813), Vieira (1871-1874), Freire (1957), Aulete (1964), Ferreira (1995), Michaelis (1970), Borba (2002) e Houaiss (2003). Há com tal apresentação o propósito de possibilitar uma compreensão segura dos dados aqui apresentados.

Diante do todo o exposto, reitera-se, nesta dissertação, a intenção de levantar o vocabulário do léxico do Cururu piracicabano, juntamente com seu glossário, com a finalidade de colaborar para melhor compreensão dessa manifestação artística e folclórica do interior paulista.

1 CULTURA CAIPIRA

Com o intuito de estudar o vocabulário do Cururu, entendemos ser importante compreender como está inserida dentro da cultura caipira essa tradição. Além disso, como delimitamos nossa pesquisa à cidade de Piracicaba, também acreditamos ser interessante conhecer brevemente alguns aspectos culturais, sociais e econômicos dessa região, para com isso entender as generalidades que compõem o tema abordado. Para isso, faremos um curto levantamento histórico, nesse capítulo, da cultura caipira e dentro dela um breve apanhado da história piracicabana.

A população residente no interior paulista, denominada caipira, teve sua formação histórica como resultado de uma sociedade constituída por um tipo que Antonio Candido, em sua obra *Os parceiros do rio Bonito* (2001), chamou de *aventureiro*. Esse tipo, segundo o autor, ao contrário dos índios cativos, dos negros escravos e até dos italianos imigrantes, não aceitava a submissão imposta por qualquer senhor ou patrão, mas, sim, havia neles um sentimento de igualdade.

Tal espírito aventureiro e sentimento de igualdade são herança de seus progenitores, os bandeirantes. Desbravadores e exploradores de terras que não levavam consigo o desejo de se estabelecer, mas sim praticavam uma atividade nômade e predatória, da qual o caipira teve sua origem.

Percebemos que as formas extrativistas de produção desenvolvidas pelos caipiras estão muito atreladas às do índio, nas quais há o conceito de equilíbrio ecológico, pois se vivia uma vida seminômade, que não exigia técnica avançada para a agricultura, já que quando um solo se esgotava, por queimadas ou variadas colheitas, bastava procurar outras terras férteis. Esses fatos implicaram na caracterização da organização social do caipira, pois, sobrevivendo dessa forma, não era necessária a busca por novas tecnologias ou mercado consumidor para sua produção e, em consequência, havia um reduzido contato inter-humano.

A cultura caipira nasce, então, da combinação do espírito aventureiro do colonizador, o bandeirante, e da cultura de subsistência do índio, caracterizada, dessa forma, pela atividade da coleta, da pesca, da caça, de uma técnica agrícola muito rudimentar e do nomadismo. Candido (2001, p. 112) conclui: “daí a estabilização da vida caipira nos planos biológico e social, em torno de padrões mínimos, que, encerrando o agricultor num círculo fechado,

tornavam-se fator pouco favorável ao desenvolvimento de atividade intensa”.

A partir do século XVIII, quando a expansão econômica passou a exigir um maior cuidado legal na configuração da propriedade da terra, estabelecendo-se no interior paulista grandes latifúndios, graças ao plantio da cana-de-açúcar e do braço escravo, o nomadismo já não era mais uma atividade praticável. E o pequeno proprietário de terra ou aquele que apenas vivia do que a terra oferecia teve de se reorganizar cultural, social e economicamente.

Os ditos caipiras, que, devido a sua atividade seminômade, não costumam estabelecer residência em parte alguma por muito tempo, apenas construíam formas de acampamentos para que pudessem permanecer e guardar seus pertences, no período em que estivessem naquele local. Eles tiveram, nessa nova organização, de encontrar novas formas de moradia.

Nasciam, assim, as vilas, pequenas comunidades as quais os já então pequenos sitiantes, posseiros e agregados frequentavam, a fim de trocar suas produções, buscar alguma mercadoria e também de socializarem-se.

Como já dissemos, o tipo caipira definiu-se pelo seu modo de produção de subsistência e, como definiu Candido (2001, p.112): “podemos dizer que o desamor ao trabalho estava ligado à desnecessidade de trabalhar, condicionada pela falta de estímulos prementes, a técnica sumária e, em muitos casos, a espoliação eventual da terra obtida por posse ou concessão”. E por isso havia muito tempo dedicado ao lazer, especialmente nesses pequenos centros, as vilas.

Candido (2001) acredita serem esses momentos de lazer um fator positivo de equilíbrio biossocial, já que essa sociedade era acometida pela subnutrição e por diversas verminoses e moléstias tropicais. Sendo assim, essas reuniões sociais proporcionavam uma oportunidade para a caça, a pesca e manufaturas domésticas, garantindo melhor alimentação, além da interação social.

A forte religiosidade presente na cultura paulista contribuía para esses encontros sociais. Sempre havia um dia santo a ser celebrado. Contudo, os festejos eram permitidos, logo seguidos da celebração da missa; as pessoas se reuniam, trocavam informações, podiam negociar, cantar e dançar, ou seja, estabelecia-se ali uma oportunidade de participarem ativamente de seu meio social.

Dentro desse contexto religioso e festivo, encontramos o Cururu, manifestação artístico-cultural do interior paulista. Neste trabalho, pretendemos investigar essa

manifestação e o campo lexical que a envolve. Para isso estudaremos essa realização na cidade de Piracicaba, onde ainda encontram-se muitos cururueiros que mantêm viva essa tradição do folclore paulista.

1.1 Piracicaba

Piracicaba, que eu adoro tanto,
Cheia de flores, cheia de encanto
Ninguém compreende
A grande dor que sente
Um filho ausente a suspirar por ti
Newton de Mello

Tradicionalmente, a cidade de Piracicaba é lembrada por ser berço e manter viva a tradição da cultura caipira paulista. A seu respeito encontramos músicas, causos e lendas que tornam a cidade um centro privilegiado de manutenção cultural.

Entre as manifestações folclóricas que lá encontramos, podemos destacar a Congada, a Catira, o Cateretê, a Festa do Divino e o Cururu. Essas tradições folclóricas, que caracterizam a cultura da cidade, estão passando por processos de modificação, pois sofreram influência resultante do contato com os centros urbanos, bem como novas tecnologias. O Cururu, manifestação cultural que é objeto de nossa pesquisa, também sofreu com essas alterações socioculturais e, aqui, neste capítulo, procuraremos trazer a descrição do Cururu paulista tradicional e apontar as inovações nele percebidas, além de situá-lo dentro do espaço em que o observamos, a cidade de Piracicaba.

Piracicaba, cidade do interior de São Paulo, localizada a 138 km da capital paulista, é hoje o 19º município em extensão territorial do Estado de São Paulo, contando ao longo dos anos e ainda hoje com ótimas condições para seu desenvolvimento.

De lá, o acesso à capital paulista é facilitado devido às rodovias próximas. A cidade também conta com o facilitador da produção de energia elétrica, graças ao aproveitamento das águas do rio Piracicaba, e ainda com a proximidade da refinaria de petróleo de Paulínia. Esses fatores têm contribuído e atraído empresas nacionais e internacionais, que perceberam na cidade uma localidade favorável para a instalação de seus empreendimentos.

A economia da cidade também se diversifica entre a produção da metalurgia, da agricultura, marcada principalmente pela produção da cana-de-açúcar e da pecuária. Devido ao seu grande número de habitantes, o comércio de Piracicaba é bem atuante.

A cultura e o lazer é outro setor valorizado na cidade, contando com teatros, cinemas, centros culturais, parques e museus.

Em determinadas épocas do ano, como na quaresma, pode-se observar a tentativa da manutenção da tradição cultural dessa região, durante as apresentações religiosas em homenagens aos santos ou outras representações. Nessas manifestações, é possível perceber variadas representações artísticas, tais como no canto, na dança, na pintura, no artesanato, nas apresentações em geral, e, em meio a essas tradições, escolhemos uma, o Cururu.

1.2 Formação de Piracicaba

A fim de entendermos melhor a formação da cidade de Piracicaba, nos voltamos para a história do estado de São Paulo, de como se deu a divisão territorial da região e de como os interesses econômicos influenciaram essas decisões.

O rei de Portugal, D. João III, em 1532, determina a primeira divisão administrativa do território brasileiro, entregando cartas de doação de capitanias hereditárias às pessoas que tivessem recursos e aptidões para a colonização das terras da colônia.

O território foi, então, dividido em quinze partes e os direitos dos proprietários eram bastante amplos, já que a doação era perpétua e o donatário passava a ser o governador das terras, o que lhe atribuía poderes de todas as áreas, quais sejam, o setor administrativo, executivo, judiciário, fiscal e militar.

A história de São Paulo liga-se à da capitania de São Vicente e Santo Amaro de Martim Afonso de Souza, sendo que Piratininga, cidade de São Paulo, foi denominada sede da capitania de São Vicente em 1681.

A descoberta do ouro em algumas regiões do território brasileiro fez com que Portugal reouvesse algumas das capitanias particulares, tornando-as capitanias reais. Foi no ano de 1709 que Portugal comprou as capitanias de São Vicente e Santos, criando, assim, um novo território, a Capitania Real de São Paulo e Minas de Ouro, com sede em Ouro Preto.

Com o passar do tempo, os territórios foram sendo desmembrados, com a criação, por exemplo, da capitania de Minas Gerais, em 1720. Mais tarde, São Paulo perdeu não

somente os territórios do que hoje são os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, mas também sua autonomia administrativa, o que pode ser percebido na fala de Sylos (1976, p.4), o qual diz que:

[...] para humilhar os paulistas, a corte portuguesa, retira-lhes o governo próprio e a Capitania de São Paulo é subordinada ao Rio de Janeiro por alvará régio de 9 de maio de 1748. São Paulo passou a ser governada por preposto residente da fortaleza de Santos. A capitania só foi restaurada por Dom José I aos 6 de Janeiro de 1765. Por fim, em 1853, foi criada a província do Paraná, perdendo São Paulo seu último território.

Sabendo que um dos direitos dos capitães de terras ou dos governadores das capitanias era o de conceder extensões de suas terras a donatários, com a obrigação de colocar a propriedade em cultivo em no máximo três anos, a sesmaria de Piracicaba foi concedida pelo capitão-mor Manuel Peixoto da Mota, em 1663, como podemos observar no documento a seguir:

Cidade importante e florescente, situada entre noroeste e SNO. Da capital, em uma formosa colina à margem esquerda do rio *Piracicaba*. A primeira sesmaria concedida neste lugar foi a de Pedro Moraes Cavalcanti pelo capitão-mor Manuel Peixoto da Mota a 15 de novembro de 1663. O peticionário alegou que ia povoar com toda a sua família, de uma a outra banda do rio Piracicaba, ficando o salto do meio (*Cartório da tesouraria da fazenda de São Paulo, livro 11 de sesmarias antigas*); mas o seu incremento só começou pela aglomeração de lavradores atraídos pela fertilidade extraordinária de seu solo, pelos anos de 1740 a 1748; depois, em 1769, deu-lhe algum impulso o capitão-general Dom Luís de Sousa, no intuito de fazer abrir uma estrada que facilitasse as comunicações com os territórios da margem do Paraná (DORIZOTTO, 2008, p. 115).

Oficialmente, a ocupação de Piracicaba deu-se em 1693, por Pedro Moraes de Cavalcanti; contudo, um aumento populacional só foi percebido com o desenvolvimento da mineração no Mato Grosso, com o estabelecimento de uma população a beira-rio. Esse fato pode ser observado no seguinte documento transcrito:

Ill.mo. e Ex.mo. Snr' – Dezejando dar providencia sobre a falta que ha de Povoações civis nesta Capitania, tenho disposto mandar formar seis em differentes partes que me pareceram as mais proprias, e as mais uteis pela sua cituação, cômmodidade, e fertilidade do Paiz, e são as seguintes:

1ª – Huma na Barra que faz o rio de Pirassicaba entrando no rio Tietê, dez legoas mais adiante de Araraytagua ultima povoação em que se embarca para Cuyabá, para que os que fazem essas viagem tenham escala mais abayxo em que possam refazer-se : escolhi para Director della a Antonio Correa Barboza.

[...]

Deos Guarde a V. Ex.^a São Paulo 24 de Dezembro de 1766. – D. Luiz Antônio de Souza (DORIZOTTO, 2008, p. 119).

Com a descoberta do ouro em Cuiabá, os paulistas migraram para a região centro-oeste em busca de riquezas e deu-se início a rota das monções, na qual cidades como Itu e Araritaguaba eram referências da rota fluvial. O comércio das monções perdurou por mais de um século e a vila de Itu, durante todo o século XVIII, tornou-se um ponto estratégico de apresamento de mão de obra indígena escrava; por essa razão, a vila de Itu recebeu grande estrutura econômica, enquanto São Paulo vivia em processo de estagnação.

Tal situação começou a mudar entre os anos de 1723 e 1725, com a construção de uma estrada ligando São Paulo a Cuiabá, passando pelo local onde seria a futura sede do município de Piracicaba.

Encerrado o ciclo do ouro, os paulistas tiveram de voltar para suas terras e trabalhar nelas. Na busca de desbravar novos territórios e torná-los produtivos, deu-se início ao ciclo dos bandeirantes.

O rio Piracicaba, por ter como característica seguir para o interior e não para o mar, foi um dos caminhos privilegiados para seguir ao sertão. Por ele, conduziam-se desbravadores, provisões, armas e equipamentos. O rio, assim sendo, foi o responsável pela povoação do território, pelo nome da cidade e por seu desenvolvimento.

1.3 Economia

A história recente de Piracicaba é marcada pela produção da cana-de-açúcar e seus subprodutos, seu território plano, situado na chamada depressão periférica paulista em uma faixa de terrenos sedimentares, e as condições climáticas contribuíram para a escolha dessa cultura. Contudo, até 1765 quase não se via esse tipo de plantação em São Paulo. Foi com o governo de Morgado de Mateus que se observou um aumento do número de povoações baseadas no desenvolvimento agrícola e, entre as culturas desenvolvidas, implantou-se na região a da cana-de-açúcar.

Nos anos seguintes, acompanhou-se uma crescente expansão agrícola, os campos eram cobertos pelos diferentes cultivos de arroz, feijão, milho, algodão e fumo, além das pastagens reservadas para a pecuária.

Hoje, Piracicaba está localizada em uma das regiões mais industrializadas e produtivas do estado e conta com mais de cinco mil indústrias em seu complexo industrial,

englobando as mais variadas atividades dos setores metalúrgico, mecânico, têxtil, alimentício e petroquímico.

No setor agrícola, destacam-se as culturas da cana-de-açúcar (10 milhões de toneladas por ano), do café (1 milhão de pés) e da laranja (6 milhões de pés). A pecuária também tem sua representatividade, com um rebanho de mais 150 mil cabeças de gado, mais de sete milhões de aves e uma área de 124 mil hectares de pasto (ERCOLIN, 2005, p. 50).

1.4 Cultura

Com 358.108 habitantes, Piracicaba, já no século XIX, destacava-se no cenário do estado paulista, pela valorização dada à cultura e à educação. Segundo Ercolin (2005, p.69), ex-secretária de educação do município, “ao final daquele século, Piracicaba contava com grande número de escolas e se orgulhava de ser a cidade com o maior número de pessoas alfabetizadas em toda a província”.

Ercolin (2005, p. 69) ainda destaca a tradição piracicabana no cenário artístico-cultural, elencando nomes de vários artistas nascidos na cidade, no livro que coordenou homenageando a região:

A ênfase dada à educação e Cultura e às artes e ofícios configurava um projeto fortemente estimulado pelos liberais republicanos. As artes piracicabanas foram marcadas por um grande incentivador e patrono, Miguel Arcanjo Benício da Assumpção Dutra, o Miguelzinho, que alcançou reconhecimento nacional e legou à cidade uma família de grandes artistas.

Nas mais variadas áreas artísticas, encontramos representação em Piracicaba, reunindo artistas de alto nível, cuja produção destaca-se nos cenários nacional e internacional. Uma das razões para essa profícua produção é a criação de espaços destinados à divulgação e promoção desse conhecimento, tais como os salões oficiais de Belas-Artes, de Arte Contemporânea e o salão internacional de Humor, onde são desenvolvidas não apenas apresentações, mas também oficinas destinadas aos professores da região, permitindo maior acesso ao conhecimento das artes.

Além dos salões citados, destinados a manter e a promover a cultura piracicabana, há ainda a tradição das festas populares, que atraem muitos turistas todos os anos à cidade, tais

como a Festa do Divino, a Festa das Nações, a Festa do Milho Verde, a Festa de São João de Tupi, o Carnaval, entre outras.

São manifestações, muitas vezes, de cunho religioso, que reúnem multidões, a fim de prestar homenagem ao santo daquela ocasião. Por razão desses festejos, podemos observar uma tradição, também artística, que já teve muito prestígio entre os seus, o Cururu.

2 CURURU

A cultura caipira de São Paulo é muito rica e diversa. Ela nos apresenta um leque de tradições culturais que podemos observar e vivenciar em várias cidades do interior e até mesmo da capital e imediações. Dentre essas culturas e manifestações folclóricas, podemos destacar a Catira, a Congada, a Festa do Divino e o Cururu – este último sendo o objeto de estudo de nosso trabalho. Por acreditarmos que é possível observar na língua um reflexo das alterações sociais vividas por sua comunidade, pretendemos, com este trabalho, entender minimamente como está tal processo linguístico-cultural, particularmente estudando o léxico do Cururu piracicabano.

2.1 A origem do Cururu

Não é tarefa fácil tentar definir a origem do Cururu, pois são variadas as teses que defendem suas diversas origens. O que faremos aqui, pois, será um levantamento dessas teorias relativas ao tema, na tentativa de nos aproximarmos de sua origem mais coerente.

Em um ensaio sobre o Cururu, Candido (1999, p. 13) nos lembra que Mário de Andrade, em suas andanças pelo Brasil, registrando nosso folclore, afirma ter o Cururu suas origens fundadas na cultura ameríndia.

Entre as nossas formas coreográficas, uma das mais espalhadas é o Cateretê ou a Catira, dança de nome tupi. Anchieta para catequizar os selvagens já se aproveitara dela, parece, deformando-lhe os textos no sentido da Religião Católica. Caso mais indiscutível ainda dessa fusão ameríndio-jesuítica é o do Cururu. Em certas festas populares, religioso-coreográficas, tais como a dança de São Gonçalo e a de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de São Paulo, após cada número do cerimonial, dança-se um cururu. Ora, os processos coreográficos desta dança têm um tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos de danças brasílicas com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o Cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festanças religiosas, fora (e talvez dentro) do templo. E esse costume e dança permanecem até agora.

Chiarini (1978), contradizendo a maioria dos folcloristas brasileiros, diz ser mulçumana a origem do Cururu, tendo chegado ao Brasil por intermédio de Portugal, teoria essa que não recebeu muito interesse de discussão.

Há também a tradição oral registrada na obra de Garuti (2003). Diz ele que, em certa vez, indo tocar em Tietê, conheceu o Nhô Zé, um senhor de mais de oitenta anos, na época, que lhe relatou como o Cururu havia surgido.

Para esse senhor, o Cururu surgiu por inspiração das louvações feitas durante as procissões ao Divino Espírito Santo. Relata ele que, depois de o grupo de rezadores ter feito suas visitas, continuavam a andar e a entoar os hinos, mas depois acabavam enjoando daquelas letras e inventavam outras, aproveitando a melodia dos hinos. Diz Garuti (2003, p. 17)

Daí começou o interesse pelo improviso, tanto que nem os hinos tradicionais não se cantava mais, daí foi surgindo os melhores repentistas rezadores que eram sempre procurados pelos festeros para participar do pouso do Divino. (...) E o Cururu foi mudano, foi mudano e tá mudano.

Apesar de percebemos que há algumas discussões a respeito da origem do Cururu, a teoria defendida por Antonio Candido, Mario de Andrade e tantos outros folcloristas tem maior respaldo e, por isso, a tomaremos como parâmetro nesta dissertação.

Para os folcloristas que defendem a origem do Cururu como mistura dos elementos usados na catequese, pelo colonizador, com as tradições indígenas, há ainda uma questão a ser dissolvida, a de como se deu esse processo. Se haveria uma dança indígena da qual proviesse o Cururu e como a catequese pôde favorecer a introdução de uma herança ameríndia aos costumes da colônia.

Candido (1999), estudando a relação do Cururu com sua herança indígena, traz-nos alguns registros importantes, como, por exemplo, o de que não há tradição de Cururu em outras tribos que não a Tupi.

No dicionário de vocábulos brasileiros do Tenente general visconde de Beaurepaire-Rohan (1986), encontramos que Cururu seria o nome tupi para designar qualquer sapo, estando esse animal ligado a mitos dessa tribo para narrar a origem do fogo.

Escreve sobre esse assunto Baldus (1931, p. 212-213):

O roubo do fogo por animais é um motivo muito espalhado na América do Sul. Ora é a raposa a ladra da faísca, ora o sapo. O sapo sempre o é nas tribos da grande família linguística dos Tupi. Que ele haja sido escolhido para tal papel é muito compreensível, porque, como se sabe, este animal tem a capacidade singular de engolir coisas ardentes, como cigarros e brasas, talvez porque os tome por pirilampus.

O mesmo autor ainda nos diz que a “dança do sapo” pode ocorrer durante as encenações desses mitos. Nessas ocasiões, os indígenas, entorpecidos pela fumaça de um cachimbo, dançam e cantam ao redor de uma fogueira, como podemos verificar no relato de Baldus (1931, p. 213- 214)

De repente o chefe acorrou-se e pôs-se a saltitar pelo fogo e a soltar o hu, hu, hu do sapo. Depois tomou uma brasa e pondo-se a assoprá-la, engoliu-a devagar. Isso foi o ponto culminante do baile, mas não o único. A dança durou, quase sem interrupção, a noite toda. E sempre se repetia a cena de engolir a brasa.

Parece ser, então, comum o diagnóstico de que o Cururu deriva diretamente das tribos Tupi e de que não há registro dele em outras tribos ameríndias. A pergunta que ainda nos fica, assim, é de como se deu sua integração aos costumes do povo aqui concebido.

É sabido que os jesuítas, buscando a catequização do povo gentio, aproveitaram-se de alguns ritmos e cantos dos indígenas para que de alguma forma fosse possível essa aproximação.

Com o intuito de levá-los a aceitar a doutrina cristã, os jesuítas pensavam ser possível utilizar as tradições indígenas em suas pregações e depois dissociá-las lentamente do universo do novo cristão. Contudo, o que era para ser uma prática provisória foi criando sua própria tradição, sendo que muito desses rituais pagãos ainda perduram nos festejos cristãos.

A esse respeito, diz Candido (1999, p. 41), em seu ensaio sobre o Cururu:

O desenvolvimento da religião católica no Brasil deu lugar a fenômenos de acentuado sincretismo, em que a pureza das expectativas eclesiásticas foi muitas vezes eclipsada por novas práticas e sentimentos, aberrantes, mas úteis a sua preservação nas novas populações formadas aqui.

Percebemos, dessa forma, que esse processo de aculturação foi demasiado importante para a fixação das sociedades aqui formadas, pois foi por meio de toda essa miscigenação que nascia um povo que poderia ser considerado o mais próximo do legítimo, já que não era nem o colonizador, nem a comunidade autóctone. Era, na verdade, o produto das possibilidades aqui oferecidas, correspondendo às necessidades de integração.

Houve mais tarde um desmembramento dessa massa recém-formada. Uma primeira parte retomou suas características europeias e definiu-se como a classe dominante, de prestígio; já uma segunda parte preservou traços característicos de sua formação, entre o europeu e o indígena, nascendo, assim, a classe considerada caipira, na denominação de Candido (1999).

A música, tanto para a comunidade indígena quanto para a sociedade aqui constituída, era e continua sendo elemento de prestígio entre seus pares. Um bom cantador e tocador de viola tinha pouso e alimento garantidos, além de outros benefícios, como o de reconhecimento entre os índios, pois esses cantores, que dominavam bem a arte da trova, tinham sua vida e de seus descendentes protegidas, devido a sua arte, como podemos observar no registro de Cardim (1939, p. 87): “são muito estimados entre eles os cantores, assim homens como mulheres, em tanto que se tomam um contrário bom cantor e inventor de trovas, por isso que lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos”.

Essa admiração talvez proviesse do conhecimento musical que os índios desenvolveram e por isso sabiam reconhecer bons cantores. Há registros que apresentam elementos da música e da dança indígenas encontrados no Cururu.

Depois de respondidas as questões iniciais, surgem com elas novas indagações. A de que se o Cururu é realmente herdeiro das tradições culturais das tribos tupis, por que temos essa manifestação artística, a princípio, somente em território paulista, visto que a tribo tupi distribuía-se por todo o território litorâneo brasileiro. E por que não ganhou tanta projeção quanto outras produções, como por exemplo, o cordel nordestino.

Respondendo à primeira questão, devemos nos lembrar de quão variadas formas os processos de colonização ocorreram no Brasil, diferenciando, assim, o processo de aculturação nas diferentes regiões do País.

Em regiões em que a coroa portuguesa logo se estabeleceu, por razões políticas e administrativas, como Bahia e Pernambuco, os estratos sociais ficaram bem definidos e delimitados, não havendo forte aproximação entre o dominante e o dominado. Dessa forma, a cultura portuguesa, nesse território, pôde ser implantada quase sem alterações na faixa litorânea e a cultura marginal, a princípio dos índios e, mais tarde, dos negros escravos, na região interiorana.

Fato que não ocorreu nas regiões mais afastadas da influência da coroa portuguesa, como São Paulo, onde essa diferenciação não era tão facilmente notada, e por isso a miscigenação entre povos deu-se mais facilmente, sendo difícil, depois, diferenciá-las ou implantar uma nova cultura, já que aquela já estava consolidada por essa agregação de diferentes elementos culturais. E sobre esse assunto lembra Candido (1999, p. 47)

Em São Paulo, houve, portanto, condições favoráveis e duradouras para a mistura de traços e a formação de uma sociedade relativamente homogênea, onde o fazendeiro, o predador de índios, o descobridor de ouro, o morador, o agregado, estavam muito mais perto um do outro, do ponto de vista racial, cultural e social, do que os latifundiários nordestinos dos seus dependentes, ou dos comerciantes da cidade. Daí

a permanência de traços aborígenes incorporados desde logo e fundidos de maneira harmoniosa na cultura do conquistador.

Quanto à segunda questão formulada, temos alguns indícios da razão de o Cururu não ter ganhado tamanha projeção em nosso país quanto em comparação com outras modalidades artísticas.

Uma primeira explicação seria o fato de o Cururu ser da tradição essencialmente oral, dificultando sua divulgação, pois seriam necessários o transporte de cururueiros e a disponibilidade de lugar e data especiais para que fosse possível sua demonstração. Já o cordel, por exemplo, modalidade de poesia popular escrita, desenvolvida no nordeste brasileiro, tem sua divulgação facilitada e torna-se um artefato permanente, como afirma Luyten (2002, p. 80)

Não há literatura popular no mundo que possua números tão impressionantes de divulgação e de penetração. A paulista não pode competir com a nordestina, a não ser em qualidade. O fato de a poesia do Nordeste ser parcialmente impressa faz com que ela seja muito mais perene e influente.

Outra característica marcante do Cururu que dificulta sua propagação é o fato de ele ser acompanhado, no princípio, por passos de dança, pois a falta desse elemento pode fazer com que seu acompanhamento ou compreensão sejam prejudicados.

Por último, sabemos que a temática do cancioneiro popular paulista é extremamente ligada à religiosidade católica, sua poesia tem sempre o espírito religioso, e o entretenimento pede muitas vezes pelo elemento do cotidiano ou até mesmo do elemento satírico, não sendo possível, assim, conciliá-los.

2.2 Definição do Cururu

O Cururu é um desafio cantado, sendo encontrado na região paulista conhecida como Médio Tietê. Pelos indícios encontrados, sabemos que o Cururu criou-se a partir da mistura de elementos da cultura indígena, prioritariamente a Tupi com a portuguesa, por meio da catequese jesuíta.

De forma sintética, Cascudo (1959, p. 28) diz ser o Cururu “dança, canto em desafio, relacionados com as festas religiosas no plano da louvação popular”.

Em seu nascimento, pois, o Cururu tinha um teor religioso, sempre presente nas louvações de santos católicos, sendo apreciado, então, pelo povo, muito devoto, que aqui se constituía. Assim como afirma Garuti (2003, p. 5), em seu estudo sobre o Cururu:

O povo brasileiro, muito devoto e voltado às origens católico-européias, costuma juntar-se durante as noites de festejo e nos pousos de bandeiras (como no caso do Divino), cantando suas ladainhas em devoção aos santos. A dança (de coreografia pobre, girando sobre si e entorno do altar) e a música do Cururu atingiram a população mestiça, o mameluco tipicamente paulista, o caipira.

Também Candido (1999, p. 50) procura definir o Cururu, afirmando:

As suas formas são várias, mas essencialmente consta de uma dança rodeada em que tomam parte via de regra apenas os homens; de uma saudação aos presentes; uma louvação aos santos e finalmente desafios em que os contendores – sempre dançando- propoem uns aos outros problemas, de fundo religioso ou profano, visando derrotar o adversário e exaltar a própria pessoa.

Interessante o registro de Candido, pois ele trata o Cururu como uma manifestação cantada e dançada, fato que hoje já nem sempre ocorre mais.

Apesar de o Cururu ser encontrado principalmente nessa região paulista, a do Médio Tietê, em cidades como Sorocaba, Tietê e Piracicaba, podemos observar essa manifestação também em Goiás e Mato Grosso.

Em pesquisa realizada por Otávio Ramos e Arnaldo F. Drummond (1978), apenas no município de Cuiabá havia, em 1978, 500 cururueiros ativos.

Também sobre esse assunto, Garuti (2003, p. 5) explica a presença do Cururu em Mato Grosso, dizendo que “com as bandeiras, o costume sobreviveu e se expandiu. Isso explicaria a presença do Cururu primitivo e religioso em Mato grosso, por exemplo, tocado ao som de viola de cocho, cujas terras foram fundadas por bandeirantes sorocabanos”.

Muito do que se tinha na tradição paulista do Cururu foi se perdendo com o passar do tempo e hoje essa cultura é limitada aos versos de seus personagens, os cururueiros. No entanto, em Mato Grosso, o Cururu foi preservado e hoje representa parte do folclore dessa região. Sendo possível ainda hoje observar alguns traços dessa tradição conservados, como, por exemplo, a dança de roda que os integrantes do Cururu fazem ao disputar poeticamente.

O Siriri e o Cururu são dançados principalmente nos meses mais frios do ano. Como manifestações independentes acontecem do fim de maio a princípio de agosto. Como expressões ligadas ao ciclo Joanino, estão presentes em todas as festas da época, dançando-se o Siriri até por volta de vinte e três horas, com participação de homens, mulheres e crianças; acabando o baile, os homens formam rodas de Cururu até o dia seguinte, por volta de oito horas da manhã (ANDRADE, 1981, p. 35).

Além de ainda ser dançado em Mato Grosso, o Cururu lá também preserva a utilização de alguns instrumentos de percussão, muitas vezes confeccionados artesanalmente pelos próprios artistas, sendo eles o ganzá, o reco-reco, as matracas, que percutem no mocho e o adufo.

Segundo Andrade (1981, p. 34), “o ganzá consta de um fragmento de bambu ranhurado no sentido transversal ao comprimento”. Essas ranhuras, então, são friccionadas por um pedaço de pau, um prato, um garfo ou qualquer outro artefato que possa ser esfregado contra o instrumento, para que seja obtido o som esperado da madeira oca.

As matracas são duas varetas utilizadas para bater contra uma espécie de tambor, o mocho, confeccionado com pele animal. Também coberto de pele é o adufo, um pandeiro rudimentar, sendo tal instrumento mais difícil de ser encontrado, atualmente, em rodas de Cururu.

No Cururu mato-grossense, há uma marca que o define e diferencia dos demais Cururus, ou seja, a presença da viola de cocho, instrumento de cordas singular, confeccionado a partir de uma peça única de madeira e com cordas de tripa de animal ou linha de nylon, aproximando-se dos alaúdes europeus. Assim considera Andrade, (1981, p. 71), dizendo que “a viola de cocho se apresenta hoje como um exemplar atual de um ramo de alaúdes muito curtos, com antiquíssima tradição de número reduzido de cordas simples”. Completa ainda o autor que “fundamental, no cocho, é o fato de ser cavado em um pedaço único de madeira, diferença específica de um tipo de alaúdes curtos, que apareceram pela primeira vez no Irã”.

Ainda hoje, é possível encontrarmos mestres artesãos especialistas em fazer violas de cocho e, devido notoriedade e sua representatividade cultural, esse instrumento foi tombado como patrimônio cultural da humanidade, o que contribuiu para a preservação de tal manifestação artística, já que no Mato Grosso caracteriza-se como o principal instrumento do Cururu.

No Cururu, cada folgador se faz acompanhar por seu instrumento, de modo que há tantas violas de cocho quantos cururueiros estiverem presentes na roda. Considera-se ótima a roda que tem de doze a vinte e cinco cururueiros, mas existem-nas com número menor de participantes; com maior número do que vinte e cinco, subdividem-se duas rodas, ou mais, para que todos possam mostrar suas habilidades (ANDRADE, 1981, p. 34).

A respeito da origem do termo Cururu, temos muitas incertezas. Uma das possibilidades é a aproximação com o nome, em tupi, de um sapo, e a referência à dança do sapo que os índios realizavam; daí talvez tenham surgido a manifestação artística e o nome.

Para tal aproximação, Candido (1999) levanta uma hipótese muito interessante, a de que, talvez, o Cururu, como o conhecemos hoje, não derive diretamente da dança do sapo dos Tupi, mas, ao longo dos anos, devido à apropriação jesuíta das manifestações artísticas dos indígenas, o termo Cururu possa ter vindo designar de forma genérica toda dança de roda, sem maiores especificações.

Uma outra vertente parte da hipótese de que o termo Cururu teria surgido a partir do nome de uma planta, *caruru*, planta essa que era cozida junto com feijão, prato esse servido em ocasiões de reza, que muitas vezes eram seguidas pelo tradicional improviso em roda. Dessa forma, as pessoas logo se habituaram a associar o nome da comida à música, como observa Palma (2011, p. 112):

Era costume servir às pessoas um caldo de feijão com caruru, antes de se iniciarem as orações e muitas pessoas que residem na zona rural da região do Médio Tietê, assimilaram o nome “Caruru” para designar o canto de repente, de forma que as pessoas mais antigas, que pressupomos que tiveram mais acesso à cultura em termos de originalidade, se referem ao Cururu como ‘Caruru’.

2.3 A organização do Cururu

O Cururu é geralmente um evento bem organizado pelos seus participantes. Cada cantor respeita sua vez de se apresentar, improvisando versos a fim de responder aos criados pelo seu oponente. Dessa forma, não há um *bate-boca* entre os cururueiros, mas sim apresentações em turnos respeitosos.

Já as circunstâncias em que o evento pode ocorrer são variadas. Os cururueiros podem se encontrar por ocasião de festejos religiosos, tais como nas festas da Santa Cruz, São Gonçalo, do Divino, entre outras do calendário católico. Há ainda a possibilidade de o encontro ser realizado profissionalmente, visto que hoje, até mesmo em função da preservação dessa cultura paulista, há o incentivo de torneios de Cururu, estabelecendo-se, inclusive, premiações. Ou mesmo em rádios locais que ainda preservam um espaço em sua programação para esse tipo de entretenimento.

Outra possibilidade é a de encontros espontâneos entre os tocadores de Cururu em locais públicos, como praças e bares, ou ainda nas residências dos cururueiros ou daqueles que gostam dessa arte como forma de lazer.

Uma das razões para que o Cururu seja organizado é a existência de regras para sua elaboração. Segundo Garuti (2003), a principal delas é seguir rimas. O primeiro a cantar deve estabelecer sua rima, também conhecida como carreira; a partir daí todos os outros cantadores que se seguem a ele no desafio devem respeitar a rima estabelecida.

Explica Garuti (2003, p. 6) que o cantador que determina a rima, por ser o primeiro a cantar, também chamado de pedestre, é escolhido por um sorteio:

Esse sorteio é feito como as rifas de antigamente: em quatro pedaços de papel são escritos os números de um a quatro. Os papéis são dobrados de forma iguais e colocados dentro de um chapéu. Cada um dos cantadores tira um número. Aquele que pegar o número um, será o primeiro. O dois será o segundo e assim por diante. O primeiro é o pedestre e é quem deve iniciar as rimas.

Geralmente o Cururu dá-se por sistema de parceria; assim, em uma apresentação, na maioria das vezes, há um número par de cantadores e, nessas ocasiões, eles cantam em duplas. Contudo, se houver um número ímpar de cururueiros, eles cantam individualmente.

Esse sistema de sorteio ocorre pela razão de os cantadores não gostarem de ser os primeiros a cantar, pois esses servirão de teste ao gosto do público, conforme suas preferências e recusas.

Antigamente, o Cururu era realizado em rodas e seus participantes desenvolviam uma dança de coreografia muito pobre, descrita por Araújo (1964) como passos que não passavam de movimentos ritmados para frente e para trás. Hoje, há em alguns cantores uma reminiscência dessa tradição com alguns passos restritos.

Relata Carradore (1998, p. 49): “O negro Antônio Cândido, com a carapinha pintada de branco, o rei de todos os cantores, recebeu o apelido de ‘Parafuso’, como foi conhecido por causa de seus volteios e rodopios durante suas apresentações”.

Manifestação cultural tradicionalmente rural, o Cururu com o passar dos anos vem migrando para os centros urbanos e por essa razão deixou de ser apresentado em palcos ou terreiros de casas para tomar as praças públicas e bares das cidades. De certa forma, descaracterizando-se de sua originalidade caipira, como afirma Carradore (1998, p. 49): “O Cururu na zona rural é realizado em frente ao altar, à bandeira do Divino, nos pousos do Divino, nas quermesses das capelas, após as rezas dos ‘Santos de Junho’. Ele guarda ainda o sabor de autenticidade das grandes festanças do início do século”.

Uma tradição que se mantém é a do cantor preparar-se antes de sua apresentação, de modo a conhecer os nomes das pessoas que estão no local e que de alguma forma mereçam um elogio ou um cumprimento, por sua notoriedade ou pelo respeito e carinho que o

cururueiro dispensa a elas. É comum observar o cantor carregando em suas mãos um papel pequeno no qual está escrito os nomes dessas pessoas, de modo que ele não esqueça ninguém.

O Cururu paulista, ao longo dos anos, perdeu outra característica, qual seja, a presença de outros instrumentos que não a viola.

Era costumeiro que o ritmo do Cururu fosse imposto não somente pelos repiques da viola, mas também pelo *ganzá*, uma espécie de reco-reco, instrumento de percussão rusticamente feito de bambu, e o *adufe* ou *adufo*, um tipo de pandeiro feito com couro de animal e soalhas de tampinhas de garrafa. Contudo, esses instrumentos não são mais utilizados no Cururu de São Paulo, com exceção da viola.

O instrumento que sobreviveu às mudanças sofridas no Cururu, no decorrer do tempo, teve sua introdução no Brasil por meio de seus colonizadores, como afirmam Castilho & Castilho (2006, p. 38): “A entrada da viola em nosso país ocorreu na época de sua colonização, através dos colonos vindos de diversas regiões de Portugal”.

Talvez por ter caído no gosto popular, a viola ganhou corpo e materiais diferentes em cada região de nosso país, podendo-se encontrar violas de formatos diferentes e produzidas com madeiras típicas do local, como observam Castilho & Castilho (2006, p. 38)

(...) tendo em vista desde a entrada das primeiras violas em nosso território até os dias atuais, percebemos as mudanças ocorridas neste instrumento, propiciando o surgimento de outros tipos de violas, como a Viola-de-Cabaça, a Viola-de-Bambu, a Viola-de-Lata, a Viola-de-Cocho e a Viola-de-Buriti.

2.4 As rimas do Cururu

Também chamadas de *carreira*, as rimas do Cururu são várias, no entanto, são poucas as mais frequentes, devido à dificuldade gerada por algumas aos cantadores.

As mais usadas são as de São João, a do sagrado e a rima do A, pois essas são as mais fáceis de serem executadas. Dessa forma, o cantador, a partir do momento em que estabelece a rima, deverá segui-la, assim como seus oponentes, até que o último faça sua exposição e outra rima possa ser escolhida.

Podemos observar um Cururu feito com a rima do A, nos versos de Parafuso, cantados por João Masero (PALMA, 2011. Disponível em <[HTTP://coleccionadorjairministro.blogspot.com/2008/05/c-u-r-u-r-u.html](http://coleccionadorjairministro.blogspot.com/2008/05/c-u-r-u-r-u.html)>).

“Lai, lai, lailailailailai,
 Lai, lai, lailailailailai,
 Lai, lai, lailailailailai,
 Olá rapaziada, Mazero aqui está
 pra fazê o vosso gosto,
 porque a minha força dá
 e viva Piracicaba
 rainha do canaviá
 comigo não tem perigo
 também viva meus amigo
 que gosta de ouvi cantá
 oi minha moçada,
 que gosta de me vê cantá
 eu fico muito feliz
 porque eu quero cantá
 quando eu vejo uma criança
 indo no grupo escolá
 pra fazê sua lição,
 pra aprende o abeabá
 eu falo devagarinho
 oce aceite o meu carinho
 num maião bem regioná
 oi minha moçada,
 num maião bem regioná”.

A mesma rima do A é observada nos versos de Parafuso, interpretados por Horácio Neto (ALLEONI, 2011. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=spOScL6rmfU> >).

“O lai, lai, lailailailailai,
 O lai, lai, lailailailailai,
 O lai, lai, lailailailailai,
 eu sô mesmo Parafuso
 que já o povo ouviu falá

eu sô o Parafusinho
 me criei nesse lugá
 eu falo com o toque do pinho
 eu quero cantá certinho
 tenho vinte e dois negrinho
 que Deus deu pra minha criá”

Já no Cururu desenvolvido por Abel Bueno, temos a rima de São João, a qual é dada em *ão* (PALMA, 2011. Disponível em <<http://coleccionador-jairministro.blogspot.com/2008/05/c-u-r-u-r-u.html>>).

“O lai, lai, lailailailailai,
 O lai, lai, lailailailailai,
 O lai, lai, lailailailailai,
 primeiro verso que eu canto
 a carreira de São João
 primeiro eu peço licença
 pra todos que aqui estão
 e a gente pidi licença
 é o da nossa obrigação
 que há o de sê seu campo livre
 onde os passarinho vive
 cantadu suas canção
 meu Brasil de ponta a ponta,
 meu Brasil do coração
 quando eu nasci neste mundo
 acho que Deus me deu uma mão
 sô filho da natureza
 dos perfume do sertão
 Deus pois o perfume na selva
 fez o sereno na relva
 pra molha a vegetção
 prezado Mané Araújo
 quando eu passo pro seu chão

ele morava na cidade
tinha uma bela profissão
resorveu mudá pro sítio
pra lida com prantação
mas fique certa sinharia
pranta ele não sabia
deu prejuízo pro patrão
num conhecia a lavora
deu prejuízo pro patrão
resorveu mudá de bairro
pra ganhá mais proteção
a mudança do cabloco
foi em um carrinho de mão
coitado desse rapaz
pra comprá um bujão de gais
precisou vendê o fogão
pra comprá um bujão de gais
precisou vendê o fogão
isso é coisa de cabloco
morador lá do sertão
hoje nosso tempo é curto
pra nois fazê apresentação
daqui a pouco, minha gente
nois fais um verso de repente
dentro da nossa invensão
e pra todos muito obrigado
e vô deixá pro meu irmão”.

Em festas religiosas, o santo festejado naquela ocasião deve ser lembrado e louvado. As histórias de sua vida e o martírio são contados nos versos dos cantadores. Sobre esse assunto, fala-nos Garuti (2003, p. 11):

Nas festas religiosas, sempre existe o santo ou a santa, padroeiros do local, como por exemplo N.S. Aparecida, São Roque, São João etc. mas o cantador não é obrigado a

iniciar a rima do nome do santo. Porém, o santo padroeiro deve ser louvado em qualquer rima que iniciar.

Apreciando um bom Cururu, podemos perceber que o embate, a disputa cantada pode ocorrer de duas maneiras. Ou a resposta à provocação do oponente é rapidamente dada no verso batido, ou a resposta pode ser prolongada por toda a apresentação, assim como nos explica Araújo (1964, p. 118):

Araújo, ao analisar a diferença entre “verso batido” e “verso encontrado”, afirma que no verso batido a resposta ao desafiante é rápida, de imediato ao que iniciou a cantoria. Entretanto, no cururu, é possível um cantador estender sua cantoria por vários minutos, tendo a resposta, na mesma carreira, feita pelo outro cantador somente após ter terminado seu canto.

Por se tratar de um desafio cantado, o Cururu faz com que seus cantadores desenvolvam duas habilidades contíguas. A primeira é a de provocar seu adversário, de colocá-lo em situação problemática, pois lhe apresenta uma questão para ser debatida e, logo, um ponto de vista a ser defendido. Já a segunda habilidade, que ambos, desafiante e desafiado, devem ter, pois invertem de papéis constantemente, é a de apresentar um vasto repertório do que poderá ser tratado na ocasião de Cururu, tais como os fatos do cotidiano da cidade onde vivem: as questões políticas nacionais, ou a temática religiosa, que é sempre a mais desenvolvida. E a essa qualidade, ou habilidade, dá-se o nome de *porfia* ou *aparteação*.

São alguns os temas praticados no Cururu, alguns deles polêmicos, como no caso do branco versus preto, em que os cantores ressaltam as qualidades de cada etnia, outros, não, como quando as histórias bíblicas são lembradas.

Nos dias de hoje, dificilmente encontramos cantadores que apresentem um Cururu de branco versus preto, principalmente se eles estão se apresentando em locais públicos ou em torneios, como forma de evitar a ressaltação à diferença. Contudo, nas raras ocasiões em que presenciamos esses entraves, podem-se observar discussões mais ofensivas, com expressões tais como: “preto sem vergonha” e outras mais elaboradas, nas quais são lembradas personalidades afrodescendentes que despertam o respeito da plateia.

Outras vezes, o tema trabalhado é o cotidiano, geralmente relacionado ao fazer do homem do campo: a lavoura, a criação de animais e sua lida, o clima, as estações do ano e outros.

No entanto, o tema mais recorrente é o bíblico, posto que todo o seu conteúdo é mote para um Cururu. Desde a vida dos santos às parábolas de Jesus ou os evangelhos.

A presença de um altar mesmo que improvisado é que quase uma regra durante as apresentações de Cururu. E por essa razão seus cantadores, em sinal de respeito aos santos, tiram seus chapéus e já no início de suas apresentações fazem versos de louvação. Quando um desses trovadores conhece muito sobre a vida de um determinado santo, ou mesmo passagens do evangelho, eles são chamados de *escritureiros*.

Nos versos de Moacyr Siqueira, observamos o momento inicial do Cururu, no qual ocorre a saudação ao altar; em seus versos, por motivo da presença do altar, o cantador pede licença ao público para reverenciar o lugar dos santos (ALLEONI, 2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=spOScL6rmfU> >).

“Até eu vô virá pra trais
se voçeis dé e permissão
tiro o chapéu faço o sinar
que é da minha religião
pra mim louvar esse altar
pidi a benção a santa mão
meu Bom Jesus de Pirapora
o que eu vô dizê agora
a senhores e senhoras
que linda preparação!”

Quando a temática deixa de exigir a seriedade dos temas bíblicos, podemos presenciar, no Cururu, momentos de descontração, nos quais o humor e a sátira permeiam as rimas e os desafios. Nesses casos, a plateia interage bastante, muitas vezes rindo dos apontamentos dos defeitos do adversário e das argumentações que o outro prontamente responde (ALLEONI, 2011. Disponível em <[HTTP://www.youtube.com/watch?v=spOScL6mfU](http://www.youtube.com/watch?v=spOScL6mfU)>).

“Amigo Zico Claudino, pra voçeis eu vô contá
sempre foi um vagabundo, nunca gostou de trabaiaá
amigo Zico Claudino, só gostava de caçá
com o estilingue no pescoço e a pedra no emborná
um dia encontrei com ele, lá no meio do arrozá
perguntei, matou bastante? Ele disse, eu to de azá

tava na beira do rio, eu atirei em um tisiu, mas depenei uma sabiá

Oh, moreninha, moreninha, meu amor.

Nas ondas dos teus cabelos, corre água e nasce flor.

Oh, moreninha, moreninha, meu amor.

Nas ondas dos teus cabelos, corre água e nasce flor.

“O Carraro eu conheço há tempo

não conheço ele de agora.

ele foi roubá laranja

no quintar de dona Aurora

lá dentro tinha um cachorro

que mordida sem demora

pegou ele por detrás

deixou o fazedô de fora

o Carraro assarto na cerca

por de trás de um pé de amora

ia passando uma muié

ia a sogra e ia a nora

quando enxergaram o Carraro

gritaru, nossa Senhora

foi aquela correria

uma brava, outra dizia

corra! Corra, virge Maria, acho que é tarado esse caipora”.

2.5 Pré- glossário do Cururu

Estreitando o interesse inicial de nosso trabalho, o de estudar o léxico envolvido no fazer do Cururu, nós precisávamos de material linguístico que envolvesse esse campo lexical, a fim de observar qual *status* que tem entre seus supostos falantes, bem como buscar entender os fatores condicionantes de suas alterações. Por isso, elaboramos uma lista que compreende a) os vocábulos que encontramos no falar de alguns cururueiros, durante entrevistas livres que

fizemos com eles; b) os vocábulos presentes nas letras de suas músicas; c) e por último, na bibliografia que encontramos a esse respeito. Essa lista é apresentada a seguir, com as respectivas fontes de consulta.

Durante as conversas que tivemos com os cururueiros, nós recolhemos as mais variadas lexias, mas, nesse glossário, constam apenas aquelas que dizem respeito ao Cururu, tais como às que fazem referência a instrumentos musicais, aos temas dos repentes, ao modo como os cururueiros se tratam, entre outras.

Chamamos essa lista de palavras de pré-glossário por não constar nela as lexias que surgiram em resposta ao nosso questionário, dadas como sinônimos às lexias de entrada, por nossos sujeitos da pesquisa. A junção de todas essas lexias será apresentada a seguir:

Baixão

A lexia baixão aparece frequentemente na fala dos cururueiros, pois baixão é a introdução melódica que cada cantador faz antes de começar o desafio propriamente dito e cada um deles tem o seu. É, pois, uma marca de identificação. A seguir, observamos a fala de Cecília Ramos, filha de um cururueiro muito afamado, já falecido, o Parafuso, como era conhecido:

O baixão dele era dandai...dandá. Era assim que ele cantava: Oi nanai, nanai na, oi nai nai nai na... Num tem quem pudesse cum ele. Suas colocações em desafio encurralava os outro cantado, e ele acabava cum todo mundo. E a hora que falava oi dandai dá ele virava em vorta, dava a vorta de 360 graus (ALLEONI, 2006, p. 83, grifo nosso).

Ao realizarmos as entrevistas livres com os cururueiros, recolhemos com facilidade a realização dessa lexia, como podemos observar na fala transcrita a seguir:

*Meu sistema é o comunicativo, porque eu vô dizê pra você eu sô o único cantador criativo, de setenta pra cá, fazendo *baxão* em letra. Porque o **baxão** cururueiro é o lalalá lalalai. Mais quando eu fazia, que eu era mais novo que tudu eles, acompanhava o Serra, o Chiquito, eu percebia que a juventude assim que nem você falava que era um gemido, tirando sarro. Ouvi bastante veiz a mulecada, a minoria, mais tirando sarro. Aí, eu fiz um jeito de ser criativo. Hoje eu tenho nada mais nada menos que oito ou nove *baxão* tudo feito em letra. (M.S).*

Ainda no registro feito por Alleoni (2006, p. 104) dos versos de Cururu de Abel Bueno, encontramos a lexia no seu contexto real de utilização:

“Eu falo e ninguém me engana
 Eu canto Senhora Santana
 No lugar o seu *baixão*
 Chegaram e pediram licença
 Prá entrá nu salão
 Foi entrando tudu juntu
 Causando dmiração”.

Bocado

O cururueiro desrespeitoso, que muitas vezes se utiliza de palavras de baixo calão para ofender seu oponente, recebe a alcunha de bocudo. E, em uma entrevista cedida a Olívio Alleoni (2006, p. 41, grifo nosso), Oscar Francisco Silva Bueno, filho de um famoso cururueiro, explica que “alguns cantadores hoje competem muito entre si. O Cururu não é assim. Temos que cantar para agradar o público. Não adianta nada os cantadores ficarem brigando entre si, ser cantador *bocado*”.

Ainda na fala dos cururueiros, registramos a lexia estudada em uma das entrevistas que realizamos e que transcrevemos o trecho a seguir: “Antigamente, um festero se ouvisse arguém falá bobagem, tirava a pessoa do palco e mandava ficá queto. - Você é *bocudu*, não tem respeito, senta aí e escuta us outro cantá” (J.N.).

Caçoísta

Garuti (2003, p. 23) define como sendo o cururueiro *caçoísta* o cantador gozador, aquele que gosta de caçoar de seus adversários durante as apresentações.

Também em nossa pesquisa, recolhemos durante as entrevistas feitas com cantores de Cururu a seguinte realização da lexia: “Nossa mãe! *Caçoísta* qui nem o Parafuso não tem mais ninguém não, aquele gostava de caçoar di todo mundo, era só subir no palco e começava u divertimentou” (N.S.).

Canotilho

Uma definição dada a *canotilho* foi apresentada por Garuti (2003, p. 23, grifo nosso). Diz ele que “se contando de baixo para cima, a quarta corda da viola é o canotilho. É a corda chave, pois ela é que dá a zoadá, o repicar da viola”.

Durante uma das entrevistas, recolhemos a lexia pesquisada na fala de um cururueiro, que nos explicava a forma de afinar a viola: “O tocador pra afinar a viola se baseia no *canotio* que é essa corda aqui, assim fica tudo pareio” (J.N.).

Cantador

Bastante utilizada pelos cururueiros a lexia *cantador*, é um sinônimo frequente para cururueiro, como podemos perceber no registro de Garuti (2003, p. 9, grifo nosso).

Outro percalço do Cururu: O festeiro liga para um *cantador* e diz quer que um cururueiro afamado vá cantar em sua festa. O *cantador* aceita, eis que o cachê cobrado pelo cururueiro famoso é mais alto do que o seu. Ocorre que, no dia da festa ele aparece com um *cantador* mais barato, sem fama ainda, e diz que o *cantador* famoso não pode comparecer por motivo de doença.

Uma das definições de *cantador* que encontramos foi dada por Ercolin (2005, p. 90, grifo nosso). Para a autora, “o *cantador* de Cururu é um repentista e improvisador, e alguns são também grandes violeiros”.

Na voz dos próprios cururueiros também encontramos o uso da lexia, como reproduzimos a seguir a fala de um deles que registramos em uma de nossas entrevistas: “Eu não quero me gabá não, mais eu sou um *cantadô* que quando fiz sucesso, eu não podia desce do palco, no meio do povo. Uma vez eu fui descê do palco, lá de Laranjal, quase mataru eu, ganhei mordida no pescoço, rasgaru a minha camisa...” (M.S.)

Em um dos Cururus que presenciamos, fizemos o seguinte registro em que aparece a lexia *cantador*:

“Primero peço licença
Prá cumpri cum a obrigação
Depois que a festa acabá eu vô imhora
Nem senhô nem senhora
Diz que fartei cum a educação.
Dos cantado sou campeão”.

Cantar no livro

A expressão fixa *cantar no livro* nos remete ao Cururu mais tradicional, à origem dele, quando ainda se valorizava muito o cantador que havia memorizado vários trechos da Bíblia e conseguia improvisar a partir deles. Explica Ercolin (2005, p. 91) que “durante a licença ou louvação, os cantadores *cantam no livro* ou na escritura, utilizando trechos da Bíblia, História Sagrada ou Vidas de Santos, procurando demonstrar sua superioridade no assunto em relação aos adversários”.

Relembrando a história dos grandes cururueiros, por meio de seus descendentes, Alleoni (2006, p. 33, grifo nosso) registra em seu livro a fala de Oscar Francisco Silva Bueno, filho de Nhô Serra. Diz ele que “Chiquito chegava e estudava a festa para ver o que iria cantar. Dependendo do povo era o que cantava. Cantava muita história, *cantava muito no livro*. Ele inventava muitas histórias”.

Como um exemplo da lexia, transcrevemos a seguir a fala de um cururueiro que registramos durante as entrevistas realizadas: “O Cururu verdadeiro mesmo é aquele, no antigamente, era o que cantava tudo as história da Bíblia, que *cantava no livro*, que sabia fazê a louvação” (J.N.).

Caracaxá ou caracachá

Alcunha que o mau cantador de Cururu recebe por não conseguir compor bons verso, caracaxá é definido desse modo por Garuti (2003, p. 23, grifo nosso): “o cantador ruim, fraco de criação de rimas é chamado de *caracachá*”

E durante as entrevistas que fizemos com os cururueiros, registramos a seguinte realização: “Quando a gente vai pro campeonato é campeão, só us cururueiro bão daqui di pertu, Tatuí, Laranjal, Sorocaba...Tem as regra, u sorteio e us juiz. Num aparece nenhum *caracachá* no meio pra atrapaiá” (J.N.).

Carreira

Uma definição para carreira é dada por Ercolin (2005, p. 91, grifo nosso), na qual explica que “as rimas são chamadas de *carreiras*, linhas ou alinhação e são emparelhadas ou alternadas . Há *carreiras* fáceis como a de São João (rima em ‘ão’), e difíceis, como a do Presumido (‘ido’) e a do Sol (‘ol’)”.

Alleoni (2006, p. 71) faz o registro de um Cururu de Pedro Chiquito, cantando na carreira do Divino:

“Eu quero cantar o verso
Na *carreira* do Divino
De fazê recordação
Dos tempo que já vão indo”.

Ainda em nossas entrevistas, encontramos a seguinte realização, transcrita a seguir:

“Dependendo do santo que a gente vai louvar é que nois usa a *carrera*, quando é a festa do Divino a primeira rodada de Cururu tem que ser com a *carrera* do divino, tudo rimando com ino. Tem as outras *carreira* também, de Santo Antônio, *carrera* do A, até uma que eu fiz a *carreira* do dia” (P. M.).

Carreira dura

Carreira dura, segundo Garuti (2003), é uma rima difícil, como também nos explica o cururueiro que entrevistamos e que fazemos agora a transcrição de sua fala:

“Tem muita *carrera* qui nós canta no cururu. Tem as mais fácil, igual a *carreira* do A, e a *carreira* do ãO, mas quando tem sorteiu a gente não pode iscolhê, tem que improvisá com *carrera dura* também.” (N.S.)

Cebolão

A respeito da afinação das cordas da viola, instrumento utilizado no Cururu, Ercolin (2005, p. 91, grifo nosso) esclarece que “o violeiro não conhece a música, toca-a de ouvido. As diversas alturas ou afinações chamam-se modos, sendo o mais usado o *cebolão*”.

Em nossas entrevistas, há a realização dessa lexia na fala de um cururueiro que nós transcrevemos a seguir:

“Minhas senhoras, meus senhores vocês preste bem tensão
eu já fiz o meu baxão e também o maião
já afinei as minhas cordas e foi bem no *cebolão*”. (J.N)

Contrário

No Cururu, o adversário de repente é também chamado de contrário. Contudo, as afrontas feitas pelos participantes são limitadas ao espetáculo e servem para empolgar a plateia, pois os cururueiros são grandes amigos e se respeitam muito, como nos fala Garuti (2003, p. 17, grifo nosso) a respeito da ética cururueira: “Outra ética é respeitar o *contrário* nas rimas difíceis, como por exemplo, se o pedestre que vai puxar as rimas sabe que o adversário não se sai bem em rimas difíceis, por questão de ética, só coloca rimas fáceis, a fim de não prejudicá-lo”.

Ainda podemos notar essa cumplicidade dos cantadores na fala transcrita do cururueiro que entrevistamos:

O cantador por mais que teje cantando contra, ele tem que valorizá o *contráriu*, por que ele valorizando o *contráriu*, o povo vê que o adversário é bom, não é que não canta nada e o povo num vê nada. Quer dizê, eu canto o que então? Se o outro não canta nada, mesmo que eu cantá melhor que fulano, eu canto menos que ele (P.M.).

Cururu

Nos textos que consultamos a respeito do Cururu, encontramos algumas definições e aqui separamos duas delas. Na primeira, Ercolin (2005, p. 90) diz que o “*Cururu* é o repente, o desafio trocado ao som de violas do Médio Tietê. Não há festa ou pouso de Bandeira do Divino sem o *Cururu*, que pode varar a noite num revezamento de trovadores”.

Outra definição que encontramos foi dada por Olívio Alleoni (2006, p. 19, grifo nosso), médico e estudioso do Cururu

Cururu, também denominado de cantar repentista, é uma forma de cântico onde atualmente duas duplas de cantores, seguidos de uma ou duas violas, expressam uma série de fatos cantando alternadamente em forma de versos rimados. Também foi denominado embate poético. Acrescentaríamos a isto também a conceituação de comunicação musical.

Ainda durante as nossas entrevistas, um cururueiro conta-nos qual era a notoriedade desses artistas, diz ele: “cantador de *Cururu* em Piracicaba era gente famosa, de respeito. Eu mesmo, quantas veiz ia cantá na rádio e quando eu saía tinha um monte de mocinha tudo isperando eu na porta, inté rasgava minha ropa” (C.M.).

Dobra

Para definir uma espécie incomum de verso no Cururu em que os cantadores apresentam duas rimas na mesma estrofe, temos a *lexia dobra*. Assim afirma Garuti (2003, p. 24, grifo nosso): “*dobra* são duas ou três rimas seguidas na mesma estrofe. Esse sistema de composição foi utilizado pela primeira vez por Zico Moreira”.

E acrescenta o cururueiro por nós entrevistado: “Versu bunito mesmo é quando o cantadô faiz a *dobra*, tudu rimadinho” (J.N.).

Escritureiro

O Cururu tradicional ainda hoje é aquele que se apresenta muito ligado à religiosidade católica, tanto por seu calendário estar relacionado às festas e cerimônias dessa religião, quanto por ter em sua temática muito das histórias bíblicas.

Dessa forma, muito do vocabulário cururueiro está relacionado ao catolicismo, sendo que um bom exemplo disso é a seguinte indicação de Ercolin (2005, p. 90, grifo nosso)

O cantador que também pode ser chamado de trovador, proveiro, rimeiro, rimancista, repentista e especificamente de *escritureiro*, quando é um mestre em manter a polêmica, cantando não só durante a locução, mas durante toda a cantoria, fundamentando-se nos textos da Bíblia.

O cantador que possui e domina esses conhecimentos é merecedor de muito respeito entre os próprios cururueiros e também pela plateia que o assiste, fato que podemos notar pela fala do cururueiro que entrevistamos. Diz ele: “da turma nova o que mais canta Bíblia agora é o J. N. que canta, que lê mais é o J. N., ele é o que costuma chamá de *escriturero*. Nós canta também, mais não canta completo que nem ele” (M.S.).

Festeiro

Nas festas religiosas interioranas, é comum encontrarmos a figura do festeiro, pessoa encarregada de organizar e custear grande parte da festa. Fato esse ocorre por devoção ou como forma de agradecimento a um milagre atribuído a determinado santo. Dentre as obrigações do festeiro está animação do ambiente. Sendo assim, em regiões onde há Cururu “geralmente o *festeiro* contrata quatro cantadores para a apresentação. Entretanto a contratação é combinada com apenas um deles, sendo esse o responsável pela contratação dos outros três” (GARUTI, 2003, p.07, grifo nosso).

Nesse caso, o festeiro é sempre lembrado pelo cururueiro que faz um agradecimento e o elogia. Como registramos na fala de um cantador, por nós entrevistado: “Antes de começá o Cururu, o cantador tem que prestá homenagem pro Santo e agradecê o *festero* da casa” (J.N.).

Ao observarmos os versos de Parafuso, registrados por Alleoni (2006, p. 75), notamos como se dá a relação entre festeiro e cururueiro:

“Por aqui cheguemo tarde
O *festeru* veio encontrá
Si nóis chegasse mais cedo
Ele dava de jantá”.

Folha

Uma referência pouco comum que se faz à Bíblia, no Cururu, é a *lexia* folha. Como explica Garuti (2003, p.24, grifo nosso), “no Cururu, *folha* é o mesmo que Bíblia, que as sagradas escrituras”.

Um dos nossos entrevistados reitera a importância da tradição religiosa dentro do Cururu:

Tem outra coisa: a *folha*. Tem que cantá os textos da Bíblia sabendo o que você vai falá. E os outro tem sabê valoriza e não vim com esses papinho, por que aí já é maldade, já é desespero. É querê desmanchá uma coisa que já tá feita. Decore e decore bem, depois cante. (J.N.).

Nos versos de Abel Bueno, registrados por Alleoni (2006, p. 104), temos o uso da *lexia* estudada:

“Eu vi uma murtidão
Falando a verdade, sô franco
Todos vestido de branco
Co a *folha* na mão”.

Função

Quando ocorre uma organização comunitária, a fim de ser realizada uma festa, não necessariamente relacionada à religiosidade, temos o que pode ser chamado de *função*. Encontramos essa *lexia* nos versos de Nhô Serra, registrados por Alleoni (2006, p. 93):

“Dentro de minha sacola
Eu levava minha viola
companheira de *função*
E o granfino admirado
Até meio incomodado
Me pediu *explicação*”.

Ou ainda nos registros feitos durante nossas entrevistas, na qual um dos nossos sujeitos relembra a época de ouro do Cururu, dizendo que “sempre tinha um Cururu, tudu nas festa dos santu ou quando tinha uma *função* e o povo tudu apraudia nós, nós si divertia muito” (P.M.).

Improvisador

Por tratar-se de uma arte de repente, o Cururu tem como característica a criação instantânea de versos por parte de seus poetas. Contudo, o cantador experiente possui um vasto repertório memorizado e se vale dele durante as suas apresentações, como explica o cururueiro por nós entrevistado: “a maioria dos cururueiro é tudu *improvisadô* mesmo. Hoje já tem aqueles que istuda, qui prepara us verso antis. Mas, na hora do desafio não tem jeito, tem qui improvisá” (J.N.).

Em um estudo sobre as tradições populares, Amaral (1982, p.105), também trata desse assunto, comparando o repente paulista com o nordestino:

Em São Paulo, como por quase todo o país e como em Portugal, também existe o costume das cantigas de desafio, e também consistem essas requestas em trocas de chacotas e de injúrias entremeadas de problemas e de advinhas que devem ser resolvidas. Mas os cantadores, em tais ocasiões, não se estendem nem improvisam tanto como no Ceará: cada um canta apenas uma quadra por vez e essa quadra é quase sempre tirada de um fundo comum e tradicional, com variações e adaptações. Do modo que fazem antes prova de memória do que inventiva.

Intimidador

Garuti (2003, p. 24, grifo nosso), em sua obra sobre o Cururu, diz que “o cantador que conta vantagem sobre si é chamado de *intimidador*”.

Também um dos cururueiros por nós entrevistados nos explica como são as atitudes de um cantador por característica menosprezar seu adversário, exaltando suas qualidades como repentista. Para ele, “Esses *intimidadô* qui tem por aí só tem garganta, na hora do desafio mesmo, qui tem qui prová qui é bão, si inrosca todú e num saí nada. É só garganta” (N.S.).

Louvação

Qualquer Cururu tradicional é iniciado pela louvação, que consiste em versos elaborados pelos cururueiros, agradecendo ao santo padroeiro e aos donos da festa, como explica um dos cantadores por nós entrevistado: “O curureiro tem que falá um bom dia, um boa tarde que seja, tem que cumprimentá. É a mesma coisa que eu chegá na sua casa e não te cumprimentá. É obrigação e dever. Então pede licença pra plateia, pro festero, nós faiz a *louvação*, depois começa o Cururu” (M.S.).

E acrescenta Ercolin (2005, p. 91, grifo nosso): “Ao dar início à festança, os que tomam parte se colocam em duas filas, diante do altar. A *louvação* é feita por todos na primeira volta (quando o primeiro que cantou canta pela segunda vez, é iniciada a segunda volta) e a carreira é sempre a de São João (rimas em ão)”.

Também nos versos de Abel Bueno, registrados por Alleoni (2006, p. 104), encontramos uma referência a esse momento do Cururu:

“Horácio Neto passo estreito
Nas unha do Dito João
Escalei Jonata Neto
Com André de Sousa Garvão
João Davi e Lázaro Arbino
Só cantaram *louvação*”

Malhão

Assim como afirma Garuti (2003, p. 23, grifo nosso), “o ritmo que o tocador impõe a viola é chamado, no Cururu, de *malhão*”.

Também nos explica sobre a singularidade do malhão, como marca de individualidade, um dos cururueiros por nós entrevistados. “Nem todo cururuero sabe tocá viola, tem cantadô que só canta. Mais os que tocá viola, cada um tem seu *maião*, a batida da viola de cada um é diferente e nós tudo conhece” (P.M.).

Transcrevemos agora os versos que escutamos:

“Quando eu vejo uma ciança
Indo no grupo escolá
Pra fazê sua lição
Pra aprendê o beabá
Eu falo de vagarinho
Ocê aceite o meu carinho
Num *maião* bem regioná” (J.N.)

Pedestre

O Cururu possui algumas regras, especialmente quando é realizado em competições, para deixá-lo mais justo e organizado. Uma dessas regras é estabelecer ordem em que os cururueiros irão se apresentar, como explica Ercolin (2005, p. 91, grifo nosso):

O sorteio é feito pelo *pedestre* antes de os cantadores entrarem no palco para estabelecer a ordem da apresentação dos cantadores. O *pedestre* numera as papeletas de 1 a 4 ou de 1 a 6, dependendo do número de cantadores que vão participar do combate poético. Depois de dobradas, são colocadas em um chapéu para o sorteio que irá estabelecer a ordem da cantoria.

Além de realizar o sorteio, quando há um número ímpar de cantadores e um deles não participa da competição, cabe ao pedestre também ser o primeiro cantador a se apresentar, posição essa, segundo Garuti (2003, p. 07, grifo nosso), não muito desejada pelos cururueiros:

Na realidade os cantadores não gostam de ser o *pedestre*. Por esse motivo se faz o sorteio. Isso por que o número um é o cobaia, é ele quem vai testar o público, experimentar o gosto do povo medido pelos aplausos espontâneos (diferente dos aplausos puxados por apresentadores ou festeiros).

O pedestre ainda possui uma última responsabilidade, a de decidir qual será a carreira, a rima que todos os cantadores deverão usar, como relata um cururueiro entrevistado

por nós: “Tudo nós tem que combiná antes, se vai fazê as dupla, ou se vai cantá sozinho. E depois que tem o sorteio, a carreira que o *pedestre* puxá os outro tem que acompanhá” (M.S.).

Porfia

Segundo Garuti (2003, p. 08), porfia é o “momento do desafio de Cururu em que os cantadores são mais exigidos de seus conhecimentos e habilidades em fazer rimas, pois têm que responder prontamente ao ataque de seus adversários”.

A esse respeito Ercolin (2005, p. 90, grifo nosso) reafirma a importância de tal momento do Cururu, em que os cantores demonstram sua capacidade de trovar sobre os mais variados temas rapidamente, além de se defenderem das provocações de seus adversários: “Não há festa ou Pousa da Bandeira do Divino sem o Cururu, que pode varar a noite num revezamento de trovadores. E não há cidadão que não arrede pé diante de uma *porfia* (teima) de cantadores”.

Povoado

Os pequenos vilarejos do interior, também eram conhecidos como povoados, ou povoações, frequentemente, por ocasião de festa, eram cenários em que os moradores reuniam-se, em espaço aberto, para escutarem um Cururu.

Alleoni (2006, p. 121, grifo nosso) transcreve a história contada pelo filho de um famoso cururueiro de Piracicaba que se passa em um desses lugarejos:

Um determinado *apovoado* foi emancipado. E chamaram Nhô Serra pra cantá. Montaram a câmara dos vereadores e tudo mais... Vieram todas as otoridade das redondeza, otros convidado. Só que antes tinha a parte solene, ondi todas as otoridade iam subi im cima du palanque. Arguém importante, uma otoridade disse: Nhô Serra, num deixe ninguém intra aqui. Aqui só pra otoridade, ninguém mais... Nhô Serra conhecia todo mundo e fico de porteiro.

Ainda nos versos de Pedro Chiquito, transcritos por Alleoni (2006, p. 135):

“Ocê diz que era valente

Ocê contô pro *apovoado*

Valenti qui nem Lampião

Mai eu num tenho acreditado

Pra vê si ocê é valente memo

Dê um pulo pra cima e caia naquele toco sentadu”.

Principiante

Há no fazer do Cururu respeito e ética entre seus participantes, motivados por conviverem eles nas mesmas cidades e viajarem juntos para os festivais e concursos. Uma regra que pode ser observada em desafios de Cururu é o respeito e consideração pelo adversário que comete um erro durante sua apresentação, como nos explica Garuti (2003, p. 17, grifo nosso)

Essas regras de ética são muito respeitadas entre os cantores mais tradicionais. Já aqueles sem muita experiência, os *principiantes*, não as respeitam até mesmo tirando proveito das falhas do adversário para tentar derrotá-lo. Mas se o adversário for um hábil irá se sair bem de qualquer jeito.

Um dos cururueiros por nós entrevistado relembra como começou a cantar Cururu:

Meu pai cantava Cururu e eu ia com ele, acompanhava ele nos Cururu. Gostava de vê ele cantando, do toque da viola, e eu fui aprendendo assim de vê ele cantá. Todo mundo já ia me chamando de franguinho novo, de *principianti*, mas não me importava, pra mim, eu queria mesmo era cantá o Cururu. (P.M.)

Regra das dez rimas

Geralmente, em um desafio de Cururu, é o pedestre que diz em qual carreira os competidores deverão fazer seus repentes, oferecendo maior dificuldade aos cantadores, que só ficam sabendo minutos antes de cantar qual será a rima a ser seguida. Contudo, em algumas competições pode-se estabelecer uma modalidade diferente, a regra das dez rimas. Explica-nos Garuti (2003, p. 23, grifo nosso)

Uma regra estabelecida em alguns torneios de Cururu, na qual fica determinada a relação das dez carreiras (rimas) que poderão ser utilizadas durante o torneio é a *regra das dez rimas*. A relação de qualquer outra rima que não conste nessa relação desclassifica automaticamente o cantador que a utilizou. Essa regra evita surpresas com o uso de rimas extremamente difíceis sem a anuência e conhecimento do opositor.

Sobre essa mesma regra ainda acrescenta ainda um cantador por nós entrevistado: “Cada campeonato de Cururu é de um modo, com regra diferente. Esse urtemo que nós

participemo, funcionô com a *regra das dez rima*. É assim, cada rodada é feita com uma rima qui é sorteada e todo cantadô tem qui cantá nela, inté compretá as deiz” (D.S.).

Repente

Repente é uma técnica de que alguns cantores populares se utilizam, de forma a construir versos sem tempo para sua elaboração, sobre os mais variados temas. Além disso, Amaral (1982, p. 105) afirma que esse modo de cantar remonta ao período da formação das nações românicas:

Estas justas prendem-se a uma tradição multisseccular comum aos países do meio-dia da Europa. Os trovadores galego-portugueses imitadores da poética provençal introduziram na península, além das ‘cantigas de escárneo’ e ‘de mal dizer’, as tenções que eram, segundo a arte que acompanha o cancionero Colocci-Brancutti, “feytas per maneiras de rrazon que hun aja contra o outro em quaes diga que por bem tener na prima cobra (=copla) et o outro respondable na outra dizendo o contrayro”. Estas palavras descrevem muito aproximadamente os nossos cantos ao desafio, os quais, como outras espécies populares, parecem provir de uma remota imitação da literatura culta.

Fazer *repentes* é algo que também se aprende por intermédio familiar, devido às influências e ensinamentos, como relata Alleoni (2006, p. 31, grifo nosso) a respeito do cururueiro Nhô Serra: “Sebastião da Silva Bueno, Nhô Serra, quando veio ao mundo, já tinha o pai que cantava, a mãe que cantava, os tios que cantavam; nasceu no meio do *repente* e do Cururu”.

E ainda podemos observar um repente que a nós assistimos, transcrito a seguir:

“Pra voceis eu canto agora meu *repente* improvisado
com alegria e devoção pra ninguém ficá paradu
Pro senhor e pra senhora
meu repente eu canto agora
e não mudo meu baxão.” (J.N)

Tablado

Um sinônimo de palco, utilizado, especialmente, pelos cantores de Cururu, é tablado. Quando os cururueiros apresentam-se em teatros ou até mesmo em palanques improvisados,

muitos chamam esse espaço de *tablado*, conforme podemos observar na fala Garuti (2003, p. 08, grifo nosso):

Certa vez fomos cantar num clube do Jardim dos Estados, em Sorocaba. Estavam escalados para a cantoria eu (Cido Garoroto), Silvio Paes, Dito Carrara e Daniel Araújo. A entrada era de dois cruzeiros e o clube estava apinhado de gente para assistir ao espetáculo. O *tablado*, ao contrário dos outros clubes, era posicionado próximo a entrada do salão. Ao começarmos a cantar, ouvimos uma algazarra do lado de fora que atrapalhava o andamento da cantoria.

Ou ainda na reprodução do trecho da conversa informal que tivemos com um cururueiro:

Os organizador é que faiz o sorteio pra vê quem vai cantá premero, segundo, terceiro, quarto. E depois ele dá a rima e cada um dos cantadô vai revezando no *tablado*, cantando na carreira De São João, de Santo Antônio, na carreira do A e cada um tem oito minuto. Daí, já deu o tempo e os juiz tem que decidi quem ganhô. (P.M.)

Tico-tico

Os cantores de Cururu, ao longo de suas trajetórias artísticas, acabam empregando suas marcas em suas composições e, conseqüentemente, passam a ser conhecidos por essas especificidades, tanto por seus pares, como por sua audiência. Contudo, há cantores que, por vezes, utilizam-se de versos de outros cururueiros famosos e, esses cantadores ficam conhecidos como tico-ticos.

Outra ética que se repete com frequência é quando o cantador adversário banca o *tico-tico* e canta versos ou toadas de outros cantadores mais famosos. A gente respeita, e já sabe que um é cantador ‘meia boca’, fraco de rimas que não tem capacidade de fazer suas próprias rimas. Então fica muito fácil de derrotá-lo sem quebrar a ética. (GARUTI, 2003, p.16, grifo nosso)

Um dos cururueiros por nós entrevistados também nos conta a respeito dessa prática de alguns cantores:

Quando a gente vai pra um campeonato a gente tem que estudá o nosso adversário, tem que conhecê os versos do outro cururueiro, senão a gente fica de calça curta, fica sem resposta na hora. E não adianta improvisá com os verso de outro, por que nós conhece o jeito de cada cantador e conhece quando aparece um *tico-tico*. (M.S.)

Verso batido

De uso bastante restrito do universo cururueiro, a expressão verso batido diz respeito às diferentes modalidades de desafio de que se pode utilizar o cantador, segundo a explicação de Araújo (1964, p. 118, grifo nosso):

No *verso batido* a resposta ao desafiante é rápida, de imediato ao que iniciou a cantoria. Entretanto, no cururu, é possível um cantador estender sua cantoria por vários minutos, tendo a resposta, na mesma carreira, feita pelo outro cantador somente após ter terminado seu canto.

Em seu livro *Cururu, retratos de uma tradição*, Garuti (2003, p.23, grifo nosso) também nos oferece a definição de que “o *verso batido* é o verso de desafios, com perguntas ao oponente. É o bate e rebate dos versos. Ao ser desafiado dessa maneira, o outro cantador deve responder caso não queira ser desmoralizado”.

Verso encontrado

Ercolin (2005, p. 91, grifo nosso) esclarece a diferença entre verso batido e verso encontrado. Diz ela que: “Os versos são trovados ou *encontrados*. Os trovados não são dirigidos ao cantador adversário; os *encontrados* ou batê de pau trocado são respostas dadas por um cantador aos versos que seu adversário lhe dirigiu na volta anterior”.

Foi ainda recolhidos por nós, durante as entrevistas livres feitas com os cururueiros, um exemplo de utilização dessa lexia:

O cantador pode ter dois sistema de cantá. Ele pode respondê rápido a ofensa do adversário, o que nós chama de versu batidu, ou se não ele demora, canta uma história cumprida e só no finar qui eli dá o troco, e sai por cima co *versu encontradu*. Eu mesmu prifiru cantá co sistema du *versu incontradu*, mas num é sempre qui a genti consegui, é mais difícil (M.S).

Uma vez feita e conhecida a seleção de palavras, estruturamos um questionário, com o intuito de testar a porcentagem de reconhecimento dessas palavras não apenas pelos cururueiros, mas também pela população local. A metodologia empregada será mais bem descrita nos capítulos seguintes.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Percebemos que, ao longo dos anos, o homem foi se interessando de maneiras diferenciadas pelo seu instrumento de comunicação mais utilizado, o léxico. E, com esse interesse, foram surgindo linhas de pesquisa que se dedicaram às ciências dele, dando-lhes maior sistematização.

Nesse capítulo, faremos um breve apanhado das disciplinas que nós aqui utilizamos no intuito de entender o fenômeno pesquisado. Para tanto, situaremos dentro de cada teoria os recortes que fizemos e que acreditamos serem coerentes, dando contribuição ao nosso trabalho. Além disso, para maior clareza do estudo, acreditamos ser válido retomar alguns conceitos com os quais faremos a análise do *corpus* avaliado: lexia, léxico, mudança, termo, variação, vocabulário e glossário.

Ao buscarmos aporte teórico na lexicologia, pretendemos, sobretudo, buscar referências nos dicionários existentes em língua portuguesa que nos deem condições de estudar as lexias coletadas no *corpus*, subsidiando as análises feitas a partir de seu contexto de utilização e a datação a que se remetem. Além disso, encontramos em sua ciência aplicada, a lexicografia, diretrizes que nos orientam na elaboração de um glossário cururueiro.

Por meio da dialetologia, conhecemos as ferramentas necessárias para pensar, projetar e desenvolver o trabalho de campo pretendido, identificando e registrando as unidades lexicais coletadas entre os falantes, que contribuirão para a pesquisa, somando-se às outras disciplinas, a fim de se tornarem conhecidas e compreendidas no contexto linguístico a que se referem.

Por fim, a sociolinguística que tem como objeto de estudo a língua em uso, observada e analisada em seu contexto real, vem contribuir com esse trabalho à medida que entendemos a importância de se estabelecer relação entre os dados linguísticos coletados e os fatores socioculturais que os determinam.

3.1 Lexicologia

Nas décadas de 1950 e início da década de 1960, nos trabalhos desenvolvidos pela linguística teórica, a sintaxe abrangia todos os aspectos regulares da língua, tais como os

processos de formação de palavras. Dessa forma, o léxico era compreendido como uma lista não estruturada de palavras, atrelado às informações gramaticais como a realização fonética, as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. Sendo assim, o léxico estava subordinado à gramática. Foi com a Teoria Padrão de Chomsky (1964) que o léxico passou a ser visto como um componente autônomo da gramática.

A lexicografia, entretanto, nas décadas de 1960 e 1970, recebeu atenção de diversos linguistas, o que gerou inúmeros trabalhos relacionados ao léxico, como o trabalho de Chomsky (1975). Esses trabalhos conduziram a uma mudança na concepção tradicional, no papel e na estruturação do léxico.

A sociolinguística teve uma grande contribuição no estudo do léxico, pois, com ela, foram-se percebendo as diversas relações que cada comunidade estabelecia com seu acervo linguístico, os fatores que determinavam suas escolhas e preferências e as razões das alterações lexicais.

A partir dessa ciência, temos o léxico definido como um acervo de palavras que as pessoas, falantes de uma determinada língua, têm a sua disposição para se comunicarem, oralmente ou por escrito. Uma de suas principais características é a mutabilidade, pois está atrelado à experiência cultural acumulada por uma sociedade, através do tempo. Dessa forma, observa-se que a definição de léxico está estritamente relacionada aos aspectos culturais, sociais e históricos da comunidade que se utiliza desse acervo de palavras de seu idioma para se comunicar, pois esse inventário é também reflexo dessas experiências, assim como afirma Vilela (1994, p. 14):

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais e científicas.

A fim de estudar por diversos ângulos o léxico, os estudiosos linguistas foram se interessando por diferentes áreas e se especializando nelas, estruturando, assim, novas linhas de pesquisa, tais como a terminologia e a lexicologia.

A lexicografia é a disciplina voltada para as técnicas dos dicionários de língua (ou especiais) e para análise da descrição da língua. Basicamente, a lexicografia é uma disciplina aplicada: ela se ocupa da elaboração de dicionários, vocabulários, glossários.

Seu principal produto, até mesmo pelo *status* comercial que ele ganhou, é o dicionário. Essa obra lexicográfica, de maneira geral, apresenta um recorte do vocabulário em uso em uma comunidade linguística. Esse conteúdo pode advir de diversos gêneros textuais,

como publicitário, jornalístico, científico, ou textos literários, são eles unidades lexicais já aceitas socialmente e incorporadas ao acervo lexical da língua.

Na organização de um dicionário, o verbete é tido como sua unidade mínima. Ele é constituído pelo lema, que é a unidade léxica a ser explorada e pelas informações sobre essa unidade. Essas informações podem variar de acordo com o público ao qual é destinado esse dicionário, mas elas podem envolver informações a respeito da classe gramatical, ortografia, pronúncia, etimologia, sinônimos, antônimos, usos e até mesmo alguns aspectos sintáticos.

Apesar de a elaboração de um dicionário priorizar a modalidade escrita da língua, podemos encontrar nele muito das realizações orais, apresentadas de modo a receber uma marca de uso, como coloquial, regional, gíria e outras. Dessa forma, percebemos que o dicionário tem por objeto a língua e suas diversas realizações, registrando as alterações que essa pode sofrer ao longo dos anos. Por isso, podemos dizer que o dicionário registra a evolução científica e cultural de sua sociedade.

Contudo, é importante ressaltar que o léxico de uma língua é potencialmente infinito e, como afirma a lexicógrafa Rey-Debove (1971), mesmo os dicionários mais ricos não podem repertoriar todas as palavras de uma língua. O dicionário é sim uma ferramenta muito importante para a lexicologia, mas não é a única. Ou seja, não devemos nos contentar apenas com as palavras registradas nos dicionários para definir o léxico de uma língua.

Outra ciência do léxico, que para nós terá, neste trabalho, maior destaque é a lexicologia. Sobre essa disciplina teórica e científica do léxico, Barros (2004, p. 60) afirma:

Sua unidade padrão é a unidade lexical, caracterizada pela não separabilidade dos elementos que a realizam do ponto de vista fonético e é identificada pela possibilidade de comunicação no sistema ou frase (...) Em lexicologia a análise do signo pode ser feita em diferentes perspectivas, de acordo com o recorrente no tempo e no espaço: ponto de vista sincrônico, diacrônico ou ainda pancrônico; sintópico e diatópico.

A lexicologia também se ocupa com os aspectos formais, como a categorização e estruturação do léxico, bem como com os níveis semânticos de uma língua, preocupando-se com as significações linguísticas.

Os primeiros estudos lexicais remontam ao século IV. a.C, na Índia, com Panini. Sendo assim, constitui um campo de estudo muito antigo (Biderman, 1998). Contudo, o surgimento da lexicologia como ciência deu-se apenas entre os séculos XVI e XVIII.

Nesses primeiros anos, a lexicologia tinha como seu paradigma a relação entre o pensamento e a palavra. Foi no século XIX que houve uma mudança nessa perspectiva, pois nesse período observamos o surgimento do método histórico-comparativo.

Com esse novo método, foi possível comparar línguas genealogicamente afins, e o interesse deixou de ser a relação entre o pensamento e a palavra e passou a ser a natureza fonética e morfológica dessa vista agora como uma forma.

Entretanto, o léxico ainda não era visto como um conjunto sistematizado e a lexicologia, por sua vez, era reduzida ao estudo de um amplo compêndio de palavras.

Ferdinand de Saussure (1857-1913), no século XX, inaugurando a linguística moderna, deu novo rumo aos estudos do léxico, pois a língua passou a ser estudada sob os aspectos formais e sociais.

A linguística de Saussure concebia a língua como um sistema estruturado, caracterizado pela interdependência entre seus elementos constitutivos, sendo assim uma modificação sofrida por uma unidade em um de seus níveis podia acarretar em mudança em qualquer outro nível (fonológico, morfológico, sintático, semântico ou lexical). E por ser vista, desde então, como um sistema, segundo Saussure (1989), a língua passou a ser passível de fixação e sistematização em dicionários e gramáticas.

Assumindo esses paradigmas, algumas definições sobre lexicologia surgiram. E, dentro delas, analisaremos duas neste trabalho.

A primeira definição apresenta a lexicologia como:

Ciência do léxico de uma língua. Isto é, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações (VILELA, 1994, p.10).

Percebemos a importância dessa visão de lexicologia, pois a análise da estrutura interna do léxico é muito importante nesse estudo. Mas não devemos desconsiderar, lembrando-nos do caráter social da língua, de que não devemos nos ater somente às estruturas internas, mas considerar o fato de que o léxico é extremamente suscetível às influências externas, ou seja, às influências socioculturais.

Buscando ampliar um pouco o conceito acima, encontramos uma segunda definição de lexicologia, na qual ela é entendida, segundo Barbosa (1990, p. 47), como:

Um dos ramos da linguística, o estudo científico do léxico. Cabem-lhe numerosas tarefas, pois a unidade lexical já é um nível morfo-sintático-semântico bastante complexo. Lembremos aqui algumas dessas tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais (...); analisar e descrever as estruturas morfossintáticas e

semânticas das unidades léxicas, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias; examiná-las em sua carga ideológica e força persuasiva (...). É tarefa, também da lexicologia, examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e continua a um número limitado de lexias, o recorte do real operado pelo léxico das diversas línguas; abordar as palavras como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais. (...) é também, objetivo da lexicologia, estudar o conjunto de palavras de determinado sistemas, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo-ativo e passivo- e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica.

Este último conceito torna-se mais viável, então, por abordar os principais aspectos do léxico de uma língua, tanto quanto à sua natureza formal quanto à sua natureza histórico-social.

Partindo desse contexto, retomemos o conceito de léxico, com relação a que este se torna expressão de identidade pessoal e coletiva, pois é um componente de um sistema aberto e dinâmico, que denomina e designa o mundo humano. Segundo Niklas-Salminen (1997, p. 27), “léxico é uma entidade teórica, ou seja, o conjunto de palavras que uma língua colocada à disposição dos falantes”.

Tal conceito de Niklas-Salminen (1997) é muito preciso, pois nessa definição entendemos que uma palavra - mesmo que em nível potencial, ou seja, presente no acervo lexical de uma comunidade linguística, mas que não necessariamente será utilizada pelo falante - continua fazendo parte do sistema lexical dessa determinada língua. Esse conceito também nos faz perceber o quão grande é o universo lexical, pois ele faz parte do processo de cognição e nomeação do universo humano; e esse processo é infinito, pois é dessa forma que o homem se relaciona com seu universo. À medida que o conhecimento humano desenvolve novas tecnologias, é preciso que novas palavras sejam incorporadas para nomear as novas realidades, como afirma Biderman (1978, p. 16), comparando a competência linguística que o indivíduo adquire ao longo de sua história referente à gramática interna da língua e o léxico:

Relativamente à gramáticanum dado momento de sua história, o indivíduo domina a gramática de sua língua, isto é adquire competência linguística gramatical. Isto ocorrerá no limiar da vida adulta, se o sujeito tiver um desenvolvimento psicofísico normal e se tiver desfrutado de privilégios sociais como educação continuada e escolarização regular. Inversamente com relação ao léxico, nenhum indivíduo jamais será competente em plenitude já que o léxico de qualquer língua constitui um universo sem limites, permanentemente passível de expansão, quer através de suas próprias potencialidades, quer através de recursos alheios que lhe venham de fora. Em suma a gramática é um sistema fechado e o léxico, um sistema aberto.

Tendo como princípio que o léxico compreende todo o conjunto de palavras de uma língua, percebemos que, a fim de estudar os vocábulos usados para designar todos os aspectos que envolvessem o Cururu, o termo léxico não estaria sendo bem empregado, pois na verdade nós estaríamos restringindo o léxico de uma comunidade linguística. Dessa forma, o que pretendemos, então, é levantar o vocabulário dessa manifestação artística.

Consultando uma obra lexicográfica, temos a seguinte definição de vocabulário:

1.O conjunto das palavras de uma língua. 2. O conjunto das palavras em certo estágio de uma língua. 3. O conjunto das palavras especializadas em qualquer capo de conhecimento ou atividade; nomenclatura, terminologia: vocabulário de medicina, de sociologia, de eletrônica. 4. O conjunto das palavras e expressões conhecidas e/ou empregadas por pessoa(s) de determinadas faixa etária, social, etc; o vocabulário infantil; o vocabulário do poder jovem; o vocabulário dos marginais. 5. O conjunto das palavras usadas por um autor em suas obras, ou em parte dela: o vocabulário de Os Lusíadas é de umas 6000 palavras. 6. Lista de vocábulos de uma língua dispostos em ordem alfabética: vocabulário ortográfico; vocabulário etimológico. (...) (A. B. H. FERREIRA, 1998, p. 1786).

As definições encontradas nesse dicionário geral são muito amplas, e para entender melhor esse conceito é preciso restringi-lo um pouco mais, com novas definições.

Sabemos que o léxico pode ser definido como um acervo de palavras de um determinado idioma, ou seja, o conjunto de palavras possíveis que as pessoas de uma determina língua têm à sua disposição para expressar-se, seja oralmente ou por escrito. Sabemos também que uma das características do léxico é sua mutabilidade, pois, no sistema lexical, refletem-se todas as experiências culturais daquela comunidade, alterando-o ou não. Semelhante processo vai gerando um acervo linguístico que é passado de geração a geração. O usuário da língua utiliza o léxico para formar seu vocabulário esse irá, então, constituir um recorte, uma seleção lexical que o falante tem disponível. Desta forma, o léxico, segundo Dias (2009), está consideravelmente relacionado aos aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos de um povo. O vocabulário está contido no léxico isto é, o léxico diz respeito a todos os falantes de uma mesma comunidade, porém ele se consolida por meio da fala, quando está inserido no vocabulário de um falante.

Entretanto, quando se pensa em fazer um recorte do léxico, como é o caso de se estudar o vocabulário, há certa dificuldade em se estabelecer os limites desse recorte. Para esse fim, um dos suportes teóricos são os *campos lexicais*.

A teoria dos campos lexicais, que pretende compreender a estrutura do léxico e o seu funcionamento na língua, é o resultado de pesquisas feitas no início do século XX, por linguistas alemães e por antropólogos americanos, influenciados por Humboldt (1972).

Nessa nova proposta, percebemos a influência de Saussure, autor que estabelece a língua como sistema. Apoiando-se nessa teoria, o vocabulário passou a ser entendido por esses autores como um estado linguístico sincrônico com uma totalidade semanticamente articulada e estruturada em “campos lexicais”. Semelhante relação pode se dar de forma hierárquica.

Dentre os linguistas alemães, destaca-se Trier (1930), segundo o qual o léxico de uma língua está estruturado em campos conceituais, subdivididos em campos lexicais que veiculam o conceito dos campos mais amplos em que se acham inseridos e, para ilustrar tal concepção, retoma a imagem do mosaico, em que o todo é preenchido por ladrilhos que, organizados, dão-lhe forma (LEHER, 1974:16).

Essa imagem dos ladrilhos retoma o conceito de subordinação, já que a organização em campos lexicais gera uma limitação entre os seus componentes; se houver alteração em um, haverá no outro.

Além disso, para pertencer a um mesmo campo, as lexias devem ser atribuídas de valor semântico comum umas às outras. Assim como explica Vilela (1994, p. 33): “a classe lexical é o conjunto constituído pelos lexemas que, independentemente de estrutura do campo lexical, se encontra organizado por um traço comum de conteúdo”. E acresce Barbosa (2002, p. 30): “o campo lexical, conjunto e rede de signos linguísticos que têm um núcleo sêmico comum, decorre do processo de lexemização, ou seja, da conversão da informação conceptualizada em significação linguística”.

Outro aspecto importante a ser levado em consideração em um estudo do campo semântico de uma determinada palavra são as várias conotações que podem ser atribuídas a ela, dependendo do contexto linguístico em que se encontra, como lembra Biderman (1978, p. 154):

No contexto a combinatória dos elementos léxicos sempre introduz novos matizes de significação, sendo essa talvez a principal razão pela qual o lexicólogo não poderá nunca delimitar o campo de significação de uma palavra. São sobretudo os usos metafóricos e metonímicos que contribuem grandemente para essa oscilação e imprecisão de qualquer microssistema léxico.

Foi a partir desse conceito de *campo* que o léxico passou a ser visto não mais como uma lista desarticulada de palavras, mas sim como algo possível de articulação.

Refletindo, portanto, a realidade extralinguística, ou a interpretação desta, o estudo do léxico pela teoria dos campos proporciona meios para melhor se compreender uma comunidade de fala nas perspectivas linguístico-cultural e sócio-histórica.

3.2 Sociolinguística

A sociolinguística, que contribui para a linha de pesquisa de nosso trabalho, à medida que estuda a língua em seu contexto de uso, acredita que não apenas os fatores linguísticos internos ao sistema de uma língua são capazes de explicar toda a diversidade de cada sistema linguístico e, por essa razão, vê na correlação com os fatores sociais - sejam eles de qualquer natureza - fatores imprescindíveis para entender melhor os processos de variação e mudança. Por também acreditarmos que é na fala cotidiana e descompromissada que podemos buscar dados para nossa pesquisa é que nos pautamos aqui em perta dos conceitos e metodologias da sociolinguística.

Toda disciplina necessita encontrar seu foco de análise; e com a linguística não foi diferente. Apesar de termos, na fala, a realização do sistema linguístico e podermos percebê-lo realmente em seu uso concreto, foi na língua, sistema abstrato, que a linguística definiu seu objeto de estudos. Biderman (1978, p. 12) explica-nos a razão dessa escolha:

A fala é, portanto, uma praxis individual, concreta e a língua, uma convenção social, abstrata. Sendo a língua um patrimônio social, preexiste aos indivíduos, classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo. Assim sendo, a língua se situa num eixo temporal que evolui e se altera através dos séculos, sofrendo continuamente a injeção de variadíssimos fatores extralinguísticos.

Muito do que se sabe hoje sobre as estruturas linguísticas é graças a esses estudos. Avançou-se muito nessa área do conhecimento; muitas estratégias e artefatos foram criados para que nós pudéssemos melhor manipular o material de nosso interesse, porém, chegou-se a um tempo de impasse, no qual algumas dúvidas já não podiam mais ser explicadas por esses mecanismos. Deparou-se com algumas incoerências que não eram tão facilmente aceitas, como por exemplo o fato de que o sistema linguístico era homogêneo e estável, não se aceitando, assim, as mudanças em curso. Essas mudanças eram vistas como anomalias da língua.

Contudo, hoje acreditamos que a mutabilidade e a variabilidade são características básicas e inequívocas de qualquer língua natural (WEINREICH, V. LABOV, W & HERZOGLH, 1968).

Surgiu, então, a sociolinguística, disciplina que procura compreender como essas mudanças acontecem no sistema e como essas mesmas mudanças podem ser relacionadas a

processos variáveis, nos quais fatores sociais e linguísticos estão interligados. Assim como entende Biderman (1978, p. 26):

Dessa forma, a cultura e a tradição social se incumbem de estimular a manutenção dos padrões linguísticos sancionados pela comunidade. Prestigiando alguns modelos, particularmente os literários, a comunidade induz os seus membros a acatarem e repetirem esses padrões.

Ao contrário da linguística estruturalista que acredita que tudo aquilo que foge à regra da homogeneidade é disfuncional, a sociolinguística variacionista de Labov (1972) vem propor justamente o oposto - que a heterogeneidade ordenada seria algo natural e inerente a qualquer sistema linguístico em situação real de uso. E que as estruturas heterogêneas não estão presentes somente no ato de fala, ou seja, no nível do desempenho linguístico, mas fazem parte da competência linguística dos falantes. Daí, passamos a entender a língua “como um sistema inerentemente heterogêneo e variável, que serve de meio de comunicação entre os falantes de uma comunidade e que no qual atuam forças linguísticas e sociais” (LABOV, 1972, p. 203).

A teoria funcionalista de Halliday (1974), que pode ser utilizada para orientar a prática sociolinguística, acredita que a língua deve ser entendida como um sistema de comunicação usado e submetido às condições comunicativas efetivas. Dessa forma, não caberia entendê-la como um objeto autônomo, já que seria essencial levar em consideração a situação comunicativa global, como o propósito da fala, o contexto discursivo, os participantes, entre outros.

Para esse autor, a língua desenvolveu-se para atender às necessidades do homem e se moldou de forma funcional de acordo com essas necessidades. Ele afirma: “*no doubt language has evolved in this way because of the ways in which it is used*” (HALLIDAY, 1994, p. 38). Sendo assim, para ele, a gramática funcional seria a natural, pois todas as estruturas seriam explicadas pelo uso que fizessem dela.

Hoje, acredita-se e se reconhece a importância de que para compreender um fato linguístico é necessário levar em conta o sistema social e o linguístico ao qual ele pertence. Sendo assim, a gramática funcional sistêmica percebe a língua como um conjunto de sistemas que se interligam para constituir sentido. E, para estabelecer esse sistema, Halliday (1994) propõe que devemos partir sempre do texto, isto é, das estruturas concretas, percebidas em uso, mas devemos relacioná-las ao sistema, ou seja, averiguar, comprovar a dicotomia competência *versus* desempenho, partir do concreto para chegar ao abstrato.

A abordagem funcionalista busca perceber como se dá a interação comunicativa entre falantes de uma língua natural, como se dão as escolhas feitas pelos falantes, dentre todas as possibilidades fornecidas pelo sistema, e quais podem ser as possíveis motivações das escolhas. Percebemos, então, que o fato analisado será sempre a competência comunicativa.

O sistema linguístico nos dá todos os elementos e informações necessários para que a língua possa se concretizar, ou seja, dentro do sistema encontramos tudo aquilo que é necessário para o uso efetivo de uma língua por um falante concreto. Mas quando pensamos nas escolhas feitas por um falante, essas não são alheias aos fatores sociais de interação. Elas não são feitas aleatoriamente no sistema - ele existe sim como conjunto de possibilidades. E cada situação de uso determinará qual será a opção realizada, pois cada falante pertence a um grupo social distinto e usa a língua para atingir objetivos diferentes.

Segundo Halliday (1994), a língua é um sistema que produz significado. O autor acredita, em sua percepção funcionalista, que devemos levar em consideração, nos estudos sobre linguagem, todo um conjunto de situações comunicativas no qual ocorre um determinado processo linguístico. E ao falar desse conjunto de situações comunicativas, o autor refere-se aos interlocutores, às situações de fala e à própria interação comunicativa.

O falante, então, ao se dirigir ao seu interlocutor, possui uma intenção comunicativa prévia, sendo suas escolhas, dentro do sistema linguístico, que irão representar, no uso, esses desejos comunicativos. Desse modo, a intenção comunicativa do falante e a interpretação que o ouvinte faz dela são mediadas pela expressão linguística, mas não por ela determinada.

Por essa razão, acreditamos que o contexto situacional é demasiadamente importante para entendermos as motivações das escolhas do falante de qualquer língua natural, pois é a partir deles ou dessas informações que são selecionadas pelo falante, que se dão as escolhas do ato comunicativo.

A sociolinguística e a linguística funcional são então ciências consideradas pragmáticas, pois levam em consideração aspectos pragmáticos, ou seja, no caso de ciência da língua, a fala e o contexto também são considerados, nunca sendo uma língua analisada fora de seu contexto social. E quando analisamos os fenômenos linguísticos sob a luz dos estudos pragmáticos, entendemos esses fatos como sendo elementos que se alteram e que interagem durante o processo de fala. Tais elementos alteram-se justamente por serem afetados por condições extralinguísticas, tais como normas sociais, contexto de fala, regras de conduta, nível de formalidade entre outras. E, por isso, entendemos que não é possível analisar qualquer fato linguístico se descartarmos seu contexto discursivo ou situacional. A língua

pensada assim é um fenômeno social que contribui para reprodução e transformações das estruturas sociais e por isso também é modificada e determinada por elas.

Um conceito laboviano, com relação aos estudos de variação, é a noção de variação estilística que trata da alternância das formas linguísticas que o falante usa, dependendo do contexto comunicativo em que está inserido. Esse conceito não se aplica ao desempenho individual, pois essas escolhas dependem de condições de grupo, tais como gênero dos interlocutores, classe social, idade, entre outros.

Para Labov (1972), a premissa da variação estilística é a de que os falantes não usam sempre a língua da mesma forma, mas há um *continuum* que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade. Esse conceito nos é importante neste presente trabalho, pois percebemos, por meio das estruturas analisadas, no caso o levantamento do vocabulário do Cururu que as escolhas dos sujeitos, que se alteram, devem ser determinadas por algumas condições que tentaremos estabelecer.

A fim de compreender o conceito laboviano de variação, devemos perceber esse fenômeno como sendo algo típico do sistema linguístico, ou melhor, como algo essencial à natureza da linguagem humana, e que essas estruturas variantes apresentam padrões de regularidade e sistematização tão coerentes que não podem ser devidos ao acaso.

Contudo, nem tudo numa língua é passível de variação, algumas estruturas são invariáveis e por essa razão elas apresentam uma grande importância, pois garantem estabelecer o que é na estrutura dessa língua e, caso as regras sejam infringidas, corre-se o risco de inviabilizar a compreensão de enunciados. Essas regras são chamadas *regras categóricas*.

Ao contrário das *regras categóricas*, existem as *regras variáveis*, que são em maior número e que se aplicam sempre quando duas ou mais formas surgem em concorrência, quando a escolha por uma ou outra forma vá depender de uma série de fatores, que podem ser tanto de ordem interna ou estrutural, como também de ordem externa ou social. E Labov (1972) ainda completa essa distinção, dizendo que as regras variáveis apresentam uma função comunicativa, ou seja, traduzem estilos, expressividade, ao passo que as regras invariantes ou categóricas não apresentam, já que elas apenas servem para facilitar a comunicação das estruturas possíveis.

Duas ou mais formas, então, que são distintas entre si, mas que são utilizadas para transmitir um mesmo conteúdo constituem uma *variável linguística*. Sendo assim, as variáveis apresentam um mesmo valor denotativo, todavia o falante, intuitivamente, não aceita que possam haver duas formas para se dizer o mesmo; por isso, atribui valorização a

essas formas. Na maioria das vezes, a forma utilizada mais frequentemente por um determinado grupo social passa a receber o reflexo do estigma ou do prestígio social pelo qual esse determinado grupo é reconhecido.

Segundo Labov (1972), para perceber essas variáveis linguísticas seria necessário relacioná-las aos fatores externos da língua, pois só assim poderíamos chegar o mais perto da verdade quanto às motivações das escolhas feitas pelos falantes. Com esse intuito, então, o modo mais objetivo e eficaz seria o de estudar empiricamente as comunidades de fala, pois essas possibilitariam o conhecimento e a sistematização de usos.

Há variadas metodologias empregadas nesse campo de pesquisa, como por exemplo, as gravações individuais de falantes de uma língua; no entanto, os sociolinguistas concordam que as interpretações feitas a partir da produção de apenas um falante não representam um fator decisivo na pesquisa, mas um dos componentes para se atingir o objetivo final, qual seja, o conhecimento da comunidade de fala.

O que determina uma comunidade de fala não é a marcação geográfica; muitas vezes nem a marcação étnica, mas sim o conjunto de falantes de uma mesma língua que compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística. Ou seja, compartilham as mesmas normas de uso, as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas valorações e os mesmos padrões sociolinguísticos.

Sabendo-se que língua varia por questão de uma série de fatores determinantes, sejam eles fatores externos ou internos, chegou-se a um impasse - o de qual material linguístico selecionar a fim de manipular-se cientificamente e qual seria a melhor metodologia aplicada a ele. Para essa questão, Tarallo (1994, p. 18) afirma:

O modelo teórico metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, o objeto- o fato linguístico- é o ponto de partida e uma vez mais, um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise. O fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento e o lançamento de novas hipóteses.

Desse modo, o material recolhido para a análise sociolinguística nunca deverá ser manipulado a fim de encaixá-lo em uma determinada metodologia, mas sim novos métodos devem ser criados a partir dele, para que se possam encontrar dados fiéis a uma pesquisa.

A teoria da variação e mudança linguística postula que a língua é dotada de heterogeneidade sistemática. Também que essa heterogeneidade é um fator constituinte na

identificação de grupos sociais e que seu objeto de estudo é a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala.

Sendo assim, dentre toda essa variação reconhecida nessa da língua falada, como poderíamos estabelecer seus limites, qual seria sua definição? Tarallo (1994, p. 19) propõe a definição de que “a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias”.

A essa definição de língua falada - que será o objeto da sociolinguística- damos o nome de vernáculo, encontrado nos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à fala.

A partir dessa definição de vernáculo, a sociolinguística esbarrou em um de seus dilemas, pois se pretende estudar a língua falada em situações naturais, espontâneas de realização, mas como seria possível fazê-lo sem que a presença do pesquisador interferisse na naturalidade da comunicação? Algumas metodologias foram elaboradas, testadas, como por exemplo, a de coletar grandes volumes de material em locais públicos, como feiras livres e transporte público. Outro método seria o de fazer gravações em grupo, em situação de maior descontração, ou ainda que individualmente, o pesquisador procurasse fazer com que seu sujeito contasse histórias que lhe trouxessem emoções, já que assim haveria menor atenção à fala. Assim, como afirma Tarallo (1994, p. 21), “seja quem for o informante, o pesquisador deverá neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade”.

Semelhante tipo de pesquisa começou a ser feito, no Brasil, a partir da década de 70, com pesquisadores como Antônio Naro (2007) e Miriam Lemle, sendo que inspirados nos frutos desses trabalhos, outros estudiosos realizaram estudos parecidos por diversas regiões de nosso país.

Nos trabalhos realizados sobre variação e mudança, pode-se notar que é possível relacionar fatores internos (linguísticos) com fatores externos (sociais). E acreditamos que esses fenômenos linguísticos devam ser entendidos não somente à luz de suas relações internas na gramática, mas como fenômenos sociais, devendo ser compreendidos dentro do espaço sociocultural em que ocorrem. Assim como aponta Mollica (2004, p. 27), “tanto os fatores linguistas como sociais não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Em um estudo sociolinguístico, procura-se compreender um fenômeno variável, buscando a sistematização e análise das variantes linguísticas utilizadas por uma determinada comunidade de fala. Para isso, o pesquisador busca conciliar o entendimento do processo de variação sincrônica e diacronicamente, ou seja, no primeiro caso, o processo de variação que se observa no recorte da língua que se faz em um momento, e, no segundo caso, a observação dos processos de mudança que a língua sofre em sua estrutura ao longo do tempo.

Por meio da observação das variáveis sociais, o pesquisador busca compreender o *status* de variação de uma dada língua em certa localidade, deparando-se, muitas vezes com a dicotomia *variação estável* e *mudança em curso*. No primeiro caso, por meio da análise dos dados recolhidos, entende-se que a variação continuará presente por muito tempo, já que não há predominância de uso de uma variante sobre a outra. Contudo, no segundo caso, percebe-se a tendência da substituição total de uma variante pela outra, logo haverá aquelas lexias que tenderão ao desuso entre seus falantes.

Foi com os estudos labovianos, especialmente os realizados nas décadas de 1960, na ilha de Martha's Vineyard e logo depois na cidade de Nova York, que a possibilidade de se estudar um aspecto diacrônico da língua, por meio de análises sincrônicas, ganhou força. Para Labov, a variação estudada sincronicamente pode apontar um processo de mudança curso na língua, no plano diacrônico. O chamado *tempo aparente* refletiria, assim, uma projeção do *tempo real*, no qual há o desenvolvimento diacrônico da língua.

O princípio do *tempo aparente* consiste na compreensão de que as diferentes gerações de falantes de uma mesma língua, observados em um mesmo momento, apresentariam estágios de desenvolvimento histórico diferentes dessa língua. Para Chambers e Trudgill (1980, p. 165):

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala de pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala de pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa de difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos.

A sociolinguística, então, apresenta como seu objeto de estudo a variação e a mudança linguística observada e comprovada em seu contexto de uso, qual seja o nível da fala. A língua então é dotada de heterogeneidade, mas essa não se apresenta no caos, visto que, por meio das pesquisas sociolinguísticas, percebemos que se estabelece dentro dela uma sistematização, que é influenciada e revelada por fatores sociais que por sua vez marcam a

identificação dos grupos sociais. Tais mudanças não apresentam a característica abrupta de ocorrência, posto que se dão ao longo de um processo, fato esse que rompeu com a dicotomia sincronia/diacronia e as aproximou, na opinião de Tarallo (1994, p. 21), “afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação”.

Em nosso trabalho, pretendemos observar e tentar entender à luz dos estudos sociolinguísticos, ou seja, entendo que um fenômeno linguístico é condicionado e modificado não só por meios linguísticos, mas também por fatores extra linguísticos. Procurando, dessa forma, levantar o vocabulário atual do Cururu piracicabano acompanhado de sua análise e compreensão e, ao final, apresentar essas lexias em um glossário.

3.3 Dialetoлогия

A variação é algo inerente a qualquer língua natural, porém ela é apresentada como característica essencial à organização, ao estabelecimento de limites para que continue suprimindo as necessidades de comunicação. Considerar variáveis é algo muito importante para trabalhos de sociolinguística e de dialetologia no Brasil, por essa razão alguns autores, como Silva- Corvalán (1998) chegam a considerar essas disciplinas de certa maneira sinônimas, pois tratam da heterogeneidade existente na língua falada. Sobre esse assunto ainda acrescentam Ferreira & Cardoso (1994, p. 19):

Na verdade, definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de dialetologia e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala.

Essa heterogeneidade de que falamos provém de diversos fatores que devemos considerar, apresentando diferenças provenientes de espaços geográficos distintos, ou *diferenças diatópicas*; diferenças provenientes de diversos estratos sociais entre uma mesma comunidade, ou *diferenças diastráticas* e diferenças que correspondem às modalidades expressivas, de estilos diversos relacionados às circunstâncias de fala, ou *diferenças diafásicas*.

Contudo, uma comunidade de fala não é representada por revelar apenas uma dessas características citadas à cima, ao contrário disso podemos perceber, por exemplo, dentro de um grupo que se apresenta relativamente homogêneo em relação ao seu sistema de interação

comunicativa, como em uma unidade sinstrática (mesmo estrato social), diferenças diastráticas e diatópicas. Dessa forma, passamos a compreender que o conceito de dialeto torna-se mais complexo, a medida que entedemos essa heterogeneidade do sistema comunicativo, como afirma Ferreira & Cardoso (1994, p. 12):

Depreende-se, então, que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas de comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de *dialeto*, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.

Os estudos dialetológicos foram pioneiros ao trabalhar com a questão da variação linguística. Talvez devido a esse fato, a dialetologia recebeu críticas por alguns motivos, como os apontados por Câmara Jr. (1972, p. 210):

O aspecto mais criticável que, em conjunto, esses trabalhos apresentam, além da ênfase excessiva dada às peculiaridades lexicais e à ideia implícita de que aí reside o traço básico da diferenciação linguística regional, é tripartido. Em primeiro lugar, falta a adequada limitação areal para o vocabulário escolhido. Também todos eles prescindem de transcrição fonética, com um pressuposto implícito de que a grafia canônica representa satisfatoriamente a forma oral registrada. Finalmente, não há uma configuração nítida das significações que são dadas com vagas equivalências em vocábulos outros ou perífrases, sem o amparo de contextos seguros e nem o background cultural da região. Pode-se acrescentar que não há uma triagem rigorosa entre o que é lidimamente regional, o que é geral no território brasileiro, e até o que pertence a rigor à língua coloquial em contraste com a língua literária, acima do plano dialetal.

Assim, a dialetologia estava restringindo seu fazer a levantar e descrever dados em uma distribuição geográfica, sem haver grandes preocupações com a determinação de uma metodologia clara.

Foi com Amadeu Amaral e sua obra *O dialeto caipira* (1920) que pudemos observar os primeiros passos da dialetologia brasileira frente a uma maior organização, pois em tal obra havia uma preocupação maior em descrever os fatos e com uma abordagem metodológica capaz de examinar a realidade observada em diferentes aspectos.

Além disso, a obra de Amaral configura um avanço na pesquisa dialetal, afinal depois dela a produção dialetológica deixou de ter caráter apenas lexicográfico, restringindo-se à produção de basicamente glossários e dicionários. Segundo Ferreira & Cardoso (1994, p. 41), *O dialeto caipira* configura um marco da dialetologia brasileira:

A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis

fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

Em 1952, ano do decreto que instituiu a elaboração do atlas linguístico brasileiro, percebemos que a dialetologia no Brasil foi envolvida pelas preocupações da geografia linguística e, caracterizando-se, nesse sentido, pela constituição de um *corpus* mais sistematizado.

Entre os pesquisadores que se preocuparam com essas questões e que dedicaram seus trabalhos à pesquisa e a implementação dos estudos de geografia linguística no Brasil, destacam-se: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha.

Antenor Nascentes, pesquisador envolvido com diversas ciências do léxico, lexicólogo, etimólogo, filólogo e dialetólogo, deu grande contribuição aos estudos da língua portuguesa.

Estudioso observador, Antenor Nascentes tinha nossa língua como uma de suas preocupações e acreditava que apenas se conseguiria entender a língua portuguesa falada no Brasil a partir do momento em que se a tivesse descrito em todo o território nacional. Argumentava o estudioso sobre as vantagens de se fazer um atlas linguístico do nosso território ao mesmo tempo em todas as regiões brasileiras, mas reconhecia que devido ao tamanho de nosso país essa seria uma tarefa muito difícil de se conseguir.

Serafim da Silva Neto foi outro importante dialetólogo de nosso país. Acreditava que deveria ser implantada uma cultura dialetológica entre nós, promovendo-se as pesquisas de campo. Para tal, o pesquisador sugeriu que nos cursos de Letras houvesse instituída a disciplina de dialetologia.

Fora isso, o pesquisador elencou e descreveu critérios elementares para a pesquisa dialetal (FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 46):

- a) Realização de sondagens preliminares;
- b) Recolha de vocabulários seguindo as exigências técnicas;
- c) Elaboração de monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas áreas semânticas e sobre determinados falares de região;
- d) Elaboração de atlas regionais;
- e) Elaboração de atlas nacional.

Em seu trabalho, teve grande preocupação com a elaboração de atlas linguísticos, sem que por essa razão deixasse de incentivar todas as outras modalidades de estudos dialetológicos.

Como dito anteriormente, Celso Cunha encontrou na geografia linguística um aporte metodológico para a dialetologia, tendo sido importante incentivador dela no Brasil, acompanhando o *Atlas prévio dos falares baianos* e o *atlas linguístico de Sergipe*.

Também foi um estudioso envolvido com a sociolinguística, dedicando-se a sua implementação no Brasil. Foi um dos responsáveis pela criação e desenvolvimento do NURC, Projeto de Estudos de Norma Urbana Culta.

Entendendo, então, o vocabulário como esse compêndio de palavras que os falantes de língua usam efetivamente, dentre todo o acervo lexical que eles têm e que é influenciado pelo seu contexto histórico e social, adotaremos, no trabalho essa terminologia e essa metodologia, procurando levantar, assim, o atual vocabulário do Cururu piracicabano.

3.4 Definição dos termos usados na pesquisa

Ao longo de nosso trabalho, usamos frequentemente alguns termos que acreditamos ser interessante buscar e oferecer uma breve definição de cada um deles, que podem ser observadas a seguir:

Lexia

Comumente dada como sinônimo à *palavra*, *lexia* é também uma unidade significativa, mas sua significação restringi-se ao campo referencial, ao contrário de *palavra* que também é morfemática ou gramatical. De acordo com Silva, M.C.P. (2002, p. 25), *lexia* “é uma unidade lexical usada em um contexto”, para tanto, há o que é chamado de *lexia* simples, “uma unidade ou uma palavra com um único sentido” e também a *lexia* composta, representada por “um conjunto de unidades com um sentido mais ou menos cristalizado. Conforme o grau de cristalização pode ser classificada como combinatória, locução ou expressão idiomática”. Neste presente trabalho, usaremos o termo *lexia* com esses dois sentidos apresentados, o de item lexical com sentido único e próprio e o de conjunto de itens lexicais que adquire um sentido próprio.

Léxico

O homem, historicamente, sempre sentiu necessidade de nomear tudo que estivesse a sua volta e uma das funções do léxico é dar nome às coisas antes desconhecidas. Ao paço que o ambiente humano se modifica, é preciso criar novas palavras para nomear os novos fenômenos e, assim, a língua, como um organismo vivo, precisa acompanhar essas transformações, surgindo novas palavras ou entrando em desuso outras.

O léxico é, assim, o conjunto de palavras que nos permite pensar, definir, interpretar, codificar e decodificar o mundo. É por meio dele que ao homem é permitido traduzir sua história, com suas experiências e visão de mundo. Contudo, o léxico não é cópia fiel do mundo que se faz retratar por meio dele, mas uma forma particular de percebê-lo por uma determinada comunidade e até mesmo por cada indivíduo que compõe esse grupo.

Como característica indissociável do léxico, a dinamicidade é percebida à medida que acreditamos ser o léxico criado a partir da cognição da realidade existente e da percepção de toda e qualquer experiência, todas elas traduzidas e cristalizadas em palavras, que são suscetíveis e afetadas pelas mudanças de caráter sociocultural. Como se o léxico funcionasse ao modo de um depósito, ou arquivo, onde os falantes pudessem encontrar e selecionar as palavras que servem, naquele momento, individual ou coletivamente, para expressar e definir suas experiências. Por essa razão, o léxico é constantemente ampliado.

A respeito da definição de léxico, define Biderman (1978, p. 139):

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração continua do Léxico da língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico se expande, se altera e às vezes se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades acarretam ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, também podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

É pertinente, pois, relacionarmos o léxico com a história sociocultural de sua comunidade, já que é por meio dele que se traduzem em palavras os conceitos do mundo em que cada indivíduo está inserido e, dessa forma, é nítida sua condição de mutabilidade, já que

é o léxico a estrutura linguística que exprime as alterações socioculturais de uma comunidade, a forma dela perceber e dizer o mundo.

Mudança

Ao longo dos anos, podemos perceber mudanças na língua, sejam elas de caráter morfológico, fônico, lexical ou semântico. Essas mudanças se dão em decorrência da relação direta entre língua e sociedade, pois a língua acompanha os processos de transformação social de um povo que a utiliza como instrumento de comunicação.

Variação

Compreendendo-se que a língua de um povo acompanha e reflete os processos pelos quais essa comunidade de falantes passa, a ela pode, então, variar em decorrência a alguns fatores como tempo, espaço, situação econômica, nível cultural entre outros.

A variação linguística refere-se aos diferentes usos da língua num mesmo estágio, ou seja, sincronicamente. A essas formas concorrentes chamamos variantes que motivam um fenômeno variável, como é o caso da concordância de plural em língua portuguesa, entre o artigo e o substantivo. Nesse caso, há duas variantes, ou faz-se a concordância ou não.

Segundo Tarallo (1994, p. 8), “variantes linguísticas são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade”

Vocabulário

Ao contrário do léxico de uma língua que inclui todo o universo conceptual dela, vocabulário pode ser compreendido como conjunto de palavras usadas por um determinado grupo de falantes, em determinada circunstância e que está em uso, não apenas no campo das possibilidades. É, então, o emprego de parte selecionada do léxico, para fins comunicativos.

Consideramos, dessa forma, o vocabulário, como um subconjunto do léxico, assim como afirma Barbosa (1995, p.21) “ser o vocabulário uma parte do léxico, que representa uma área de conhecimento”.

Glossário

O glossário tem a finalidade de apresentar uma lista de palavras, geralmente em ordem alfabética, ao final de um trabalho, esclarecendo o significado de cada uma delas. Tais palavras, quase sempre, são pouco conhecidas pela população em geral e de uso restrito, podendo ser representadas por palavras estrangeiras, palavras em latim, ou termos técnicos.

4 PESQUISA DE CAMPO

Para que nossa pesquisa fosse sistematizada, buscamos na metodologia de algumas disciplinas os critérios e procedimentos para nos guiar durante a construção de nosso trabalho.

A sociolinguística nos ajudou a definir como seria feita a escolha dos sujeitos da pesquisa; e a dialetologia contribuiu para a recolha das lexias, a formulação e aplicação do questionário, a fim de alcançarmos os dados pretendidos, por fim a lexicografia, orientou-nos na elaboração do glossário cururueiro. O detalhamento desse processo pode ser acompanhado a seguir nesse capítulo.

4.1 Coleta de dados: procedimentos

Piracicaba, que hoje, conta 356.716 habitantes, é uma cidade que oferece vasta gama de universidades, públicas e particulares. Por isso, tem sua população acrescida por estudantes que nem sempre são nascidos naquela região e que aos finais de semana e férias voltam para suas regiões de origem. Essa característica, advinda dos novos tempos da cidade, faz com que seja dificultado o trabalho do pesquisador em selecionar seus sujeitos da pesquisa. Todavia, sabendo-se da importância que o sujeito tem para o trabalho linguístico, torna-se imprescindível que o pesquisador procure obter uma rede que atenda às expectativas de sua investigação linguística.

Com interesse específico no léxico cururueiro, em Piracicaba, coletamos material por meio de entrevistas livres com os habitantes da região envolvidos diretamente com o Cururu, ou seja, os repentistas paulistas. Além disso, também valemo-nos da consulta de alguns autores que abordaram o assunto, tais como Garuti (2003) e de gravações de Cururu a que tivemos acesso.

Uma vez feita a seleção dos vocábulos, nossa intenção era a de testar o reconhecimento deles, ou seja, um indicativo da manutenção, da mudança, da variação ou da perda dessas lexias, por meio de entrevistas, entre quatro populações distintas de Piracicaba: um público mais jovem e um público mais idoso, não envolvidos diretamente com o Cururu, bem como entre os cururueiros mais jovens e os mais velhos. Porém, entrando em contato com esses artistas, pudemos perceber que tal tradição musical de Piracicaba está

desaparecendo, não sendo encontrados jovens interessados na manutenção desse fazer artístico. Consequentemente, nosso questionário não pôde ser extendido a cururueiros mais jovens, já que não os encontramos.

Quando aplicamos pela primeira vez nosso questionário, entre os grupos pesquisados, havíamos selecionado cinco sujeitos para cada grupo, pautando-nos nos modelos de seleção de sujeitos da sociolinguística, como orienta Tarallo (1994, p. 29): “para cada uma das células (...) você necessitará de um número mínimo de 5 sujeitos de modo a garantir a representatividade da amostra”. Contudo, na intenção de contribuir para a veracidade dos dados oferecidos, decidimos ampliar esse número de cinco para dez, em cada um dos grupos.

Considerando o grupo constituído por cururueiros, faz-se necessária uma ressalva, pois se trata de um grupo heterogêneo. Na tentativa de conseguir buscar, conversar e entrevistar o maior número de cururueiros possível, descobrimos que há uma distinção que se faz entre os cururueiros tradicionais, àqueles que tem no Cururu uma profissão, e seguem uma linha mais próxima à da origem cururueira, ou seja, tendo seus repentes ligados a religiosidade católica. E os cururueiros não tradicionais, chamados de *bocudos*, moradores da cidade que cantam Cururu por diversão, geralmente encontrados em bares da cidade, e seus temas são cotidianos, com frequente utilização de palavras de baixo calão ou depreciativas.

Nossa relação de sujeitos fica, então, sendo composta por um grupo de piracicabanos jovens, um grupo de piracicabano idosos, sendo que nesses dois grupos há homens e mulheres na mesma proporção, cinco sujeitos de cada sexo e faixa etária, todos não cururueiros. Além do grupo compostos por cantores de Cururu, formado por artistas tradicionais (cinco) e não tradicionais (cinco).

Nossa intenção era de, então, averiguar se entre a população piracicabana, ainda havia o reconhecimento dessas lexias, ou se a influência dos meios de comunicação, além da chegada de uma população diferente tivesse contribuído para o esquecimento do que antes foi uma modalidade artística de tanto prestígio entre os seus.

Em um primeiro momento, a fim de reunirmos um grupo de palavras relevantes a serem pesquisadas a respeito do Cururu, entramos em contato com senhores, cantadores da modalidade, pretendendo estabelecer nossa rede de sujeitos da pesquisa e conhecer um pouco mais desse universo que eles vivem e o quanto foi percebido ou não de mudanças ao longo dos anos.

Fizemos, então, algumas entrevistas livres, discutindo sobre suas vidas artísticas, sobre como se dá o fazer do improviso, de que forma e com quem aprenderam a técnica, além de falarmos a respeito das mudanças que se deram dentro do Cururu; de como esse repente

improvisado era realizado, qual o prestígio que recebia e quais as alterações sofridas com o passar dos anos.

Feita essa primeira interação, elaboramos e aplicamos, assim, um primeiro questionário composto por um número menor de perguntas, do que é apresentado neste trabalho, pois durante nossas entrevistas livres com os cururueiros, percebemos que algumas das lexias que havíamos encontrado na bibliografia consultada, eram pouco ou não reconhecidas por esses artistas, assim acreditávamos que essas lexias não deveriam estar presentes no questionário, já que possivelmente elas não seriam reconhecidas também pelos outros grupos de não cururueiros.

Contudo, decidimos reformular e reaplicar um novo questionário, apresentando em sua composição essas lexias citadas anteriormente, por entendermos que era necessário testar de fato essa nossa hipótese e ampliar nossa pesquisa sobre o Cururu piracicabano, dessa vez com um número ampliado de questões e de sujeitos consultados.

Reunimos, assim, uma seleção de palavras apresentadas pelos cururueiros, durante o nosso primeiro contato, e as selecionadas na bibliografia consultada e nas letras de música, para, então, elaborarmos um questionário que pudéssemos aplicar à população selecionada e testar nossa hipótese, a de que a população piracicabana já não mais frequentemente reconhece e usa o léxico relacionado ao Cururu.

Essas lexias podem ser observadas juntamente com o questionário que foi aplicado à população selecionada, conforme a seguir demonstrado:

Questionário: CURURU

1. *Baixão:*

... é o canto inicial do Cururu em que, geralmente são pronunciados “alai-lailailailailai...” ou onai-nainainainainai...” e é acompanhando pela cadência da viola.

2. *Bocado:*

Qual o nome do cururueiro que usa palavras de baixo calão em seus versos?

3. *Caçoísta*

Qual o nome que você dá ao cantador de Cururu que gosta de fazer gozação com seu adversário?

4. Canotilho

A quarta corda da viola recebe um nome especial? Qual é ele?

5. Cantador

....é o repentista do cururu, aquele que canta o desafio em versos.

6. Cantar no livro

Quando o cururueiro canta os temas relacionados às histórias da Bíblia, diz-se que ele está a...?

7. Caracaxá/ Caracachá

Qual o nome que se dá a um cantador de Cururu considerado ruim, mau repentista?

8. Carreira

Qual outra palavra que usamos para denominar rima, no Cururu?

9. Carreira dura

Uma rima, uma carreira difícil de fazer, recebe algum nome especial? Qual é ele?

10. Cebolão

Qual o nome que se dá a afinação de cordas, no Cururu

11. Contrário

...é o oponente, o adversário de um desafio de Cururu.

12. Cururu

Qual o nome que se dá ao repente paulista, ao desafio cantado em versos, encontrado.

13. Dobra

Quando há duas ou três rimas na mesma estrofe, qual o nome damos?

14. Escreitureiro

Qual o nome que você dá para o cantador que conhece bem as histórias da Bíblia e compõe seus versos baseados nelas?

15. *Festeiro*

Quem é a pessoa responsável por organizar ou oferecer a festa, geralmente em homenagem a um santo católico, na qual pode ocorrer um Cururu?

16. *Folha*

Qual outro nome pode ser usado para se referir à Bíblia pelos cururueiros?

17. *Função*

Qual o nome que você dá a uma reunião de pessoas em um determinado local por motivo de festa, em que pode ocorrer um desafio de Cururu.

18. *Principiante*

Como é chamado o cantador de cururu de pouca idade?

19. *Improvisador*

O cururueiro que não prepara seus versos com antecedência, cria na hora do cururu suas rimas, recebe algum nome?

20. *Intimidador*

O cururueiro que se considera muito bom cantador, com habilidade muito superior a dos seus adversários, recebe algum nome? Qual é ele?

21. *Louvação*

Como você nomeia a introdução do Cururu, momento no qual os cururueiros cumprimentam os donos da casa e louvam os santos, em agradecimento?

22. *Malhão*

Qual o nome que se dá ao ritmo que o tocador impõe à viola?

23. *Pedestre*

Como você chama o primeiro cantador que se apresenta e que determina quais serão as rimas seguidas no desafio de Cururu?

24. *Porfia*

O momento do desafio de Cururu em que os cantadores são mais cobrados de seus conhecimentos e habilidades de compor recebe um nome: qual é ele?

25. *Povoado*

Que nome você dá ao público que assiste ao Cururu?

26. *Regra das dez rimas*

No Cururu, podem-se estabelecer algumas combinações de como será o desafio: em uma delas, elegem-se dez rimas que deverão ser usadas e os cururueiros não poderão usar outras. Qual o nome dessa combinação?

27. *Repente*

A música feita de improviso, composta no momento em que é cantada recebe um nome, qual é?

28. *Tablado*

... é o palco onde se dá apresentação de Cururu.

29. *Tico-tico*

O que se diz de cantador de Cururu que usa versos de outras pessoas dizendo que são seus?

30. *Verso batido*

Como se chama o verso de desafio do Cururu, em os cururueiros fazem perguntas para o oponente, e este, se não quiser ser desmoralizado, deve responder prontamente.

31. *Verso encontrado*

Qual o nome da resposta que o cantador de cururu dá ao seu oponente apenas ao final de sua apresentação?

4.2 Classificação e seleção dos sujeitos

Para realizarmos a coleta dos dados necessários a nossa pesquisa, procuramos determinar nossos sujeitos da pesquisa de acordo com as orientações contidas no Atlas Linguístico do Brasil (ALIB, 2001), apegando-nos aos aspectos que atendessem às nossas necessidades.

Com o primeiro grupo, que compõe nossa rede, os habitantes de Piracicaba envolvidos diretamente com o Cururu, estabelecemos os seguintes critérios de escolha:

- a) Número de dez sujeitos da pesquisa;
- b) Apenas homens, já que os cantores dessa modalidade são apenas homens;
- c) Com idade superior a 55 anos; pois não há cururueiros mais jovens;
- d) Nascidos no local, e preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade;

Conhecendo nossos pré-requisitos, sabíamos das dificuldades que nós teríamos para conseguir encontrar esses moradores, uma vez que o número de cururueiros está cada vez menor, posto que não há interesse da juventude piracicabana em dar continuidade a essa arte, não se renovando o ciclo de artistas. Além disso, os poucos repentistas que ainda residem na cidade viajam muito, principalmente aos finais de semana, apresentando-se em festas de outras localidades, ou participando de campeonatos, umas de suas fontes de renda desses artistas.

Antes de irmos a Piracicaba, entramos em contato com o então secretário de cultura da cidade, falamos a respeito da pesquisa que tínhamos interesse em realizar e pedindo informações a respeito de como o Cururu era visto pela população local; os incentivos recebidos pelas políticas públicas e se fosse possíveis alguns nomes de cururueiros pelos quais nós pudéssemos procurar. Foi o secretário quem que nos deu apoio ao longo do projeto, fornecendo-nos informações e possibilitando nosso primeiro contato com os cururueiros.

Em nossa primeira visita à cidade conhecemos e assistimos à apresentação de dois cururueiros, J.N. e M.S., com quem tivemos nosso primeiro contato e as primeiras impressões de qual caminho poderia seguir nossa pesquisa.

A partir de então, voltamos a Piracicaba uma segunda vez e colhemos material por meio de entrevistas livres com os cantores de Cururu. Uma vez feito esse trabalho, somando-o às pesquisas realizadas com a bibliografia de Cururu encontrada, selecionamos nosso léxico,

montamos um questionário e voltamos a Piracicaba para aplicá-lo não somente aos cururueiros, mas também, à população local não envolvida com esse fazer. Pois, como afirma Tarallo (1994, p. 31) a respeito da validade dos questionários: “além do dado não natural que forçosamente estará gravado em sua fita cassete, você poderá elaborar testes de língua sobre as variantes estudadas a fim de ampliar o escopo estilístico”.

Assim, voltamos à cidade em busca de um novo grupo de sujeitos da pesquisa que, por viverem na cidade que outrora foi uma das grandes referências de Cururu daquela região pudessem nos mostrar um reflexo do quanto que essa manifestação cultural ainda está presente ou não no cotidiano e na lembrança das pessoas, para então observar, por meio de suas respostas ao questionário aplicado, o quanto que as lexias que representam e traduzem o fazer do Cururu, poderiam ter sido mantidas, ter sofrido variação ou estarem esquecidas.

Procuramos, assim, dois grupos de habitantes compostos por dez pessoas cada. Um primeiro grupo constituído por pessoas com idade entre 20 e 35 anos e outro grupo, com idade acima de 35, e que obedecessem aos seguintes critérios:

- a) Ambos os sexos;
- b) Alfabetizados e com grau de escolaridade igual ou superior ao Ensino Fundamental;
- c) Nascidos no local, e preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade;
- d) Com profissão definida.

Não conhecíamos os sujeitos que responderam ao questionário gentilmente e que colaboraram com a nossa pesquisa, pois, concordando com a fala de Tarallo (1994, p. 27), acreditávamos que essa escolha deveria ser feita ao acaso, para que assim pudéssemos ter um reflexo mais fiel do fato estudado.

O critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória. Tal critério deverá ser usado especialmente no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados.

Ao passo que fomos encontrando nossos sujeitos, que foram localizados em alguns pontos importantes da cidade, como a igreja matriz, onde tivemos a oportunidade de conversar com o padre da cidade, fomos aplicando nosso questionário. Também fomos ao mercado municipal, onde falamos com comerciantes locais, que conversam diariamente com diferentes tipos da cidade, e têm a oportunidade de perceber com maior nitidez as mudanças

ocorridas na região. Por último fomos à praça central, onde todas as noites ocorre algo curioso - um grupo grande de amigos reúne-se informalmente, ao que eles apelidaram de *clube do sereno*, a fim de discutir questões políticas da cidade, especular sobre a economia local, ou apenas passar algum tempo entre si, em conversar descompromissadas.

Em tal clube, encontramos cidadãos piracicabanos de diversas áreas, professores, médicos, dentistas, corretores de imóveis e tantos outros, já que a configuração do grupo altera-se a cada noite. Algumas dessas pessoas contribuíram para o nosso trabalho.

Fizemos então a aplicação do questionário com esses quatro diferentes grupos – o grupo de cururueiros, composto por cururueiros mais e menos tradicionais, a população mais jovem e mais idosa de Piracicaba – utilizando-nos desse instrumento tão necessário à nossa pesquisa, pois nos ajudou na identificação dos vocábulos ainda reconhecidos entre os falantes daquela comunidade e outros que nem tanto.

A seguir, podem-se observar os resultados obtidos pela aplicação do questionário com esses três diferentes grupos de sujeitos. Por meio de quadros comparativos, procuramos mostrar os dados obtidos, averiguando o quanto a população que outrora grande consumidora da arte do Cururu, foi afetada pelas marcas de sua histórica sociocultural, no reconhecimento em maior ou menor grau do léxico do Cururu.

5 ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DO CURURU PIRACICABANO

O resultado da aplicação do questionário foi disposto em tabelas, com propósito de melhor visualizar os dados obtidos. Contudo, acreditamos que, para que se enriquecesse a pesquisa, seria interessante apresentar uma consulta feita em nove obras lexicográficas distintas das lexias presentes no vocabulário do Cururu piracicabano. Para que assim tivéssemos mais informações que contribuiriam na compreensão do fenômeno estudado.

Ao propormos um trabalho que pretende pesquisar o léxico que compõe o vocabulário usado por uma determinada comunidade linguística, é válido ressaltar que compreendemos que esse material analisado é também influenciado por fatores sociais, como aponta Biderman (1978, p. 139) ao relacionar léxico e sociedade:

Qualquer sistema léxico é o somatório de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Nosso estudo, dessa forma, não pode ficar restrito à apresentação de uma lista de palavras selecionadas a partir de entrevistas e aplicações de questionários, mas faz-se necessária a compreensão do processo de aquisição das palavras que compõem seu vocabulário e qual a relevância histórica delas dentro de sua comunidade linguística. Ainda como aponta Biderman (1978, p. 139):

Embora o Léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática são os usuários da língua – os falantes- aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua, particularmente os indivíduos mais criativos e de maior competência linguística como os escritores os poetas.

Para cumprirmos tal tarefa, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da sociolinguística, da dialetologia e da lexicologia, para assim realizarmos a análise das lexias de que dispomos.

Vilela (1994, p. 45) nos lembra da relação histórica entre língua e o povo que dela se utiliza:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo antes de passar para a língua e para a cultura dos povos tem um nome e esse nome faz parte do léxico.

O léxico de uma língua traduz, então, a historicidade de um povo: ele nos conta a respeito de seus valores, sua moral, suas crenças, preferências, descobertas e outros fatores que, por vezes, fazem com que o significado de uma palavra seja alterado ao longo dos anos, ou associado a novos sentidos. E, a respeito desse caráter, de o significado das palavras ser pouco resistente às mudanças, nos diz Saussure (1989, p. 90) que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo”.

Dessa forma, entendemos a necessidade de estudarmos o léxico pretendido em seu contexto de uso, caso contrário não haveria como assegurar o levantamento do vocabulário em questão.

Pautados nessas afirmações, faremos a análise de nosso *corpus*, o *vocabulário do Cururu piracicabano*, apresentando uma abonação de cada uma das lexias escolhidas, dadas pelos cantores de Cururu, moradores de Piracicaba, seguida por uma tabela comparativa com o registro encontrado nas obras lexicográficas pesquisadas. Também apresentaremos uma tabela com o número da porcentagem de uso das lexias entre as populações de faixas etárias e sexos diferentes. Esclarecemos que em algumas tabelas não serão encontradas abonações, nesses casos tem-se a apresentação de lexias dadas como sinônimos às lexias de entradas, que constam no questionário, por essa razão não há uma abonação para a maioria delas, já não foram recolhidas por meio de entrevistas. Por último, analisaremos e comentaremos os dados apresentados.

Em meio às inúmeras obras lexicografias existentes, escolhemos as citadas a seguir, em consideração à ordem cronológica apresentada por elas, com a intenção de fazermos uma comparação histórica dessas lexias, já que os dicionários selecionados abrangem três séculos (XIX, XX, XXI). São elas:

1. Pe. Raphael Bluteau – 1712- 1728;
2. Antônio de Moraes Silva – 1813;
3. Frei Domingos Vieira – 1871- 1874;
4. Laudelino Freire – 1957

5. Francisco Júlia Caldas Aulete – 1964
6. Adalberto Prado Silva (Michaelis) – 1970;
7. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – 1995;
8. Francisco da Silva Borba – 2002;
9. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – 2003.

As acepções apresentadas nas tabelas a seguir foram transcritas como as encontramos nas obras originais, com intenção de garantir melhor compreensão do processo de análise das lexias.

As seguintes abreviações foram utilizadas nas tabelas, com a intenção de poupar espaço, esclarecidas a baixo:

adj.	Adjetivo
f	Feminino
m	Masculino
s	Substantivo

A tabela que apresenta a frequência de uso entre os diferentes grupos tem como finalidade observar a tendência dessa comunidade quanto à utilização dessas lexias, se a de preservar seu uso ou se de haver variação ou mudança com o passar do tempo. Além de oferecer as diferenças entre as escolhas dos grupos femininos e masculinos, afim de observarmos se a distinção de gênero comporia uma variável passível de análise em nossa pesquisa. Outra importante informação dada é a preferência de escolha do grupo cururueiros, poderemos observar as diferenças entre os grupos mais e menos tradicionais. A seguir, é possível examinar a relação das informações contidas em cada um dos quadros.

Quadro 1: Baixão

Baixão: Canto inicial do Cururu em que, geralmente, são pronunciadas as expressões “alai-lailailailai...” ou onai-nainainainai...” e vem acompanhando da cadência da viola.

Contexto de utilização:

“Meu sistema é o comunicativo, porque eu vô dizê pra você eu sô o único cantador criativo, de setenta pra cá, fazendo *baxão* em letra. Porque o *baxão* cururueiro é o lalaí lalalai. Mais quando eu fazia, que eu era mais novo que tudu eles, acompanhava o Serra, o Chiquito, eu percebia que a juventude assim que nem você falava que era um gemido, tirando sarro. Ouvi bastante veiz a mulecada, a minoria, mais tirando sarro. Aí, eu fiz um jeito de ser criativo. Hoje eu tenho nada mais nada menos que oito ou nove *baxão* tudo feito em letra.” (M.S)

Tabela 5.1 Comparação da lexia *baixão* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Baixão	Não há registros.	Não há registros	Não há registros	Não há registros	Não consta com essa acepção	s.m. Canto sem letra, em que apenas se repete <i>lai-lai</i> , e cada cururueiro entoa, com fecho ao findar sua carreira.	Não consta com essa acepção.	Não há registros	No batuque (“dança”) e no cururu “dança de roda”), a introdução executada pelo violeiro.

Tabela 5.2 Porcentagem de escolha da lexia *baixão* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Baixão	10/10 (100%)		4/10 (40%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	- Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	3/5	1/5	0/5	0/5

- BAIXÃO

Podemos notar que, entre os dicionaristas pesquisados, somente os mais atuais (Aulete, Michaelis, Ferreira e Houaiss) registram a lexia *baixão*; porém apenas Michaelis e Houaiss trazem o registro de *baixão* com a mesma acepção apresentada pelo sujeito da pesquisa, a de uma melodia entoada pelo cururueiro.

Aulete traz a acepção de espécie de instrumento de sopro, ou ainda uma grande baixada, nos remetendo às considerações geográficas. Ferreira que também apresenta a lexia em seu dicionário, considerando *baixão* como um instrumento musical de grandes dimensões usado durante o século XV. Nos demais trabalhos lexicográficos, não há sequer o registro da lexia.

Ao compararmos o registro trazido pelo dicionário Houaiss e pelo sujeito da pesquisa, percebemos que a lexia não sofreu mudança semântico-lexical, pois, em ambos os casos, a palavra *baixão* designa o canto inicial do Cururu.

Ao compararmos as tabelas das acepções dos dicionaristas com os dados da tabela de frequência, notamos que essa é uma palavra, provavelmente, de uso restrito aos envolvidos com a arte do Cururu, já que, entre os cantores de Cururu (tanto os mais tradicionais como os menos), tivemos 100% de reconhecimento da palavra e esse número foi se reduzindo até chegar a 0% entre o grupo dos mais novos. Talvez por essa razão, seu registro seja limitado a dois dicionaristas.

Por meio dos dados levantados, podemos apontar que essa lexia, por estar estritamente relacionada ao universo cururueiro tem seu uso restrito a seus representantes. E por esta arte não apresentar atualmente grande prestígio em sua comunidade, apresenta tendência ao desuso, já que não há uma variante que concorra com ela e por não ter o Cururu renovação e interesse de jovens repentistas.

Quadro 2: Bocudo

Bocudo: Diz-se do cantador que utiliza de palavras de baixo calão em seus versos.

Contexto de utilização:

“Antigamente, um festerio se ouvisse argüem falá bobagem, tirava a pessoa do palco e mandava ficá queto. – Você é *bocudu*, não tem respeito, senta aí e escuta us outro cantá” (J.N.)

Tabela 5.3 Comparação da lexia *bocudo* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Bocudo	Não há registros	Não há registros.	Não há registros	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registros	adj. Qualificador de nome humano inconveniente, malcriado.	Não há registros

Tabela 5.4 Porcentagem de escolha da lexia *bocudo* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Bocudo	10/10 (100%)		8/10 (80%)		6/10 (60%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	5/5	3/5	4/5	2/5

- BOCUDO

Os lexicógrafos Bluteau, Silva, Vieira, Ferreira e Houaiss não registram o termo *bocado* em suas obras. Já Freire e Aulete apresentam o verbete, mas com uma acepção diversa da usada pelo sujeito, dizendo ser *bocuda* a pessoa que tem uma boca grande ou ainda uma pessoa que fala muito e indevidamente.

Encontramos o registro da palavra com a mesma acepção de uso somente na obra de Borba, havendo assim manutenção semântico-lexical da palavra.

No registro do citado autor, notamos a rubrica, na entrada da palavra, tendo essa lexia uma acepção coloquial, o que pode demonstrar seu uso restrito e uma possível razão para não haver seu registro na maioria dos dicionários consultados.

Observando a tabela de frequência de uso entre os moradores de Piracicaba, percebemos que a lexia é bastante comum entre essa população e comum aos diferentes grupos de faixas etárias, com tendência à manutenção.

Quadro 3: Caçoísta

Caçoísta: Característica atribuída ao cantor de Cururu que aprecia gozar de seus adversários por meio de seus versos.

Contexto de utilização: “Nossa mãe! *Caçoísta* qui nem o Parafuso não tem mais ninguém não, aquele gostava de caçar di todo mundo, era só subir no palco e começava u divertimentou.” (N.S)

Tabela 5.5 Comparação da lexia *caçoísta* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Caçoísta	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	adj. e s.m. O que gosta de caçar.	adj. e s.m. ou f. Que o que faz caçada.	adj. e s.m. Que ou que gosta de caçar.	adj. Que caça, que gosta de caçar; caçoante, caçoísta, trocista.	adj. Trocista, zombeteiro. s.m. Quem faz zombarias.	adj. caçador

Tabela 5.6 Porcentagem de escolha da lexia *caçoísta* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
Caçoísta	8/10 (80%)	6/10 (60%)	2/10 (20%)

+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
5/5	3/5	4/5	2/5	1/5	1/5

- CAÇOÍSTA

A lexia *caçoísta* apresenta um registro que se nota entre quase todos os dicionaristas aqui consultados, sendo que apenas nos três mais antigos não encontramos o registro dela. Verificamos também que há manutenção semântico-lexical, já que há coincidência entre a forma usada pelos entrevistados e a encontrada nos textos lexicográficos.

Por meio da observação da tabela de frequência, notamos uma diferença bastante considerável entre a utilização dessa palavra pelo grupo de pessoas mais idosas, sendo elas cururueiras ou não, e o grupo dos mais jovens, já que o grupo de faixa etária menor quase não utiliza mais essa lexia e recolhemos o uso dela em apenas dois entrevistados entre dez.

Durante as entrevistas recolhemos outras lexias dadas como sinônimo à *caçoísta*, indicando processo de variação.

Quadro 4: Sinônimo de caçoísta: gozador

Gozador: O mesmo que caçoísta.

Resposta dada como sinônimo a caçoísta.

Tabela 5.7 Comparação da lexia *gozador* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Gozador	Não há registros.	Não há registros.	s.m. O que goza.	adj. e s.m. O que goza.	adj. Que tem espírito mordaz, que faz troças com pessoas ou coisas, brincalhão.	adj. e s.m. Brasil. Que ou aquele que faz ou é dado a fazer gozação.	adj. s.m. Que ou que goza.	adj. Que faz troça. s.m. Pessoa dada a caçoadas e brincadeiras.	adj e s.m. Que ou aquele que tem espírito crítico ou trocista, que faz comentários divertidos ou perversos, mas com graça, sobre seres ou coisas.

Tabela 5.8 Porcentagem de escolha da lexia *gozador* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
---------	--	---	---

Gozador	2/10 (20%)		2/10 (20%)		4/10 (40%)	
	+Tradicional	- Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	0/5	2/5	1/5	1/5	3/5	1/5

- Gozador

A lexia *gozador* foi dada como sinônimo por alguns dos entrevistados como resposta ao questionário, principalmente pelo grupo dos mais jovens, que praticamente não reconheceu a lexia de intenção original *caçoísta*.

Interessante observar que apenas dois entre os nove dicionaristas pesquisados não fizeram o registro dessa lexia e os dois mais antigos, Bluteau e Silva, demonstrando assim a datação provável do registro dessa lexia em nossa comunidade linguística.

Podemos ainda observar que há manutenção semântico-lexical da palavra entre o grupo pesquisado, já que encontramos coincidência entre o registro da fala e o registro das obras lexicográficas.

Ainda a respeito da escolha dos entrevistados, percebemos que os dados apontam para um processo de variação em que a lexia *gozador* concorre.

Quadro 5: Sinônimo de *caçoísta*: *tirador de sarro*

Tirador de sarro: O mesmo que *caçoísta*.

Resposta dada como sinônimo a *caçoísta*.

Tabela 5.9 Comparação da locução *tirar sarro* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Tirar sarro	Não há registros	Não há registros	Não há registros	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Pessoa divertida ou engraçada	s.m. Brasil. Gíria. Pessoa ou coisa divertida engraçada, gozada.	Não consta com essa acepção.	Brasil. Uso informal. Pessoa ou coisa que diverte, que é engraçada

Tabela 5.10 Porcentagem de escolha da locução *tirar sarro* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
Tirar sarro	0/10 (0%)	2/10 (20%)	4/10 (40%)

+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0/5	0/5	0/5	2/5	1/5	3/5

- TIRAR SARRO

A locução *tirar sarro* (e daí o nome *tirador de sarro*) foi apresentada na entrevista como um sinônimo à palavra *caçoísta*. Quando pesquisada nos dicionários, nós a encontramos em quase todos os dicionários, sendo que apenas nos três mais antigos não há o registro e na obra de Freire, Aulete e Borba a acepção dada somente diz respeito à locução verbal e não faz menção ao substantivo. Nos demais, a acepção é mesma dada pelos nossos sujeitos.

Analisando a tabela da frequência, observamos que essa expressão não é utilizada pelo grupo de cururueiros em geral, é pouco utilizada entre o grupo mais idoso (apenas 20%) e mais reconhecida pelo grupo de entrevistados mais jovem (40%), o que demonstra ser uma palavra de reconhecimento e uso mais atual.

Observamos ainda que há manutenção semântico-lexical, já que não há nenhuma alteração da lexia por parte dos falantes em relação ao registro oferecido nos dicionários.

Quadro 6: Canotilho

Canotilho: Quarta corda da viola, contando-se de baixo para cima.

Contexto de utilização:

“O tocador pra afinar a viola se baseia no *canotio* que é essa corda aqui, assim fica tudo pareio” (J.N.).

Tabela 5.11 Comparação da lexia *canotilho* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Canotilho	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Fio de latão prateado que se enrola nas cordas de instrumento de corda.	Não consta com essa acepção.	Canutilho. Fio de latão prateado que se enrola nas cordas grossas ou bordões de certo instrumento musical.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Canutilho. Fio de latão prateado que se enrola em torno das cordas de tripa para fazer os bordões do violinos, violoncelos e outros instrumentos musicais.

Tabela 5.12 Porcentagem de escolha da lexia *canotilho* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Canotilho	6/10 (60%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	1/5	0/5	0/5	0/5	0/5

-CANOTILHO

Lexia de registro antigo em nossa língua, *canotilho* consta em todas as obras lexicográficas consultadas nesse trabalho, mas somente em Freire, Michaelis e Houaiss, encontramos acepção mais próxima da oferecida por nossos sujeitos, a de corda de instrumento musical. Nas outras obras lexicográficas há o registro comum de espécie fio metálico.

Apesar de não termos encontrado exatamente a mesma acepção dada pelos nossos sujeitos, a de a quarta corda da viola, acreditamos que o sentido primeiro foi preservado, a de corda de instrumento musical ou de revestimento de corda, e que o uso dos cururueiros para essa lexia é muito específico. Um processo metonímico talvez tenha feito esse grupo de artistas considerarem chamar uma parte, uma determinada corda da viola, pelo todo, canotilho, que é o nome atribuído às cordas de instrumentos musicais ou revestimento de cordas em geral.

É interessante notarmos que com o passar do tempo o registro dessa lexia foi sendo modificado, visto que nos dicionários mais antigos encontramos a forma *canotilho*, grafada com *o*, como é feito o registro em Bluteau, Silva e Vieira, já nos demais dicionários consultados, encontramos a forma *canutilho*, grafada com *u*. O que nos apresenta um registro histórico e formal de alteração fonético-fonológica na nossa língua, como é o caso desse rebaixamento vocálico, já que há mudança do timbre de *o* para *u*.

A forma oferecida por nossos sujeitos, *canotio*, foi encontrada apenas entre o grupo dos cururueiros (tradicionais e não tradicionais). Nos demais grupos não houve nem reconhecimento nem uso dessa lexia, o que nos aponta se tratar de uma lexia muito específica desse grupo de artistas e que tende ao desuso ao passo que o Cururu perde prestígio e sucessores.

Quadro 7: Cantador

Cantador: Indivíduo que se especializou em fazer repentes de Cururu.

Contexto de utilização:

“Eu não quero me gabá não, mais eu sou um *cantadô* que quando fiz sucesso, eu não podia desce do palco, no meio do povo. Uma vez eu fui descê do palco, lá de Laranjal, quase mataru eu, ganhei mordida no pescoço, rasgaru a minha camisa...” (M.S.).

Tabela 5.13 Comparação da lexia *cantador* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michael is	Ferreira	Borba	Houaiss
Cantador	Não há registros	Não há registros	adj. Que canta.	s.m. Que canta.	s.m. Cantor popular.	adj. Que canta.	adj. Poeta capaz de improvisar versos ao som da viola ou da rabeca.	s.m. Cantor popular que, cantando, narra a história dos homens e do ambiente que o cerca. Poeta popular capaz de improvisar versos ao som da viola ou da rabeca.	Música. Regionalismo : l. Diz-se de ou poeta popular que, em versos cantados de improviso e geralmente acompanha dos de viola ou rabeca, relata acontecimento diverso, em desafios com outros cantadores.

Tabela 5.14 Porcentagem de escolha da lexia *cantador* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Cantador	6/10 (60%)		4/10 (40%)		8/10 (80%)	
	-Tradicional	+Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	2/5	2/5	2/5	4/5	4/5

- CANTADOR

Entre os lexicógrafos consultados, podemos deduzir a incorporação da lexia dialetalmente, pois, dentre os trabalhos mais antigos, em dois não constava a entrada (Bluteau

e Silva), e em outros dois a acepção da lexia é dada mais genericamente, visto que para Vieira e para Freire, *cantador* é o adjetivo de quem canta; já para os demais dicionaristas, a lexia denomina o cantor popular, expandindo o significado do termo. Consideramos, assim, que não há variação semântico-lexical da palavra, pois há esse registro específico nos dicionários mais modernos.

Outra observação que podemos fazer, diz respeito à classe gramatical dessa lexia, já que nossos sujeitos consideram-na como um substantivo, o sujeito que canta. Já alguns dos dicionários consultados apresentam essa lexia como um caracterizador, um adjetivo. Como faz Ferreira, ao dizer que cantador é o poeta capaz de improvisar canções.

O termo que designa, dentro desse campo semântico, o cantor do Cururu é comumente aceito entre as três populações entrevistadas, como podemos observar por meio da tabela de frequência. Tal fato aponta para um quadro de manutenção, pois apesar de encontrarmos uma variante na comunidade, *cururueiro*, consideramos que todo cururueiro é também um cantador, e a escolha de uma ou outra lexia está intimamente relacionada à apreciação musical de cada um dos entrevistados.

Quadro 8: Sinônimo de cantador: cururueiro

Cururueiro: O mesmo que cantador.

Contexto de utilização:

“Nois aqui sempre teve muito *curureiru* bom, que conseguia improvisá bem nas competição, fazê as rima boa, *cururueiru* famoso mesmo, né?” (J.N.).

Tabela 5.15 Comparação da lexia *cururueiro* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Cururueiro	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.m. Cantador de cururu.	Não há registros.	s.m. Cantador de Cururu.	Não há registros.	Não há registros.	adj. s.m. Musica. Relativo à Cururu ou cantador de desafio do tipo cururu, cururuzeiro.

Tabela 5.16 Porcentagem de escolha da lexia *cururueiro* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
Cururueiro	4/10 (40%)	6/10 (60%)	2/10 (20%)

+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1/5	3/5	3/5	3/5	1/5	1/5

- CURURUEIRO

Entre as obras lexicográficas consultadas apenas três trazem a lexia *cururueiro* (Freire, Michaelis e Houaiss). A palavra que foi dada como sinônimo de cantador por nossos entrevistados, demonstra ter caráter regionalista, ao ser registrada em poucos dicionários de nossa língua, e também ser específica, como esclarece a rubrica encontrada na obra de Houaiss que diz ser essa lexia usada especificamente na música.

Averiguamos, também, que a palavra apresenta manutenção semântico-lexical entre os moradores de Piracicaba.

Notamos também que há certa preferência dessa lexia pelo grupo de pessoas mais idosas, cururueiras ou não, apresentando índices de mais de quarenta por cento de uso, contra apenas vinte por cento entre os mais jovens que preferem a lexia *cantador*, como foi apontado pelo quadro anterior. Percebemos, assim, um quadro de variação.

Quadro 9: Cantar no livro

Cantar no livro: Cantar, versar sobre temas relacionados às histórias da Bíblia.

Contexto de utilização:

“O Cururu verdadeiro mesmo é aquele, no antigamente, era o que cantava tudo as história da Bíblia, que *cantava no livro*, que sabia fazê a louvação.” (J.N.)

Tabela 5.17 Comparação da lexia *cantar no livro* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Cantar no livro	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 5.18 Porcentagem de escolha da lexia *cantar no livro* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Cantar no livro	6/10 (60%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres

5/5	1/5	2/5	0/5	0/5	0/5
-----	-----	-----	-----	-----	-----

- CANTAR NO LIVRO

A lexia *cantar no livro* unanimemente não aparece nas obras lexicográficas consultadas. Além disso, a frequência de uso entre a população pesquisada é bastante reduzida, principalmente entre os dois grupos que não têm o Cururu como ofício.

Concluimos, assim, que é uma lexia típica e de provável uso exclusivo no universo cururueiro, mais propriamente entre os cururueiros tradicionais que fazem questão de ressaltar que ainda preservam a origem do Cururu, a de cantar os temas relacionados às histórias da Bíblia, ao contrário dos demais cururueiros que tratam de temas mais cotidianos.

No caso dessa lexia, dos sessenta por cento que reconheceram a locução *cantar no livro*, entre o grupo de cururueiros, cinquenta por cento é composto por cururueiros tradicionais. Esses dados apontam para tendência de desuso da lexia.

Quadro 10: Caracaxá

Caracaxá: cantador que não consegue elaborar boas rimas. O mau compositor de repentes de Cururu.

Contexto de utilização:

“Quando a gente vai pro campeonato é campeão, só us cururueiro bão daqui di pertu, Tatuí, Laranjal, Sorocaba...Tem as regra, u sorteio e us juiz. Num aparece nenhum *caracaxá* no meio pra atrapaiá” (J.N.)

Tabela 5.19 Comparação da lexia *caracaxá* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Caracaxá	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.

Tabela 5.20 Porcentagem de escolha da lexia *caracaxá* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
---------	--	---	---

Caracaxá	2/10 (20%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	0/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- CARACAXÁ

Buscando a *lexia* nos dicionários consultados nessa pesquisa, verificamos que o registro é feito por poucos dicionaristas, posto que sua entrada se dá apenas em Freire, Ferreira, Houaiss e Michaelis, mas mesmo assim com outra acepção que não aquela apresentada pelo sujeito, a de mau compositor de repentistas.

Os dicionários que trouxeram a *lexia* disseram ser *caracaxá* uma espécie de instrumento de percussão, um tipo de chocalho.

Notamos, dessa forma, que a acepção dada pelos cururueiros é muito específica desse grupo, de pouco espalhamento. Além disso, observando a tabela de frequência, percebemos que a *lexia* tende ao desuso já que não foi reconhecida nem pelo grupo mais jovem, nem pelo grupo mais idoso e o grupo de cururueiros pouco reconhece e usa essa palavra.

Quadro 11: Sinônimo de *caracaxá*: ruim

Ruim: o mesmo que *caracaxá*.

Resposta dada como sinônimo a *caracaxá*.

Tabela 5.21 Comparação da *lexia ruim* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Ruim	Roim ou ruim. Mao assim no sentido natural como no moral.	adj. Mao físico ou moral.	adj. Mau, assim no sentido natural como moral.	adj. Destituído de mérito.	Que não tem préstimo, incapaz.	adj. Destituído de mérito.	adj. Que não tem préstimo, inútil.	adj. De má qualidade	adj. Cujo desempenho é insatisfatório

Tabela 5.22 Porcentagem de escolha da *lexia ruim* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
---------	--	---	---

Ruim	4/10 (40%)		6/10 (60%)		4/10 (40%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	3/5	4/5	2/5	3/5	1/5

- RUIM

Classificada como adjetivo que designa a má qualidade de alguém ou alguma coisa, a lexia *ruim* foi dada como resposta ao questionário por muitos dos entrevistados e na mesma proporção entre os diferentes grupos.

Há o registro da lexia entre todos os lexicógrafos consultados, contudo apenas Houaiss aproxima sua acepção ao significado dado pelo contexto do sujeito da pesquisa, ou seja, alguém cujo desempenho não é satisfatório.

Percebemos, então, que há manutenção semântico-lexical desse item lexical e que, comparado à *caracaxá*, apresenta índices maiores de escolha pela comunidade investigada, fato que demonstra mudança em curso.

Quadro 12: Sinônimo de *caracaxá*: *fraco*

Fraco: O mesmo que *caracaxá*.

Resposta dada como sinônimo a *fraco*.

Tabela 5.23 Comparação da lexia *fraco* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Fraco	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Que não tem talento nem capacidade.	adj. Mediano, medíocre, ineficaz.	Mediano, medíocre, ineficaz.	adj. Pouco sabedor.	Pouco versado em.	adj. Sem importância; inexpressivo.	adj. Pouco exímio em determinada atividade.

Tabela 5.24 Porcentagem de escolha da lexia *fraco* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Fraco	4/10 (40%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	2/5	0/5	2/5	0/5	0/5

- FRACO

Outro sinônimo apresentado por nossos sujeitos à palavra *caracaxá*, *fraco* mostrou índices menores de escolha entre os entrevistados que não fazia parte do grupo de cururueiros (20% e 0%), bem como um índice mediano entre os entrevistados cururueiros (40%).

Os dicionaristas, exceto os mais antigos (Bluteau, Silva e Vieira) apresentaram acepções iguais à dada pelo contexto de utilização do sujeito da pesquisa, ou seja, a de ter falta de habilidade em algo. Sendo assim, encontramos um caso de manutenção semântico-lexical e de mudança em curso e de variação a respeito da designação dada ao mau cantor de Cururu, já que há uma lexia que não tem mais prestígio pela comunidade, *caracaxá*, e duas lexias de mesmo campo semântico que estão juntamente presentes: *ruim* e *fraco*.

Quadro 13: Carreira

Carreira: Repetição de sons ao fim de dois ou mais versos, rima. No desafio de Cururu há várias carreiras, ou rimas. As mais conhecidas são as de santo, as quais rimam com os nomes desses, por exemplo: carreira de São João, em que as rimas são dadas em “ão”; carreira de São Vicente, em que as rimas são dadas em “ente”.

Contexto de utilização:

“Dependendo do santo que a gente vai louvar é que nois usa a *carrera*, quando é a festa do Divino a primeira rodada de Cururu tem que ser com a *carrera* do divino, tudo rimando com “ino”. Tem as outras *carreira* também, de Santo Antônio, *carrera* do A, até uma que eu fiz a *carreira* do dia” (P. M.).

Tabela 5.25 Comparação da lexia *carreira* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Carreira	Não há registros	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Rima poética .	Não consta com essa acepção.	Brasil. Rima obrigatória em desafio de violeiros. Rubrica: versificação regionalismo: São Paulo. Rima nos desafios de cururu.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Rimadas rigorosamente observadas no canto do Cururu. Tem geralmente nome religioso: carreiras de São João, rimas em ao.

Tabela 5.26 Porcentagem de escolha da lexia *carreira* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros

Carreira	10/10 (100%)		5/10 (50%)		2/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	3/5	2/5	1/5	1/5

-CARREIRA

Dentre os dicionaristas consultados, somente nos dois mais antigos (Bluteau e Silva) não há registro da lexia *carreira*. Há, porém, o registro da lexia, mas com outra acepção, nas obras de Vieira, Aulete, Ferreira e Borba. Nesses lexicógrafos, encontramos definições tais como uma corrida, ou ainda trajeto de um rio, ou ainda o caminho disposto entre as barreiras em corridas de cavalos.

Apenas Michaelis e Houaiss apresentam essa entrada em suas obras e com a acepção dada pelo sujeito da nossa pesquisa, considerando *carreira* como o tipo de rima seguida pelo cururueiro.

Podemos notar ainda no texto informado por Houaiss duas rubricas, uma dizendo ser *carreira* um regionalismo brasileiro, tratando das rimas construídas pelos improvisadores e a segunda, informando ser um regionalismo de São Paulo, utilizado pelos repentistas de Cururu. Referência que também se observa no texto de Michaelis.

Dessa forma, notamos a especificidade da palavra estudada, dentro do universo cururueiro, como podemos ponderar por meio dos números observados na tabela de frequência, pois *carreira* é mais utilizada entre os grupos de cururueiros (100%) e pouco conhecida pelo grupo de entrevistados mais jovens (20%). Tal lexia tende à manutenção entre o grupo de cururueiros.

Quadro 14: Carreira dura

Carreira dura: No desafio de Cururu, são rimas consideradas mais difíceis, por exigirem maior habilidade dos cantadores, como é o caso da carreira de São Paulo, ou seja, “aulo”.

Contexto de utilização:

“Tem muita carrera qui nós canta no Cururu. Tem as mais fácil, igual a carreira do A, e a carreira do ãO, mas quando tem sorteiu a gente não pode iscolhê, tem que improvisá com *carrera dura* também” (N.S.).

Tabela 5.27 Comparação da lexia *carreira dura* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Carreira dura	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Versificação. São Paulo. Rimas nos desafios de tipo cururu.
---------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	---

Tabela 5.28 Porcentagem de escolha da lexia *carreira dura* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Carreira dura	8/10 (80%)		3/10 (30%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/3	3/5	3/5	0/5	0/5	0/5

- CARREIRA DURA

A lexia *carreira dura*, com exceção da obra lexicográfica de Houaiss, não tem seu registro em nenhum dos outros trabalhos pesquisados. O que, possivelmente, demonstra sua característica de ser uma expressão restrita aos falantes daquela comunidade, ou, no caso deste trabalho, restrita ao uso de um determinado grupo. O que se confirma, se observarmos o quadro de frequência, pois entre os não cururueiros (jovens e idosos) pouco ou não se usa mais essa locução. Já entre os cururueiros há grande reconhecimento (80%) dela, principalmente entre os cururueiros tradicionais, que juntos representam cinquenta por cento, contra trinta por cento dos não tradicionais, somando os oitenta por cento dos cururueiros que disseram *carreira dura* como resposta ao questionário.

Na entrada de Houaiss podemos verificar a presença de uma rubrica que remete a uma lexia tipicamente do estado de São Paulo, usada para designar certas rimas do Cururu.

Quadro 15: Cebolão

Cebolão: No Cururu, uma afinação de cordas.

Contexto de utilização:

“Minhas senhoras, meus senhores vocês preste bem tensão/ eu já fiz o meu baxão e também o maião/ já afinei as minhas cordas e foi bem no *cebolão*”. (J.N)

Tabela 5.29 Comparação da lexia *cebolão* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Cebolão	Não há registros.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Uma das afinações da viola, também chamada afinação em <i>mi</i> .	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Uma das afinações da viola caipira, também dita afinação em <i>mi</i> .
---------	-------------------	-------------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	---	------------------------------	------------------------------	--

Tabela 5.30 Porcentagem de escolha da lexia *cebolão* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Cebolão	8/10 (80%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	3/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- CEBOLÃO

Outra lexia de uso bastante específico do grupo de cururueiros, a lexia *cebolão*, com a acepção dada pelos nossos sujeitos, só consta em dois dos nove dicionaristas consultados, sendo eles Michaelis e Houaiss.

Entre os registros lexicográficos mais antigos, não encontramos lexia, e só vamos encontrá-la a partir de Vieira, mas com outra acepção, o que se segue na maioria dos outros dicionários consultados. Neles, encontramos comumente a lexia *cebolão* relacionada a relógio antigo, grande e redondo, ou ainda a de cebola grande.

Somando-se as informações acima citadas com a observação do quadro de frequência, em que apenas o grupo de cururueiros reconhece e utiliza a lexia, podemos deduzir que se trata de um termo de especialidade desse grupo, restringindo-se assim seu uso e seu espalhamento por outras regiões brasileiras, fato apontado pela não inclusão dessa lexia em todos os dicionários.

Quadro 16: Contrário

Contrário: Aquele que se opõe. O adversário em um desafio de Cururu.

Contexto de utilização:

“O cantador por mais que teje cantando contra, ele tem que valorizá o *contráriu*, por que ele valorizando o *contráriu*, o povo vê que o adversário é bom, não é que não canta nada e o povo

num vê nada. Quer dizê, eu canto o que então? Se o outro não canta nada, mesmo que eu cantá melhor que fulano, eu canto menos que ele” (P.M.).

Tabela 5.31 Comparação da lexia *contrário* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Contrário	Inimigo.	Da facção contrária, adversário.	s.m. Inimigo, adbersário, antagonista, competidor.	s.m. Inimigo, adversário .	s.m. Inimigo, adversário .	s.m. Indivíduo contra quem se joga.	s.m. Inimigo, adversário o.	s.m. Adversário o inimigo.	s.m. Adversário o, inimigo.

Tabela 5.32 Porcentagem de escolha da lexia *contrário* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Contrário	6/10 (60%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	2/5	2/5	0/5	0/5	0/5

- CONTRÁRIO

Observando o contexto de uso e as acepções apresentadas em todas as obras dicionaristas consultadas, verificamos que há manutenção semântico-lexical da palavra, pois os registros vêm ao encontro da acepção dada pelo sujeito da nossa pesquisa, ou seja, *contrário*, em todos os casos é o adversário.

Contudo, esse registro já não é, provavelmente, muito frequente entre a população de Piracicaba, pois ao aplicarmos o questionário com nossos sujeitos, verificamos uma frequência baixa de uso e, além disso, foi possível colher um sinônimo, *adversário*, que será analisado a seguir. Encontramos, assim um quadro de variação lexical.

Quadro 17: Sinônimo de contrário: adversário

Adversário: O mesmo que contrário.

Resposta dada como sinônimo a contrário.

Tabela 5.33 Comparação da lexia *adversário* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Adversário	A parte que pleteia. Contrário, inimigo	adj. s.m. Contrário o, inimigo, rival, oppositor .Da parte contrária.	adj. s.m. Opposto a outro; de diferente partido; de sentimento contrário; Inimigo, Rival, fronteiro.	s.m. O que luta ou que concorre com outrem, rival, emulo, Contendor.	s.m. O que se opõe, contrário o inimigo.	s.m. Antagonista, concorrente, contendor, emulo, rival.	adj. Que luta contra que se opõe. s.m. indiví duo que luta contra que se opõe. Rival.	s.m. Rival, concorrente, antagonista.	adj. s.m. Que ou que se opõem a, em debate, discussão . Opositor.
------------	---	---	--	--	--	---	---	---------------------------------------	---

Tabela 5.34 Porcentagem de escolha da lexia *adversário* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Adversário	4/10 (40%)		8/10 (80%)		6/10 (60%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	3/5	3/5	5/5	3/5	3/5

- ADVERSÁRIO

Um sinônimo para contrário, recolhido durante a aplicação do questionário formulado, *adversário* apresenta alta frequência entre a população estudada, sendo que em geral todos os grupos preferiram essa àquela pretendida com o questionário.

A lexia é registrada por todos os dicionaristas aqui pesquisados e todos nos oferecem a acepção dada pelos os sujeitos, ou seja, sinônimo de contrário, opositor. Dessa forma, há aqui um caso de manutenção semântico-lexical e um processo de inovação lexical em que concorrem as lexias *contrário* e *adversário*.

Quadro 18: Cururu

Cururu: Repente paulista, desafio por meio de em versos.

Contexto de utilização:

“Cantador de *Cururu* em Piracicaba era gente famosa, de respeito. Eu mesmo, quantas veiz ia cantá na rádio e quando eu saía tinha um monte de mocinha tudo isperando eu na porta, inté rasgava minha ropa” (C.M).

Tabela 5.35 Comparação da lexia *Cururu* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Cururu	Não há registros	Não há registros	Não consta com essa acepção	Não consta com essa acepção.	Folclore . Dança de roda com cantos de desafios e tema quase sempre religioso	s.m. Antiga dança popular, sobrevivência de dança ameríndia, aproveitada pelos jesuítas para a catequese, nos primórdios da vida brasileira. Era paulista, piratininga e realizada outrora não somente fora como dentro dos templos. Depois de sua apresentação nos palcos, o Cururu já não é mais dança, mas canto apenas e desafio.	s.m. Brasil. Dança de roda em que se canta ao desafio.	s.m. Dança de roda, com cantoria, palmas e sapateado.	s.m. Dança, música, regionalismo. Dança de roda acompanhada de cantos de desafio e de temática religiosa.
--------	------------------	------------------	-----------------------------	------------------------------	---	---	--	---	---

Tabela 5.36 Porcentagem de escolha da lexia *Cururu* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Cururu	10/10 (100%)		8/10 (80%)		6/10 (60%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	4/5	4/5	4/5	2/5

-CURURU:

Por meio da análise dos dados consultados nas obras lexicográficas podemos observar diacronicamente a introdução e espalhamento da lexia em nossa comunidade linguística, pois, nos dois dicionários mais antigos não encontramos sequer o registro da palavra. Em Vieira e Freire, há o registro, mas a acepção é outra da oferecida pelos nossos sujeitos, posto que dizem eles ser *Cururu* um sapo de pele enrugada, ou ainda uma planta venenosa. Apenas a partir de Aulete temos o registro e a acepção correspondente à dada por nossos sujeitos.

Podemos notar que nos três grupos pesquisados há a utilização da lexia, mais de sessenta por cento, sendo assim, há manutenção semântico-lexical da palavra. Contudo, também encontramos, durante as entrevistas, ou lexia como resposta ao questionário, *desafio*, apontando para um quadro de variação, apesar de entendermos Cururu como sendo uma espécie particular de desafio.

Quadro 19: Sinônimo de Cururu: desafio

Desafio: O mesmo que Cururu.

Resposta dada como sinônimo a cururu.

Tabela 5.37 Comparação da lexia *desafio* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Desafio	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Folgueado sertanejo, em que se canta e que se dança à porfia.	Brasil. Música. Disputa musical em que se dois cantores se alteram com versos de improviso.	s.m. Folgueado sertanejo em que se canta e que se dança a porfia.	s.m. Brasil. Música. Diálogo popular cantado, espécie de duelo com versos improvisados, e geralmente acompanhado de viola e rabeca.	s.m. Folgueado sertanejo, dança ou cantoria a dois.	s.m. Rubrica literatura música. Brasil. Disputa poética em forma de diálogo cantado e improvisado

Tabela 5.38 Porcentagem de escolha da lexia *desafio* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Desafio	0/10 (0%)		2/10 (20%)		4/10 (40%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	0/5	0/5	1/5	1/5	1/5	3/5

-DESAFIO

Comumente registrada por todos os dicionaristas consultados e preferencialmente utilizada pelos sujeitos mais jovens (40%), a lexia dada como sinônimo à lexia *cururu* por alguns dos entrevistados apresenta manutenção semântico-lexical.

Pelas acepções encontradas nos três dicionários mais antigos, percebemos que *desafio* diacronicamente foi recebendo outros significados. Em Bluteau, Silva e Vieira, encontramos a acepção de duelo ou contenda entre duas partes. Nos demais dicionários, além dessa acepção encontramos uma mais adequada à dada por nossos sujeitos, a de disputa poética.

Quadro 20: Dobra

Dobra: No desafio de Cururu, duas ou três rimas seguidas na mesma estrofe.

Contexto de utilização:

“versu bunito mesmo é quando o cantadô faiz a *dobra*, tudu rimadinho” (J.N.).

Tabela 5.39 Comparação da lexia *dobra* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Dobra	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.

Tabela 5.40 Porcentagem de escolha da lexia *dobra* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Dobra	5/10 (50%)		1/10 (10%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	1/5	1/5	0/5	0/5	0/5

-DOBRA

O registro da lexia *dobra*, apesar de constar em todas as obras consultadas, não traz a mesma acepção da apresentada pelos nossos sujeitos em nenhuma delas. Em todos os materiais consultados, verificamos acepções no sentido de algo que foi ou é passível de ser dobrado.

Ao verificarmos a tabela de frequência, percebemos que é baixo o uso dessa lexia entre aqueles que não cantam Cururu, chegando a zero entre os entrevistados mais jovens. Mesmo entre os cururueiros, ressaltamos que há uma diferenciação entre os mais e menos tradicionais, sendo que o uso da lexia é bem mais frequente pelos mais tradicionais (40%). Podemos, então, considerar essa lexia, com essa acepção, muito específica dos cururueiros e que tende ao desuso, à medida que essa arte não recebe interesse de jovens e que cantores menos tradicionais já não a utilizam tanto.

Quadro 21: Sinônimo de dobra: dobrado

Dobrado: O mesmo que dobra.

Resposta dada como sinônimo à dobra.

Tabela 5.41 Comparação da lexia *dobrado* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Dobrado	Quando duas cousas de mesma natureza se ajuntão.	É mais outro tanto.	Não consta com essa acepção.	adj. O mesmo que duplicado.	adj. Que foi duplicado.	adj. Duplicado.	adj. Duplicado.	adj. Duplicado.	adj. Que se dobrou.

Tabela 5.42- Porcentagem de escolha da lexia *dobrado* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Dobrado	2/10 (20%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	1/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- DOBRADO

Lexia dada como sinônimo à *dobra*, *dobrado* apresenta, com exceção a Vieira, em todos os dicionários pesquisados, a acepção dada por nossos sujeitos, ou seja, de coisa duplicada.

Vieira nos traz a informação que encontramos para a lexia *dobra* em todas as obras lexicográficas consultadas, a de objeto que foi dobrado, unindo suas duas partes iguais.

Podemos perceber que, mesmo encontrando uma variante para a lexia pesquisada, ela continua sendo de conhecimento e uso exclusivo dos cururueiros, já que nenhum sujeito da pesquisa, que não fosse desse grupo, nos deu como resposta ao questionário essa lexia.

Observamos um quadro de variação, já que temos duas variantes: *dobra* e *dobrado*, mas as duas tendem ao desuso, devido ao pouco reconhecimento e uso delas em sua comunidade.

Quadro 22: Escritureiro

Escritureiro: Trovador que faz versos baseados nas histórias bíblicas.

Contexto de utilização:

“Da turma nova o que mais canta Bíblia agora é o J. N. que canta, que lê mais é o J. N., ele é o que costuma chamá de *escriturero*. Nós canta também, mais não canta completo que nem ele” (M.S.).

Tabela 5.43 Comparação da lexia *escritureiro* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Escritureiro	Não há registros.	Escriturário, s.m. Homem versado nas sagradas letras.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.

Tabela 5.44 Porcentagem de escolha da lexia *escritureiro* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Escritureiro	8/10 (80%)		5/10 (50%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	- Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	3/5	3/5	2/5	0/5	0/5

- ESCRITUREIRO

O substantivo que representa àqueles que são versados nas histórias da Bíblia só não é registrado por Bluteau: os demais lexicógrafos fazem o registro da lexia, apesar de apresentarem outra acepção da pretendida.

Com exceção a Silva, os demais lexicógrafos registram a lexia como um adjetivo referente à Bíblia. Ou ainda, o empregado de escritório que realiza serviço de escrita.

A lexia apresenta frequência de uso baixa entre o grupo de sujeitos mais jovens, demonstrando, talvez, uma tendência ao desuso da palavra.

A variação percebida é de cunho fonético-fonológico, já que encontramos entre nossos sujeitos a forma *escritureru*, que sofreu dois processos distintos, a monotongação, pois há a simplificação do ditongo (ei) em uma só vogal (e), e também de rebaixamento vocálico, mudando o timbre de sua última vogal.

Quadro 23: Festeiro

Festeiro: Pessoa responsável por organizar ou oferecer a festa, geralmente de cunho religioso, na qual se promove um Cururu.

Contexto de utilização:

“Antes de começá o Cururu, o cantador tem que prestá homenagem pro Santo e agradecê o *festero* da casa” (J.N.).

Tabela 5.45 Comparação da lexia *festeiro* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Festeiro	Aquele por cuja conta e agência corre a festa.	s.m. O que faz a festa a sua custa. O que anda por festas e as Frequentas.	s.m. A pessoa que faz a festa a sua custa.	adj. Que frequenta festas.	s.m. O que faz a festa a sua custa ou a que a dirige. Pessoa escolhida para patrocinar festas de igreja.	s.m. Aquele que faz ou dirige uma festa.	s.m. Aquele que faz ou dirige uma festa. Aquele que é eleito ou escolhido para patrocinar solenidades religiosas.	s.m. Quem patrocina solenidades ou festas religiosas.	s.m. Que ou quem realiza festas, as custeia. Brasil. Que ou aquele que é escolhido para dar crédito, patrocínio à solenidade de religiosa.

Tabela 5.46 Porcentagem de escolha da lexia *festeiro* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Festeiro	10/10 (100%)		10/10 (100%)		6/10 (60%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	5/5	5/5	2/5	4/5

- FESTEIRO

Há um consenso entre os dicionaristas e os sujeitos quanto ao significado dessa lexia, visto que todos dizem ser *festeiro* aquele que custeia e organiza uma festa. Há, portanto, manutenção semântico-lexical da palavra.

Observamos ainda que, nas obras de Aulete, Ferreira, Houaiss e Borba, há uma referência que amplia o sentido dessa lexia, trazendo a rubrica de ser *festeiro* um regionalismo brasileiro e que é utilizado em contexto de festas religiosas. Esse fato é relevante para a utilização dessa lexia no campo semântico-lexical do Cururu, pois, historicamente, esse repente paulista acontecia durante as festas da igreja católica.

Analisando os dados da tabela de frequência, notamos que a lexia ainda é bastante utilizada e reconhecida entre essa população, com 100% de frequência entre os dois grupos mais idosos (cururueiros e não cururueiros) e 60% entre os mais jovens, tendendo, assim, à manutenção.

Folha: Referência que os cantores de Cururu fazem à Bíblia.

Contexto de utilização:

“Tem outra coisa: a *Folha*. Tem que cantá os textos da Bíblia sabendo o que você vai falá. E os outro tem sabê valoriza e não vim com esses papinho, por que aí já é maldade, já é desespero. É querê desmanchá uma coisa que já tá feita. Decore e decore bem, depois cante” (J.N.).

Tabela 5.47 Comparação da lexia *folha* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Folha	Folha da reza: livrinho em que se acha notado o officio divino pra os sacerdotes e outros que tem obrigação de rezar.	Livro que dirige a reza do officio divino.	Livro que se dirige ao officio divino. Chamava-se também folhinha de reza.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.

Tabela 5.48 Porcentagem de escolha da lexia *folha* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Folha	6/10 (60%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	1/5	1/5	1/5	0/5	0/5

- FOLHA

Observamos que há tendência acentuada da lexia *folha* entrar em desuso, quando apresenta acepção igual à dada pelo sujeito acima, ou seja, ao se referir ao livro da Bíblia, pois percebemos, por meio dos números obtidos com as entrevistas, que não há reconhecimento do grupo de sujeitos mais jovens dessa lexia (0%), e entre os mais idosos, que não são cururueiros, o número também é bastante reduzido (20%). Somente entre os cantores de Cururu a porcentagem passa a ser um pouco mais expressiva (60%).

Mesmo entre os cururueiros podemos notar uma significativa distinção de uso da lexia entre os mais e menos tradicionais. Dos sessenta por cento que souberam responder ao

questionário, ou seja, seis cantores, cinco são cururueiros tradicionais e apenas um cururueiro é não tradicional.

Percebemos assim, que existe tendência a não manutenção dessa acepção da *lexia*. Essa observação é reiterada pelos textos dicionaristas, já que a *lexia* com essa acepção só é encontrada entre as obras mais antigas (Bluteau, Silva e Vieira). Nas demais obras a *lexia* traz informações como estrutura de planta, pedaço de papel ou ainda chapa de metal.

Quadro 25: Função

Função: Reunião de pessoas, por razão comemorativa, onde pode ocorrer uma apresentação de Cururu.

Contexto de utilização:

“Nois aqui em Piracicaba antes era muito bom, sempre tinha um Cururu, tudu nas festa dos santu ou quando tinha uma *função* e o povo tudu apraudia nós, nós si divertia muito” (P.M.).

Tabela 5.49 Comparação da *lexia função* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Função	Não consta com essa acepção.	Festa, ou festim em casa, ou nos templos.	Usa-se também deste termo para designar festa ou festim em casa, ou nos templos.	Festividade, solenidade, festa.	Festividade, solenidade, festa, festim. Em geral, qualquer ato público com grande concurso de gente.	s.f. Festa, festividade, solenidade.	s.f. Festa dançante, baile, festa. Pândega, divertimento.	s.f. Divertimento, festança.	s.f. Reunião social; solenidade, festa.

Tabela 5.50 Porcentagem de escolha da *lexia função* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Função	3/10 (30%)		1/10 (10%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	3/5	0/5	1/5	0/5	0/5	0/5

- FUNÇÃO

Com base nos dados obtidos na tabela de frequência e das variantes recolhidas como respostas ao questionário, consideramos que a *lexia função* apresenta tendência de desuso pela população de Piracicaba, já que entre os dois grupos não envolvidos diretamente com o

Cururu houve pouca (10%) ou nenhuma realização (0%) e entre os cururueiros o percentual também foi reduzido (30%).

Do grupo misto de cururueiros que entrevistamos, apenas deram como resposta à pergunta a lexia *função* os cururueiros tradicionais, coincidentemente os mais idosos, o que contribui para nossa consideração de possível desuso da lexia nessa comunidade.

Podemos perceber que entre os lexicógrafos há comumente o registro da lexia com a acepção de festa, reunião festiva de pessoas, o que mostra que não houve variação semântica da palavra. Somente não encontramos esse registro em um dicionarista pesquisado, Bluteau.

Contudo, ao aplicarmos o questionário com a população selecionada recolhemos dois sinônimos para a lexia (festa, reunião), dos quais falaremos a seguir.

Quadro 26: Sinônimo de função: festa

Festa: O mesmo que função.

Resposta dada como sinônimo a função.

Tabela 5.51 Comparação da lexia *festa* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Festa	Demonstração de amizade, benevolência.	s.f. Acção ou função feita em honra e obséquio religioso, ou urbano.	Dia consagrado a actos de religião, ou cerimónias pelas quaes este dia é celebrado.	s.f. Divertimento ou função pública ou particular.	s.f. Reunião de pessoas para fins comemorativos ou recreativos.	s.f. Cerimónia com que se celebra um facto.	s.f. Reunião alegre para fim de divertimento	s.f. Reunião para divertimento	s.f. Reunião de pessoas de carácter informal ou solene, em espaço público ou privado.

Tabela 5.52 Porcentagem de escolha da lexia *festa* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Festa	5/10 (50%)		7/10 (70%)		10/10 (100%)	
	+Tradicional	- Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	3/5	3/5	4/5	5/5	5/5

- FESTA

A lexia *feira* foi dada como resposta ao nosso questionário e representa um sinônimo à lexia inicialmente pesquisada, *função*.

Assim como *função*, a entrada *feira* consta em todas as obras lexicográficas consultadas e com a mesma acepção dada por nossos sujeitos, o que comprova a manutenção semântico-lexical da palavra.

Realizando a leitura das acepções dadas pelos dicionários mais antigos, notamos que *feira*, tradicionalmente, representava uma ocasião para celebrar os feitos religiosos, pois os lexicógrafos Bluteau, Silva e Vieira, relacionam a lexia às cerimônias religiosas. Já a partir de Freire há o registro laico e genérico da palavra, apresentando *feira* como sendo qualquer reunião de pessoas para fins de divertimento.

Contudo, percebemos que, apesar das duas lexias estarem presentes nas mesmas datações e nos mesmos registros, *feira* apresenta ter maior prestígio social. Fato esse indicado pelos números da tabela de frequência, em que se registra a preferência dessa lexia, principalmente pelos jovens (100%) em detrimento a *função*. Contudo, há uma variante dessa lexia na comunidade, recolhida durante as entrevistas: *reunião*.

27: Sinônimo de função: reunião

Reunião: O mesmo que função.

Resposta dada como sinônimo a função.

Tabela 5.53 Comparação da lexia *reunião* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Reuniã o	Não consta com essa acep ção.	Não consta com essa acepção.	Conjun to de pessoas.	s.f. Sarau, Festa noturna em clube.	s.f. Encon tro de pessoas com um fim qualquer .	s.f. Conjunto de pessoas que se agrupam para algum fim. Local, em geral com fim recreativo.	s.f. Acontecimen to que proporciona o encontro de diversas pessoas num determinado lugar.	s.f. Agrupamen to de pessoas num determina do lugar para tratar de algum assunto.	s.f. Agrupamento de um número razoável de pessoas em mesmo local para tratar de algum assunto ou com propósitos recreativos.

Tabela 5.54 Porcentagem de escolha da lexia *reunião* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Reunião	2/10 (20%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres

0/5	2/5	1/5	1/5	0/5	0/5
-----	-----	-----	-----	-----	-----

-REUNIÃO

Com a aplicação do questionário recebemos outra resposta que não a de entrada, a lexia *reunião*.

A lexia *reunião* ao contrário da outra variante *feita* não indica ser muito prestigiada pela comunidade linguística estudada, já que obtivemos o registro de vinte por cento entre os grupos mais idosos e zero por cento entre os mais jovens. Mas há de se fazer uma ressalva, já que o uso dessa lexia aqui é muito específico, posto que se refere particularmente ao fazer do Cururu.

Entre os dicionaristas consultados, apenas nos dois mais antigos, Bluteau e Silva, não encontramos a lexia com a acepção dada pelo sujeito da pesquisa, a de agrupamento de pessoas para fim festivo. Nessas duas obras encontramos uma definição distinta; dizem eles ser reunião o ato de reconciliação, de unir novamente o que estava separado.

Quadro 28: Principiante

Principiante: No Cururu, é chamado principiante o cantor com pouca experiência, iniciante.

Contexto de utilização:

“Meu pai cantava Cururu e eu ia com ele, acompanhava ele nos Cururu. Gostava de vê ele cantando, do toque da viola, e eu fui aprendendo assim de vê ele cantá. Todo mundo já ia me chamando de franguinho novo, de *principianti*, mas não me importava, pra mim, eu queria mesmo era cantá o Cururu” (P.M.).

Tabela 5.55 Comparação da lexia *principiante* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Principiante	Aprende novo em alguma arte ou exercício.	Usa-se também o substantivo, o menino, o moço, ou pessoa, que tem tido as primeiras lições de alguma arte liberal ou Ciências, ou exercício.	Não prático, não exercitado. Pessoa que tem tido as primeiras lições de alguma arte liberal, ou exercício.	adj. Que principia. Que está no começo ou no princípio.	adj. Que está em princípio ou principia. Sm, pessoa que está principiando em exercitar-se nalguma coisa; pessoa que começa a aprender, aprendiz, novato.	sm. adj. Pessoa que começa a exercitar-se ou aprender alguma coisa.	adj. Que principia, que está no começo. s.m. Pessoa que principia a exercitar-se ou a aprender alguma coisa.	adj. Que principia, que está no começo. Pessoa que principia a exercitar-se ou a aprender alguma coisa.	adj. Que está ou se dá no início; que principia. Que ou aquele que dá os primeiros passos numa atividade; iniciante, novato, inexperiente.
--------------	---	--	--	---	--	---	--	---	--

Tabela 5.56 Porcentagem de escolha da lexia *principiante* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Principiante	4/10 (40%)		4/10 (40%)		2/10 (20%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	3/5	1/5	2/5	2/5	1/5	1/5

- PRINCIPIANTE

Todos os lexicógrafos registram a lexia com a mesma acepção dada pelo sujeito, a de característica de alguém que se inicia em um fazer, ou seja, um sinônimo para aprendiz.

No entanto, ao aplicarmos o questionário, percebemos que tal lexia apresenta pouca frequência entre os falantes dessa comunidade, já que entre os três grupos pesquisados não alcançou mais de 40% de escolha. É relevante dizer que colhemos um sinônimo para essa lexia o qual se mostrou mais frequente e será analisado a seguir.

Percebemos que essa é uma lexia mais utilizada pelos mais idosos, sendo ou não do grupo de cururueiros (40%), enquanto que o grupo de sujeitos jovens pouco a usa (20%).

Assim, há manutenção semântico-lexical.

Quadro 29: Novato

Novato: O mesmo que principiante.

Resposta dada como sinônimo a principiante.

Tabela 5.57 Comparação da lexia *novato* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Novato	Rudo, imperito	Rude, imperito	Rude, sem prática, impéri to	adj. Impérito, inexperiente.	s.m. adj. novizo, aprendiz, calouro.	adj. Aprendiz, imperito.	s.m. adj. Principiante, aprendiz, novizo.	adj. inexperiente, principiante	adj. Iniciante, aprendiz de qualquer ofício sobre o qual ainda não tem grande conhecimento

Tabela 5.58 - Porcentagem de escolha da lexia *novato* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Novato	4/10 (40%)		4/10 (40%)		8/10 (80%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	3/5	1/5	3/5	4/5	4/5

- NOVATO

Sinônimo para principiante usado pela comunidade estudada, *novato* apresentou índices de maior frequência que a própria lexia de referência, principiante. De fato, ao aplicarmos o questionário, os nossos sujeitos deram como resposta mais frequente à pergunta de que nome se dá ao cantor iniciante de Cururu a resposta *novato*.

Como os dicionaristas registram a palavra com a mesma acepção da dada pelos sujeitos e, além disso, os lexicógrafos Borba e Ferreira registram o sinônimo *principiante* em suas entradas, trata-se de manutenção semântico-lexical.

Quadro 30: Franguinho

Franguinho: O mesmo que principiante.

Resposta dada como sinônimo a principiante.

Tabela 5.59 Comparação da lexia *franguinho* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Franguinho	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa .	s.m. Rapaz novo, franganote , frangote.	s.m. Frangote, pequeno frango, rapazinho, adolescente.	s.m. Rapazola, rapazelho, frangote, adolescente.	s.m. Rapaz jovem .	s.m. Rapaz novo. Frangote, frangalho te, rapazola.
------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	-----------------------	---	--	--	--------------------	--

Tabela 5.60 Porcentagem de escolha da lexia *franguinho* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Franguinho	2/10 (20%)		2/10 (20%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	1/5	2/5	0/5	0/5	0/5

- FRANGUINHO

Outro sinônimo oferecido pelos nossos à questão de como se chama o cantor iniciante de Cururu, *franguinho* demonstrou ter baixa frequência entre os entrevistados, apenas vinte por cento entre as populações mais idosas, e pode-se acrescentar que entre os cururueiros mais tradicionais não houve essa resposta, só entre os não tradicionais.

Entre os dicionários consultados, apenas em Aulete, Ferreira, Michaelis, Houaiss e Borba encontramos a acepção dada pelos nossos sujeitos, a de rapaz jovem, com pouca experiência. Nos demais há a consideração de ser *frango* o filho da galinha. Percebemos, assim, que historicamente houve uma extensão de sentido à palavra *frango*, e que recentemente passou a ser registrada com essa acepção nos dicionários.

Observamos, assim que no que diz respeito à denominação do aprendiz de Cururu, apresenta-se um quadro de variação entre três lexias: *principiante*, *novato*, *franguinho*.

Quadro 31: Improvisador

Improvisador: Cururueiro que não prepara seus versos com antecedência. Cria-os no momento de sua apresentação.

Contexto de utilização:

“A maioria dos cururueiro é tudo *improvisadô* mesmo. Hoje já tem aqueles que istuda, qui prepara us verso antis. Mas, na hora do desafio não tem jeito, tem qui improvisá” (J.N.).

Tabela 5.61 Comparação da lexia *improvisador* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Improvisador	Não há registros	s.m. O que glosa, ou que poetiza de repente sobre qualquer mote ou assunto.	s.m. Pessoa que faz versos de repente sobre qual quer matéria.	s.m. O que improvisa	s.m. Aquele que improvisa	adj. e s.m. Que ou que improvisa.	adj. e s.m. Que ou aquele que improvisa	adj. Que improvisa, que produz sem preparo nem premedita ção.	adj. e s.m. Que ou quem faz improvi sos.
--------------	------------------	--	---	----------------------------	------------------------------------	--	---	--	--

Tabela 5.62 Porcentagem de escolha da lexia *improvisador* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Improvisador	8/10 (80%)		6/10 (60%)		2/10 (20%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	4/5	4/5	2/5	1/5	1/5

-IMPROVISADOR

Com exceção à obra de Bluteau, em todas as referências lexicográficas, encontramos a lexia *improvisador* com a mesma acepção da oferecida por nossos sujeitos, ou seja, de atributo dado a alguém que faz algo sem preparação prévia.

Alguns dos lexicógrafos (Silva, Vieira) trouxeram uma acepção mais próxima à realidade do Cururu, pois restringiram uma das acepções de improvisador, como sendo aquele que propriamente faz versos de improviso. Nas demais obras, encontramos um sentido mais genérico da palavra.

Observando a tabela de frequência, notamos que a lexia *improvisador* ainda é bastante usada pelos mais idosos da comunidade pesquisada (60%), mas que não é tão frequente entre os mais jovens (20%). E, dentre o grupo de cururueiros, não houve variação significativa entre os mais e os menos tradicionais.

Podemos assim notar, que há manutenção semântico-lexical da palavra.

Quadro 32: Intimidador

Intimidador: O cururueiro que se considera muito bom cantador, com habilidade muito superior a dos seus adversários

Contexto de utilização:

“Esses *intimidado* qui tem por aí só tem garganta, na hora do desafio mesmo, qui tem qui prová qui é bão, si inrosca todú e num saí nada. É só garganta” (N.S.).

Tabela 5.63 Comparação da lexia *intimidador* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Intimidador	Não há registros	Não há registros	s.m. adj. Aquele que intimida	adj. e s.m. De intimidar + dor. O que intimida	adj. Que intimida s.m. Aquele que intimida	adj e s.m. Que ou aquele que intimida	adj. Que intimida, intimidante, intimidativo s.m. Aquele que intimida.	adj. s.m. Que intimida, atemorizador	adj e s.m. Que ou aquele que intimida

Tabela 5.64 Porcentagem de escolha da lexia *intimidador* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Intimidador	6/10 (60%)		5/10 (50%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	2/5	3/5	2/5	0/5	0/5

- INTIMIDADOR

Com exceção aos dois trabalhos lexicográficos mais antigos, Bluteau e Moraes, encontramos o registro da lexia nas demais obras consultadas e com a mesma acepção oferecida por nossos sujeitos. Sendo assim, podemos considerar que há manutenção semântico-lexical da palavra entre o grupo dos mais idosos e de cururueiros. Contudo, não há em nenhum deles alguma rubrica que associe a utilização da palavra ao contexto do Cururu.

Ao verificarmos a tabela de frequência, notamos que entre a população mais jovem não há o reconhecimento ou uso dessa lexia, já que nenhum dos entrevistados soube responder essa questão do questionário. Já entre os mais idosos, cururueiros ou não, a frequência é mediana, em torno de cinquenta por cento, o que nos leva acreditar que essa palavra já foi prestigiada por essa comunidade linguística e hoje já não é mais.

Quadro 33: Louvação

Louvação: Momento inicial de qualquer Cururu, no qual o cantador cumprimenta seus ouvintes, geralmente de forma lisonjeira.

Contexto de utilização:

“O curureiro tem que falá um bom dia, um boa tarde que seja, tem que cumprimentá. É a mesma coisa que eu chegá na sua casa e não te cumprimentá. É obrigação e dever. Então pede licença pra plateia, pro festero, nós faiz a *louvação*, depois começa o Cururu” (M.S.).

Tabela 5.65 Comparação da lexia *louvação* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Louvação	Não consta com essa acepção	Não consta com essa acepção	Não há registros	s.f. Cânticos populares usados no interior para louvar os santos por graças recebidas	s.f. A ação ou efeito de louvar	s.f. Cânticos usados no interior, em louvor dos santos por graças alcançadas	s.f. Composição poética popular, em setissílabos e monorrima, em homenagem a pessoas ou em comemoração de casamentos, nascimentos, batizados, apartações, vaquejadas e outras festas sertanejas.	s.f. Cântico usado no interior em louvor aos santos por graças alcançadas	Brasil. Elogio em versos (com preferência pelos de sete sílabas e uma só rima) feito por poetas ou cantadores populares para homenagear pessoas, comemorar casamentos, nascimentos, batizados e festas sertanejas em geral.

Tabela 5.66 Porcentagem de escolha da lexia *louvação* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Louvação	7/10 (70%)		7/10 (70%)		2/10 (20%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	3/5	4/5	3/5	0/5	2/5

- LOUVAÇÃO

Com exceção de Bluteau e Silva que trazem a acepção mais genérica da lexia *louvação*, ou seja, a de que *louvação* seria o ato de saudar elogiosamente a alguém, e de Vieira que não traz a entrada da lexia em sua obra, os demais lexicógrafos tomados para esta pesquisa complementam o sentido da palavra, algumas vezes acompanhadas por rubricas, como faz Houaiss, dizendo ser um regionalismo brasileiro, para tratar da introdução de cânticos e que é usado para agradecer e elogiar santos e pessoas merecedoras.

Sendo assim, podemos dizer que no caso dessa lexia há manutenção semântico-lexical.

Ao observarmos a tabela de frequência, notamos que a população mais idosa, cururueira ou não, reconhece bastante essa lexia (70%), o que não ocorre entre a população mais jovem entrevistada, com a qual conseguimos vinte por cento de acerto de respostas previstas, o que reforça a hipótese de desvalorização do Cururu, se considerarmos que *louvação* refere-se a um momento da apresentação dessa tradição que, particularmente em Piracicaba, pudemos notar dentro de um processo de enfraquecimento.

Quadro 34: Sinônimo de louvação: saudação

Saudação: O mesmo que louvação.

Resposta dada como sinônimo a louvação.

Tabela 5.67 Comparação da lexia *saudação* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Ferreira	Aulete	Michaelis	Borba	Houaiss
Saudação	A mostra de respeito e amizade de quem saúda.	O ato de saldar.	s.f. A ação de saudar .	s.f. Homenagem de respeito ou admiração.	sf Homenagem de respeito ou admiração.	s.f. Felicitação, mostra de civilidade, de amizade ou de respeito para com as pessoas que se encontram , que se visitam ou que nos visitam.	s.f. Homenagens de respeito ou admiração.	s.f. Homenagem de boas vindas.	s.f. Mostra de cortesia, de respeito e/ou admiração .

Tabelas 5.68 Porcentagem de escolha da lexia *saudação* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Saudação	3/10 (30%)		3/10 (30%)		4/10 (40%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	1/5	2/5	1/5	2/5	2/5	2/5

- SAUDAÇÃO

Lexia utilizada como sinônimo de louvação pelos moradores de Piracicaba, *saudação* apresenta menor aceitação entre os moradores mais antigos e maior frequência de uso entre a população mais jovem, como registra a nossa tabela.

Ao contrário da lexia *louvação*, que em alguns dicionários aparecia com o registro de ser característica da musicalidade popular brasileira, essa palavra apresenta em todas as obras lexicográficas consultadas um sentido mais genérico. Diante do exposto, acreditamos que essa palavra foi adotada com essa acepção pela população pesquisada por extensão de sentido, de significado, tratando-se, assim, de um caso de variação semântica e manutenção lexical.

Quadro 35: Malhão

Malhão: Ritmo que o tocador impõe à viola.

Contexto de utilização:

“Nem todo cururuero sabe tocá viola, tem cantadô que só canta. Mais os que tocá viola, cada um tem seu *maião*, a batida da viola de cada um é diferente e nós tudo conhece.” (P.M.)

Tabela 5.69 - Comparação da lexia *malhão* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Ferreira	Aulete	Michaelis	Borba	Houaiss
Malhão	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Espécie de música e dança popular.	s.m. Canção popular dançada, sem ritmo definido.	s.m. Música Canção popular alegre e simples, dançada e cantada em roda.	s.m. Certa música e dança popular brasileira.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.

Tabela 5.70 - Porcentagem de escolha da lexia *malhão* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens	
Malhão	4/10 (40%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	3/5	1/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- MALHÃO

Entre os trabalhos lexicográficos consultados encontramos uma gama de diferentes registros, sendo que apenas em Borba não há a entrada da palavra.

Malhão não consta com acepção oferecida por nossos sujeitos em Bluteau, Silva, Vieira e Houaiss, que têm como definição um jogo de bola que é arremessada e deve alcançar

um limite, ficar dentro de uma baliza. Nos demais trabalhos consultados, há rubricas trazendo informações que coincidem com a pretendida nesta pesquisa, ou seja, canto popular de ritmo indefinido.

Quando aplicado o questionário, percebemos que a *lexia* não era reconhecida pela população não envolvida com o Cururu (0%) e era pouco reconhecida pelos próprios cururueiros (40%), o que pode demonstrar que a *lexia* é um termo de especialidade do grupo dos cururueiros, por isso a população comum não a conhece e, além disso, mostra uma tendência de desuso, pois, mesmo entre os cururueiros, a *lexia* foi mais reconhecida por aqueles que seguem a tradição artística.

Contudo, aplicando o questionário, recolhemos um sinônimo mais utilizado pelos moradores, *batida*, que será analisado a seguir.

Quadro 36: Sinônimo de malhão: batida

Batida: O mesmo que malhão.

Resposta dada como sinônimo a malhão.

Tabela 5.71 Comparação da *lexia batida* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Batida	Não há registros.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não há Registros.	s.f. Ritmo musica.	Não consta com essa acepção.	s.f. Toque	s.f. Som ritmado.	Rubrica: etnografia. Regionalismo : Brasil. No desafio, verso dito em provocação ao antagonista.

Tabela 5.72 Porcentagem de escolha da *lexia batida* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Batida	6/10 (60%)		6/10 (60%)		7/10 (70%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	4/5	3/5	3/5	4/5	3/5

- BATIDA

Sinônimo recolhido à lexia malhão, *batida* também apresenta registro variado entre os lexicógrafos. Em três das obras consultadas não encontramos o registro da lexia (Bluteau, Silva e Freire). Em duas delas há a entrada, mas não com a mesma acepção (Vieira e Michaelis), as quais apresentam a definição do produto daquilo que foi acertado com força. Já nas demais obras foi possível achar a acepção esperada nesta pesquisa.

Dessa forma, podemos considerar que essa lexia com tal acepção é de uso mais recente em nossa comunidade linguística, já que foram os dicionaristas mais atuais que nos ofereceram a definição pretendida. Além disso, os índices da tabela de frequência mostram que há preferência dessa lexia em detrimento a *malhão*, especialmente pelos grupos não cururueiros.

Com base nas informações apresentadas pelos lexicógrafos, consideramos que a palavra apresenta manutenção semântico-lexical; já em conformidade com o significado dado por nossos sujeitos, a *lexia* apresenta acepção de ritmo imposto, som dado pelo instrumento. Porém com tendência à inovação lexical, posto que a essa *lexia* foi dada como uma variante de maior prestígio entre seus falantes.

Quadro 37: Pedestre

Pedestre: Chamado assim o primeiro cantor a se apresentar em um desafio de Cururu. É ele quem determina quais serão as rimas seguidas.

Contexto de utilização:

“Tudo nós tem que combiná antes, se vai fazê as dupla, ou se vai cantá sozinho. E depois que tem o sorteio, a carreira que o *pedestre* puxá os outro tem que acompanhá.” (M.S.)

Tabela 5.73 Comparação da lexia *pedestre* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Pedestre	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Rubrica: etnografia, música. Regionalismo: São Paulo, Centro-Oeste do Brasil. No cururu, o violeiro principal que não participa do desafio, mas propõe a rima a ser utilizada, encerrando-a, quando estiver esgotada e fazendo referência aos desafiantes no final do exercício.
----------	------------------------------	-------------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	------------------------------	--

Tabela 5.74 Porcentagem de escolha da lexia *pedestre* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Pedestre	3/10 (30%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	3/5	0/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- PEDESTRE

Com exceção do lexicógrafo Houaiss, todos os outros pesquisados não apresentam a lexia estudada com a mesma acepção daquela dada pelo contexto de utilização de nossos sujeitos, a de ser *pedestre* o primeiro cantor de Cururu a se apresentar em um desafio e propor a rima a ser seguida por todos. Nas outras obras lexicográficas, sabe-se pedestre como pessoa que caminha a pé.

Observando os números apresentados pela tabela de frequência de uso, percebemos que se trata, muito provavelmente, de um termo de especialidade do universo do Cururu, já que entre os seus pares há o reconhecimento da lexia, mas nos outros dois grupos consultados, é nulo o uso dela. Mesmo assim, temos de considerar que entre os cururueiros a porcentagem é baixa (30%) e esse número é composto apenas por cururueiros tradicionais, já que os outros desconheciam a lexia.

Apesar de encontrarmos o registro que faz Houaiss e o registro feito por nós, percebendo, assim que há manutenção semântico-lexical da lexia, os dados da tabela de frequência indicam a tendência de desuso dela.

Quadro 38: Porfia

Porfia: Momento do desafio de Cururu em que os cantadores têm de demonstrar suas habilidades em construir repentes, pois é nessa circunstância que há ataque constante de seus adversários e a plateia espera por boas respostas.

Contexto de utilização: “É na hora da *porfia* que nós vê quem é cantador bão. Se o cantador sabe mesmo dá a resposta a artura e no ato. É a hora que o pessoar tudo apraudi.” (J.N.)

Tabela 5.75 Comparação da lexia *porfia* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Porfia	Obstinada de palavras.	s.f. Obstinada de palavras.	Contenda de palavras.	s.f. De porfiar. Disputa ou conten da pertinaz de palavras .	s.f. Duelo poético improvisado, travado entre dois cantadores, geralmente acompanhado de música: Desafio.	s.f. Discussão ou contenda de palavras.	s.f. Contenda de palavras, discussão. Cantoria em desafio. A porfia: em competi ção.	s.f. Contenda de palavras .	s.f. Música. Regionalis mo: Paraná. Disputa poética em forma de diálogo cantado e improvisa do, geralmente. Acompa nhada de música; desafio.

Tabela 5. 76 Porcentagem de escolha da lexia *porfia* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Porfia	5/10 (50%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	- Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	4/5	1/5	0/5	0/5	0/5	0/5

-PORFIA

Entre todas as obras lexicográficas consultadas, encontramos o registro da *lexia* em concordância com o registro que os nossos sujeitos têm, ou seja, *porfia* é contenta de palavras, o que demonstra que há manutenção semântico-lexical nesse caso.

Contudo, em três das obras consultadas, Aulete, Houaiss e Michaelis, há rubricas que nos reportam ao universo específico da música, em que *porfia* seria o duelo de verso entre cantores, oferecendo um registro idêntico ao dado pelos sujeitos da pesquisa.

Quanto ao prestígio dessa *lexia* entre os entrevistados, podemos notar que não é grande. Entre aqueles que não são cururueiros não houve nenhuma realização, já entre os cururueiros obtivemos cinquenta por cento, mas observamos que esse número é composto de quatro cururueiros tradicionais e apenas um não tradicional, o que pode demonstrar que essa palavra está entrando em desuso nessa comunidade, mesmo entre aqueles que a têm inserida no vocabulário de seu fazer artístico.

Quadro 39: Povoado

Povoado: Lugar no qual pessoas se reúnem para assistir a um desafio de Cururu.

Contexto de utilização:

“Eu achava mais certo não ser os juiz que decide quem ganhô a disputa, por que as veiz nós tem certeza que aquele cururueiro arreventô, o *apovoado* tudo apraudindo, mais aí dispois ele num ganha. Eu acho que divia di dá uns papelzinho pro pessoar e eles tinha que iscolhê quem eles qué que ganha” (M.S.).

Tabela 5.77 Comparação da *lexia* *povoado* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Povoado	Não há registros.	Povoamento Povoação, ação de povoar.	Habitação de muita gente.	s.m. Pequeno Lugar habitado	s.m. Aldeia lugarejo ou pequena localidade onde habita gente.	s.m. Lugarejo ou pequeno lugar habitado.	s.m. Pequena aglomeração urbana, lugarejo, vila, aldeia, povoação, povo, povoa.	s.m. Lugarejo, vila, povoação.	s.m. Povoação

Tabela 5. 78 Porcentagem de escolha da *lexia* *povoado* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
Povoado	4/10 (40%)	2/10 (20%)	0/10 (0%)

+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
3/5	1/5	1/5	1/5	0/5	0/5

- POVOADO

Entre os dicionaristas que trazem essa entrada em suas obras há concordância semântica com o contexto de utilização dado pelo sujeito da pesquisa, ou seja, de lugar onde pode ocorrer um desafio de Cururu. Sendo assim, há manutenção semântico-lexical.

Interessante, notar que por um processo metonímico o sujeito da pesquisa caracteriza as pessoas do local, como sendo o próprio espaço, o povoado.

Observando a realização de nosso sujeito da pesquisa, podemos notar que há variação fonético-fonológica da lexia (derivação prefixal), pois há o acréscimo de um prefixo no início da palavra primitiva, povoado.

Os dados obtidos por meio da aplicação da tabela sugerem que há uma tendência de desuso da palavra, já que a frequência entre a população de não cururueiros é baixa (20 e 0%). E mesmo entre o grupo de cururueiros, percebemos que os cantadores mais tradicionais reconhecem mais a lexia (30%) do que os menos tradicionais (10%).

Quadro 40: Sinônimo de povoado: praça

Praça: sinônimo de povoado.

Resposta dada como sinônimo a povoado.

Tabela 5.79 Comparação da lexia *praça* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Praça	Lugar público, plano	s.f. Lugar público, descoberto, espaçoso nas villas, ou cidades, onde se fazem feiras, mercados, os leilões, onde se tratam coisas do comercio.	Lugar espaçoso dentro de qualquer povoação onde se fazem as feiras.	s.f.. Lugar público, grande largo.	s.f. Lugar público, grande largo.	s.f. Lugar público e espaçoso, largo.	sf . Lugar público cercado de edifícios.	s.f. Local público usado para lazer ou encontro de pessoas.	s.f. Área pública não construída, dentro de uma cidade, largo, campo

Tabela 5.82 Porcentagem da expressão da lexia *regra das dez rimas* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Regra das dez rimas	7/10 (70%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	2/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- REGRA DAS DEZ RIMAS

A lexia utilizada pelos competidores de Cururu para designar a sequência de rimas que deverão ser utilizadas nos campeonatos, *regra de dez rimas*, não aparece em nenhuma obra lexicográfica consultada. Além disso, quando verificamos os níveis de frequência de utilização dessa lexia, percebemos que ela não é do conhecimento da população geral da cidade, pois tanto os entrevistados mais jovens e mais idosos, não cantadores de Cururu, não souberam responder a questão do questionário nenhuma vez.

Contudo, entre os cantores de Cururu, conseguimos setenta por cento de frequência, mas é importante ressaltar que esse número é composto por cinco cururueiros tradicionais e dois não tradicionais, o que revela ser essa lexia limitada ao universo do Cururu e de pouco espalhamento, já que não a encontramos em nenhuma obra lexicográfica e, além disso, apresenta tendência ao desuso, uma vez que os cantores de Cururu, considerados menos tradicionais, pouco a conhecem.

Quadro 42: Repente

Repente: canto improvisado, sem preparação prévia dos versos.

Contexto de utilização:

“Pra voçeis eu canto agora meu *repente* improvisado, com alegria e devoção pra ninguém ficá paradu. Pro senhor e pra senhora, meu repente eu canto agora e não mudo meu baxão” (J.N).

Tabela 5.83 Comparação da lexia *repente* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Repente	s.m. Orar, glozar, poetar de repente, sem estudo ou refle	Sem prepara ção. Com por versos de repente.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	s.m. Música. Improvi so recitado ou cantado.	s.m. Dito, saída ou réplica espontânea.	s.m. Qualquer improviso ou qualquer verso improvisado.	s.m. Canto, dito ou verso feitos de improviso.	s.m. Rubrica música. Canto, melodia com versos improvisados.

xão
notável
prévia.

Tabela 5.84 Porcentagem de escolha da lexia *repente* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Repente	10/10 (100%)		9/10 (90%)		7/10 (70%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	5/5	5/5	4/5	4/5	3/5

- REPENTE

Em todas as obras lexicográficas consultadas, encontramos a entrada da lexia *repente*, porém em duas delas (Vieira, Freire), de datações distintas, não havia a mesma acepção dada por nossos sujeitos. Nelas, apenas encontramos informações como sendo repente um ato brusco e impensado.

Bastante conhecida pelos entrevistados, a lexia *repente* apresenta na tabela de frequência índices altos, acima de setenta por cento, fato que comprova a manutenção semântico-lexical da palavra.

Quadro 43: Tablado.

Tablado: palco onde se dá apresentação de Cururu.

Contexto de utilização:

“Os organizador é que faiz o sorteio pra vê quem vai cantá premero, segundo, terceiro, quarto. E depois ele dá a rima e cada um dos cantadô vai revezando no *tablado*, cantando na carreira De São João, de Santo Antônio, na carreira do A e cada um tem oito minuto. Daí, já deu o tempo e os juiz tem que decidi quem ganhô” (P.M.).

Tabela 5.85 Comparação da lexia *tablado* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

tablado	A parte dianteira do tablado, onde recitam os atores.	s.m. A parte do teatro onde atores recitam os bailarinos Dançam.	s.m. A parte do teatro onde os atores representam; palco.	s.m. A parte do teatro onde os atores representam; palco.	s.m. A parte do teatro onde os atores representam; palco.	s.m. Parte do teatro onde os atores representam, palco.	s.m. Parte do teatro onde os atores representam, palco.	s.m. Parte assoalhada do teatro onde os atores representam.	s.m. Estrutura de madeira elevada do chão, usada geralmente para apresentações artísticas, comícios, bailes etc.; palco.
---------	---	--	---	---	---	---	---	---	--

Tabela 5.86 Porcentagem de escolha da lexia *tablado* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Tablado	2/10 (20%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	0/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- TABLADO

Apesar de todos os lexicógrafos apresentarem a mesma acepção daquela dada pelos nossos sujeitos para *tablado*, a frequência de uso é bastante pequena, como aponta a tabela acima, de zero por cento entre os sujeitos dos grupos não envolvidos com o Cururu e de vinte por cento pelos cururueiros, o que revela provável tendência dessa lexia entrar em desuso.

Contudo, pela razão de haver concordância de forma e de sentido entre nossos sujeitos e os lexicógrafos, dizemos que a lexia também apresenta manutenção semântico-lexical.

Quadro 44: Sinônimo de tablado: palco.

Palco: sinônimo de tablado.

Resposta dada como sinônimo a tablado.

Tabela 5.87 Comparação da lexia *palco* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Palco	Não há registros.	Não há registros.	s.m. Estrado, cadafalso.	s.m. Parte do teatro em que os atores representam.	s.m. Parte do teatro destinada aos atores.	s.m. Lugar no teatro onde os atores representam. estrado destinado às representações.	s.m. Tablado.	s.m. Tablado ou estrado destinado às apresentações públicas.	s.m. Estrado ou tablado destinado às representações.

Tabela 5.88 Porcentagem de escolha da lexia *palco* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Palco	8/10 (80%)		10/10 (100%)		4/10 (40%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	3/5	5/5	5/5	5/5	2/5	2/5

- PALCO

Ao realizarmos nossas entrevistas, colhemos um sinônimo para *tablado*, o qual foi bastante utilizado pelos sujeitos, como revelam os dados da tabela de frequência acima, atingindo, por exemplo, cem por cento de utilização entre o grupo de sujeitos mais idosos.

Curioso notar que entre os lexicógrafos mais antigos não há registro dessa palavra, o que demonstra uma possível datação para incorporação dessa lexia em nosso vocabulário. Mas quando ela é registrada, tem a mesma acepção da conferida pelos nossos sujeitos, de local onde se apresentam os artistas. Sendo assim, há manutenção semântico-lexical da palavra.

Observando a comparação das duas lexias dadas como sinônimos pelos entrevistados e seus respectivos índices de frequência, notamos um quadro de mudança em curso, já que a lexia *tablado* quase não é reconhecida e a lexia dada como sinônimo, *palco*, é bastante frequente.

Quadro 45: Tico-tico

Tico-tico: atributo dado ao cantor que utiliza versos de outra pessoa e os considera seus.

Contexto de utilização:

“Quando a gente vai pra um campeonato a gente tem que estudá o nosso adversário, tem que conhecê os versos do outro cururueiro, senão a gente fica de calça curta, fica sem resposta na hora. E não adianta improvisá com os verso de outro, por que nós conhece o jeito de cada cantador e conhece quando aparece um *tico-tico*” (M.S.).

Tabela 5.89 - Comparação da lexia *tico-tico* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
---------	---------	-------	--------	--------	--------	-----------	----------	-------	---------

Tabela 5.92 - Porcentagem de escolha da lexia *tagarela* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Tagarela	4/10 (40%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	2/5	2/5	0/5	0/5	0/5	0/5

- TAGARELA

Em nenhum das obras lexicográficas estudadas encontramos uma aceção idêntica à dada pelos nossos sujeitos. Os dicionaristas que registram a lexia o fazem com um sentido diferente, já que dizem eles que *tagarela* é aquele que fala muito e à toa. Este último conceito chamou-nos atenção, pois à toa significa sem sentido, sem razão. Dessa forma, essa lexia, no dizer piracicabano, tem caráter de variação semântica, que por extensão de sentido, significa dizer algo indevidamente, ou mesmo apropriar-se da fala de outrem sem dar-lhe crédito.

Assim com a lexia *tico-tico*, o sinônimo dado por nossos sujeitos não é de conhecimento dos grupos de não cururueiros, já que esses não deram essa resposta nenhuma vez, sendo essa lexia, com essa aceção, provavelmente de uso típico de cantores de Cururu.

Quadro 47: Verso batido

Verso batido: modalidade do Cururu em que a resposta ao oponente é prontamente dada pelo cantor.

Contexto de utilização: “O cantador pode ter dois sistema de cantá. Ele pode respondê rápido a ofensa do adversário, o que nós chama de *versu batidu*, ou se não ele demora, canta uma história cumprida e só no finar qui eli dá o troco, e sai por cima co *versu encontrado*. Eu mesmu prifiru cantá co sistema du versu incontradu, mas num é sempre qui a genti consegui, é mais difícir” (M.S).

Tabela 5.93 Comparação da lexia *verso batido* entre os dicionários

Entrada	Bluteau	Silva	Vieira	Freire	Aulete	Michaelis	Ferreira	Borba	Houaiss
Verso batido	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 5.94 Porcentagem de escolha da lexia *verso batido* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros	Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros	Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros
---------	--	---	---

Tabela 5.96 Porcentagem de escolha da lexia *verso encontrado* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo de cururueiros		Porcentagem entre o grupo de idosos não cururueiros		Porcentagem entre o grupo de jovens não cururueiros	
Verso encontrado	6/10 (60%)		0/10 (0%)		0/10 (0%)	
	+Tradicional	-Tradicional	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	5/5	1/5	0/5	0/5	0/5	0/5

-VERSO ENCONTRADO

De análise bastante semelhante à expressão *verso batido*, acima realizada, *verso encontrado* também não consta em nenhuma obra lexicográfica por nós consultadas. Além disso, é de uso frequente apenas entre o grupo de cururueiros, já que entre os demais grupos consultados é nula a frequência.

Consideramos, então, que se trata de uma expressão particular ao universo do Cururu, de pouca significação àqueles que o assistem ou que não conhecem essa arte.

5.1 Glossário do Cururu piracicabano

Ao longo da realização de nossa pesquisa, colhemos lexias ligadas ao campo semântico do Cururu piracicabano. Tal tarefa foi realizada por meio de consultas a material bibliográfico e material humano, os cururueiros e os sujeitos da pesquisa que contribuíram para que esse resultado fosse possível.

Depois de já conhecido o nosso *corpus*, apresentaremos na sequência um glossário do Cururu piracicabano, construído a partir desse material, constando de todas as lexias envolvidas, organizadas em ordem alfabética.

Para nos guiarmos na elaboração desse glossário, seguimos as instruções dadas por Borba (2003, p. 311) a esse respeito, em seu manual de organização de dicionários: “Como é de praxe, a primeira informação é taxionômica: a classe a que pertence a palavra de entrada, depois a informação sintática, depois a semântica e pragmática”.

A lista de reduções apresentada a seguir consta somente das abreviaturas que foram utilizadas nos verbetes aqui estudados.

Lista geral de reduções:

adj.	adjetivo
f.	feminino
m.	masculino
s.	substantivo
v.	verbo

01 adversário | s.m.

Ver contrário.

02 baixão | s.m.

Canto introdutório do Cururu.

Abonação: “Meu sistema é o comunicativo, porque eu vô dizê pra você eu sô o único cantador criativo, de setenta pra cá, fazendo *baxão* em letra. Porque o *baxão* cururueiro é o lalaí lalalai. Mais quando eu fazia, que eu era mais novo que tudu eles, acompanhava o Serra, o Chiquito, eu percebia que a juventude assim que nem você falava que era um gemido, tirando sarro. Ouvi bastante veiz a mulecada, a minoria, mais tirando sarro. Aí, eu fiz um jeito de ser criativo. Hoje eu tenho nada mais nada menos que oito ou nove *baxão* tudo feito em letra” (M.S).

Nota: Os cururueiros, no início de suas apresentações, reproduzem os baixões que são essas melodias simples, entoando expressões como: “alai-lailailailalai...” ou “onai-nainainainainai...” que vêm acompanhadas da cadência da viola. A abonação fala de um cantador que introduziu o baixão construído com letra de música.

03 batida | s.f.

Ver malhão

04 bocudo | adj.

Diz-se do cantador que utiliza de palavras de baixo calão em seus versos

Abonação: “Antigamente, um festero se ouvisse arguém falá bobagem, tirava a pessoa do palco e mandava ficá queto. - Você é *bocudu*, não tem respeito, senta aí e escuta us outro cantá” (J.N.).

Nota: Há no Cururu piracicabano uma distinção entre os cantores tradicionais e não tradicionais e, geralmente, esse último grupo tem seus representantes chamados de bocudos, por não tratarem em seus versos de temas religiosos e por muitas vezes ofenderem seus adversários por meio de palavras de baixo calão.

05 **caçoísta** | adj.

Característica atribuída ao cururueiro que aprecia gozar de seus adversários por meio de seus versos.

Abonação: “Nossa mãe! *Caçoísta* qui nem o Parafuso não tem mais ninguém não, aquele gostava de caçoar di todo mundo, era só subir no palco e começava u divertimentou” (N.S.).

Nota: Nas apresentações de Cururu, é muito frequente a gozação entre os participantes, mas os que o fazem, geralmente são amigos, em suas vidas particulares, e não se ofendem com as brincadeiras.

06 **canotilho** | s.m.

Quarta corda da viola, contando-se de baixo para cima.

Abonação: “O tocador pra afinar a viola se baseia no *canotio* que é essa corda aqui, assim fica tudo pareio” (J.N.).

07 **cantador** | s.m.

Aquele que se especializou em cantar repentes de Cururu.

Abonação: “Eu não quero me gabá não, mais eu sou um *cantadô* que quando fiz sucesso, eu não podia desce do palco, no meio do povo. Uma vez eu fui descê do palco, lá de Laranjal, quase mataru eu, ganhei mordida no pescoço, rasgaru a minha camisa...” (M.S.).

08 **cantar no livro** | v.

Cantar, versar sobre temas relacionados às histórias da Bíblia

Abonação: “O Cururu verdadeiro mesmo é aquele, no antigamente, era o que cantava tudo as história da Bíblia, que *cantava no livro*, que sabia fazê a louvação” (J.N.).

Nota: Ligado em sua origem à religião católica, o Cururu tradicional preserva sua origem de apresentar versos baseados nas histórias bíblicas e o cururueiro que conhece bem essas histórias é merecedor de admiração e respeito entre os seus.

09 **caracaxá** | adj.

Diz-se do cantador que não consegue elaborar boas rimas. O mau compositor de repentes de Cururu.

Abonação: “Quando a gente vai pro campeonato é campeão, só us cururueiro bão daqui di pertu, Tatuí, Laranjal, Sorocaba...Tem as regra, u sorteio e us juiz. Num aparece nenhum *caracaxá* no meio pra atrapaiá” (J.N.).

Nota: encontramos a lexia grafada de duas maneiras: caracachá e caracaxá

10 **carreira** | s.f.

Repetição de sons ao fim de dois ou mais versos, rima

Abonação: “Dependendo do santo que a gente vai louvar é que nois usa a *carrera*, quando é a festa do Divino a primeira rodada de Cururu tem que ser com a *carrera* do divino, tudo rimando com ino. Tem as outras *carreira* também, de Santo Antônio, *carrera* do A, até uma que eu fiz a *carreira* do dia” (P. M.).

Nota: No desafio de Cururu, há várias carreiras, ou rimas. As mais conhecidas são as de santos, as quais rimam com os nomes desses, por exemplo: carreira de São João, em que as rimas são dadas em “ão”; carreira de São Vicente, em que as rimas são dadas em “ente”.

11 **carreira dura** | s.f.

Rimas consideradas, pelo cururueiros, mais difíceis, por exigirem maior habilidade dos cantadores, como é o caso da carreira de São Paulo, ou seja, “aulo”.

Abonação: “Tem muita carrera qui nós canta no cururu. Tem as mais fácil, igual a carreira do A, e a carreira do ãO, mas quando tem sorteiu a gente não pode iscolhê, tem que improvisá com *carrera dura* também” (N.S.).

Nota: não encontramos a definição de *carreira dura* em nenhum dicionário consultado. Acreditamos, assim, que se trata de uma construção específica do uso dos cururueiros e usada por eles em seu mister.

12 **cebolão** | s.m.

Afinação de cordas típica do Cururu

Abonação: “Minhas senhoras, meus senhores vocês preste bem tensão/ eu já fiz o meu baxão e também o maião/ já afinei as minhas cordas e foi bem no *cebolão*” (J.N.).

13 **contrário** | s.m.

Aquele que se opõe. O adversário em um desafio de Cururu.

Abonação: “O cantador por mais que teje cantando contra, ele tem que valorizá o *contráriu*, por que ele valorizando o *contráriu*, o povo vê que o adversário é bom, não é que não canta nada e o povo num vê nada. Quer dizê, eu canto o que então? Se o outro não canta nada, mesmo que eu cantá melhor que fulano, eu canto menos que ele” (P.M.).

Nota: Por meio das entrevistas e da aplicação dos questionários, pudemos perceber que há preferência da comunidade estudada pelo uso do sinônimo adversário a contrário.

14 **cururu** | s.m.

Repente paulista, desafio cantado por meio de em versos.

Abonação: “Cantador de *Cururu* em Piracicaba era gente famosa, de respeito. Eu mesmo, quantas vez ia cantá na rádio e quando eu saía tinha um monte de mocinha tudo isperando eu na porta, inté rasgava minha ropa” (C.M.).

15 **cururueiro** | s.m.

Ver cantador.

16 desafio | s.m.

Ver Cururu.

17 dobra | s.f.

Duas ou três rimas seguidas na mesma estrofe, durante o desafio de Cururu.

Abonação: “versu bunito mesmo é quando o cantadô faiz a *dobra*, tudu rimadinho” (J.N.).

18 dobrado | adj.

Ver dobra.

19 escreitureiro | s.m.

Trovador que faz versos baseados nas histórias bíblicas.

Abonação: “Da turma nova o que mais canta Bíblia agora é o J. N. que canta, que lê mais é o J. N., ele é o que costuma chamá de *escriturero*. Nós canta também, mais não canta completo que nem ele” (M.S.).

Nota: O cururueiro escreitureiro é bastante prestigiado entre os próprios cururueiros e seu público, sendo muitas vezes solicitado em uma disputa por essa sua característica.

20 festa | s.f.

Ver função.

21 festeiro | s.m.

Pessoa responsável por organizar ou oferecer a festa, geralmente de cunho religioso, na qual se promove um Cururu.

Abonação: “Antes de começá o Cururu, o cantador tem que prestá homenagem pro Santo e agradecê o *festero* da casa” (J.N.).

Nota: Entre as obrigações do festeiro está garantir o divertimento de seus convidados, por essa razão é ele quem faz o convite aos cururueiros que irão cantar na determinada ocasião.

22 **folha** | s.f.

Referência que os cantores de Cururu fazem à Bíblia.

Abonação: “Tem outra coisa: a *Folha*. Tem que cantá os textos da Bíblia sabendo o que você vai falá. E os outro tem sabê valoriza e não vim com esses papinho, por que aí já é maldade, já é desespero. É querê desmanchá uma coisa que já tá feita. Decore e decore bem, depois cante” (J.N.).

23 **fraco** | adj.

Ver caracaxá.

24 **franguinho** | adj.

Ver principiante

25 **função** | s.f.

Reunião de pessoas, por razão comemorativa, onde pode ocorrer uma apresentação de Cururu.

Abonação: “Nóis aqui em Piracicaba antes era muito bom, sempre tinha um Cururu, tudu nas festa dos santu ou quando tinha uma *função* e o povo tudu apraudia nós, nós si divertia muito.” (P.M.)

26 **gozador** | adj.

Ver caçoísta.

27 **improvisador** | adj.

Diz-se do cururueiro que não prepara seus versos com antecedência. Cria-os no momento de sua apresentação.

Abonação: “A maioria dos cururueiro é tudu *improvisadô* mesmo. Hoje já tem aqueles que istuda, qui prepara us verso antis. Mas, na hora do desafio não tem jeito, tem qui improvisá” (J.N.).

Nota: O cantor de Cururu, apesar de ter a capacidade de criar versos de improviso, ele, por muitas vezes, cria rimas com antecedência, para que o espetáculo fique mais rico. Aquele cantador que não tem essa dedicação e deixa esse fato transparecer em sua arte, recebe o nome de improvisador.

28 **intimidador** | adj.

Diz-se do cururueiro que se considera muito bom cantador, com habilidade muito superior a dos seus adversários.

Abonação: “Esses *intimidadô* qui tem por aí só tem garganta, na hora do desafio mesmo, qui tem qui prová qui é bão, si inrosca todú e num saí nada. É só garganta” (N.S.).

29 **louvação** | s.f.

Momento inicial de qualquer Cururu, no qual o cantador cumprimenta seus ouvintes, geralmente de forma lisonjeira.

Abonação: “O curureiro tem que falá um bom dia, um boa tarde que seja, tem que cumprimentá. É a mesma coisa que eu chegá na sua casa e não te cumprimentá. É obrigação e dever. Então pede licença pra plateia, pro festero, nós faiz a *louvação*, depois começa o Cururu” (M.S.).

30 **malhão** | s.m.

Ritmo que o tocador impõe à viola.

Abonação: “Nem todo cururuero sabe tocá viola, tem cantadô que só canta. Mais os que toca viola, cada um tem seu *maião*, a batida da viola de cada um é diferente e nós tudo conhece” (P.M.).

31 novato | adj.

Ver principiante.

32 palco | s.m.

Ver tablado.

33 pedestre | s.m

O primeiro cantor a se apresentar em um desafio de Cururu. É ele que determina quais serão as rimas seguidas.

Abonação: “Tudo nós tem que combiná antes, se vai fazê as dupla, ou se vai cantá sozinho. E depois que tem o sorteio, a carreira que o *pedestre* puxá os outro tem que acompanhá” (M.S.).

Nota: Atualmente, a tradição de nomear um dos cururueiros pedestre é menos frequente, apenas em alguns campeonatos é possível acompanhar esse costume cururueiro.

34 porfia| s.f.

Momento do desafio de Cururu em que os cantadores têm de demonstrar suas habilidades em construir repentes, pois é nessa circunstância que há ataque constante de seu adversário e a plateia espera por boas respostas.

Abonação: “É na hora da *porfia* que nós vê quem é cantador bão. Se o cantador sabe mesmo dá a resposta a artura e no ato. É a hora que o pessoar tudo apraudi” (J.N.).

35 povoado | s.m.

Lugar no qual pessoas se reúnem para assistir a um desafio de Cururu.

Abonação: “Eu achava mais certo não ser os juiz que decide quem ganhô a disputa, por que as veiz nós tem certeza que aquele cururueiro arrebenô, o *apovoado* tudo apraudindo, mais aí dispois ele num ganha. Eu acho que divia di dá uns papelzinho pro pessoar e eles tinha que iscolhê quem eles

qué que ganha” (M.S.)

36 praça | s.f.

Ver povoado.

37 principiante | adj.

Atributo dado ao cantor de Cururu com pouca experiência, iniciante.

Abonação: “Meu pai cantava Cururu e eu ia com ele, acompanhava ele nos Cururu. Gostava de vê ele cantando, do toque da viola, e eu fui aprendendo assim de vê ele cantá. Todo mundo já ia me chamando de franguinho novo, de *principianti*, mas não me importava, pra mim, eu queria mesmo era cantá o Cururu” (P.M.).

38 regra das dez rimas | s.f.

Conjunto de dez rimas previamente sorteadas ou selecionadas pelos participantes de um campeonato de Cururu, que deverão seguir na ordem de rimas estabelecidas em seus versos, a cada vez que subirem ao palco para prosseguir com a disputa.

Abonação: “Cada campeonato de cururu é de um modo, com regra diferente. Esse urtemo que nós participemo, funcionô com a *regra das dez rima*. É assim, cada rodada é feita com uma rima qui é sorteadada e todo cantadô tem qui cantá nela, inté compretá as deiz” (D.S.).

39 repente | s.m.

Canto improvisado, sem preparação prévia dos versos.

Abonação: “Pra voceis eu canto agora meu repente improvisado, com alegria e devoção pra ninguém ficá paradu. Pro senhor e pra senhora, meu *repente* eu canto agora e não mudo meu baxão.” (J.N)

40 reunião | s.f.

Ver função.

- 41** **ruim** | adj.
Ver caracaxá.

- 42** **saudação** | s.f.

Ver louvação.

- 43** **tablado** | s.m.

Palco onde se dá apresentação de Cururu.

Abonação: “Os organizador é que faiz o sorteio pra vê quem vai cantá premero, segundo, terceiro, quarto. E depois ele dá a rima e cada um dos cantadô vai revezando no *tablado*, cantando na carreira De São João, de Santo Antônio, na carreira do A e cada um tem oito minuto. Daí, já deu o tempo e os juiz tem que decidi quem ganhô” (P.M.).

- 44** **tagarela** | adj.

Ver tico-tico.

- 45** **tico-tico**: | adj.

Atributo dado ao cantor que utiliza versos de outra pessoa e os considera seus.

Abonação: “Quando a gente vai pra um campeonato a gente tem que estudá o nosso adversário, tem que conhecê os versos do outro cururueiro, senão a gente fica de calça curta, fica sem resposta na hora. E não adianta improvisá com os versu de outro, por que nós conhece o jeito de cada cantador e conhece quando aparece um *tico-tico*” (M.S.).

- 46** **tirador de sarro** | adj.

Ver caçoísta.

- 47** **verso batido** | s.m.

Modalidade do Cururu em que a resposta ao oponente é prontamente dada pelo cantador.

Abonação: “O cantador pode ter dois sistema de cantá. Ele pode respondê rápido a ofensa do adversário, o que nós chama de *versu batidu*, ou se não ele demora, canta uma história cumprida e só no finir qui eli dá o troco, e sai por cima co *versu encontrado*. Eu mesmu prifiru cantá co sistema du versu incontradu, mas num é sempre qui a genti consegui, é mais difícir” (M.S).

Nota: como não encontramos a definição de *verso batido* em nenhum dicionário consultado, acreditamos, assim, que se trata de uma construção específica do uso dos cururueiros e usada por eles em seu mister.

48 **verso encontrado** | s.m.

Modalidade do Cururu em que o cantador não responde ao ataque de seu oponente imediatamente, construindo seus versos e apenas ao final da apresentação expõe sua defesa.

Abonação: “Essa viola do Nilo deixa a gente emocionado/ Vou cantar no meu estilo, meu *versinho encontrado*/pra mostrar pra Parafuso como é que canta trovado/ o meu nome é Nhô Chico, e ninguém leva no bico e não como nada enrolado/ Parafuso não tem porca pra num vivê apertado/ ele já perdeu a porca, com certeza tá empanado/ele tá virando prego já que não tá mais rosqueado/ eu vou resorvê a parada/ assustá de martelada/ eu acabo com o marvado”.

(ALLEONI, 2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gtvm4R5Neus>>)

Nota: não encontramos a definição de *verso encontrado* em nenhum dicionário consultado, por isso acreditamos que se trata de uma construção específica do uso dos cururueiros e usada por eles em seu mister.

6. CONCLUSÃO

Essa pesquisa permitiu-nos a compreensão de que nunca se esgotam as possibilidades investigativas de um pesquisador. Sempre há algo novo a ser observado, ou um novo olhar para o mesmo fato levantado. Em Piracicaba, colhemos algumas lexias que nos serviram de estudo e análise acerca do vocabulário cururueiro dessa região.

A fim de encerrar essa primeira investigação do vocabulário do Cururu piracicabano, formulamos uma tabela com as lexias de entrada, com o intuito de compreender qual o fenômeno linguístico que ocorre entre os falantes dessa comunidade, ao considerarmos o Cururu dessa localidade. Tal estrutura de tabela teve como modelo o trabalho realizado pela pesquisadora Sandra Regina Franciscatto Bertoldo (2007) em sua dissertação de mestrado, e que, com as devidas adaptações para atender as nossas necessidades de descrição dos resultados, pode ser acompanhada a seguir:

Tabela 6.1– Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical entre os diferentes grupos

Manutenção da lexia de entrada nos três grupos sem variação	Manutenção da lexia de entrada nos três grupos com variação apenas no grupo dos cururueiros	Manutenção da lexia de entrada nos três grupos com variação apenas no grupo dos não cururueiros	Manutenção da lexia de entrada com variação nos três grupos	Sem manutenção da lexia de entrada com substituição de suas variações nos três grupos	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no grupo dos não cururueiros	Sem manutenção e sem substituição da lexia de entrada e suas variações no grupo dos mais jovens não cururueiros
Bocado	Não há	Cururu	Caçoísta	Caracaxá	Canotilho	Baixão
Carreira	ocorrências.		Cantador	Contrário	Cebolão	Cantar no
Festeiro			Principiante	Função	Pedestre	livro
Improvisador			Louvação	Malhão	Porfia	Carreira dura
Repente				Povoado	Regra das dez	Dobra
				Tablado	rimas	Escritureiro
					Tico-tico	Folha
					Verso batido	Intimidador
					Verso encontrado	
16,12%	0%	3,22%	12,90%	19,35%	25,80%	22,58%

Ao observar o quadro a cima, chegamos a uma nova tabela com os valores totais de lexias com ou sem manutenção:

Tabela 6.2 – Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção

Lexias com manutenção	Lexias sem manutenção
32,24%	67,72%

Com base nos dados obtidos, mostrados nas tabelas, concluímos que o vocabulário do Cururu piracicabano tende ao desuso. Este processo se evidencia ao considerarmos que a porcentagem de manutenção (32,24 %) é menor que a da não manutenção da lexia de entrada (67,72 %). Vejamos alguns exemplos que apontam essa direção.

No primeiro caso da tabela que trata da manutenção de lexias sem possibilidades de variação, determinando manutenção de uma comunidade, ocorreram apenas cinco casos (*bocado*, *carreira*, *festeiro*, *improvisador* e *repente*). Mas é preciso ressaltar que as lexias que dizem respeito ao campo semântico-lexical do Cururu apresentaram baixos índices de frequência, como *carreira*, *improvisador* e *repente*, enquanto as lexias que também são aplicáveis à outros contextos, como *bocado* e *festeiro*, atingiram índices maiores entres todos os grupos consultados.

O segundo caso da tabela trata do registro das lexias com manutenção em todos os grupos, mas apenas o grupo de cururueiros apresentaria variantes para ela, porém não houve nenhuma ocorrência com essa característica. Fato esse interessante, pois a inovação exclusiva a um grupo não se estabelece entre os cururueiros, ou seja, entre os mais idosos e mais tradicionais.

Cururu, terceiro caso da tabela, foi a única lexia que apresentou manutenção e ao mesmo tempo trouxe uma variante, *desafio*, entre os não cururueiros. Todos os cantadores que nos ajudaram com essa pesquisa não apresentaram variantes para designar sua arte, já que ela os representa e os determina, contudo entre os outros sujeitos da pesquisa houve variação, pois para eles o “repente paulista” também pode receber um nome mais genérico como *desafio*.

O quarto caso da tabela trata das lexias que evidenciam manutenção, mas apresentam variantes utilizadas entre os três grupos pesquisados (*caçoísta*, *cantador*, *principiante*, *louvação*). Esse resultado mostra a tendência do uso de uma determina lexia dentro de uma comunidade. Peguemos como exemplo a lexia *principiante* que foi reconhecida e utilizada pelos três grupos de sujeitos, contudo esses mesmos grupos nos apresentaram as variantes *novato* e *franguinho*. Sendo que percebemos maior frequência de uso da variante *novato*, por

exemplo, em relação a lexia de entrada no grupo mais jovem (80%) em comparação com os dois outros grupos (40%).

Os outros casos, apresentando a somatória percentual de 67,72 % das 31 lexias analisadas, subsidiam a hipótese de que o vocabulário do Cururu piracicabano tende à inovação. Assim como analisaremos a seguir os demais casos da tabela.

No quinto caso da tabela, observamos as lexias que apresentam tendência à inovação, já que foram pouco reconhecidas pelos grupos, principalmente pelos não cururueiros e ainda apresentaram variantes utilizadas pelos três grupos consultados. A lexia *contrário*, por exemplo, foi usada pelos sujeitos envolvidos com o Cururu, pouco usada pelos sujeitos mais idosos e não usada pelos sujeitos mais jovens, mas todos os grupos apresentaram a variante *adversário* para essa lexia. Consideramos assim, que a lexia *contrário* tende ao desuso, enquanto as variantes vão sendo agregadas ao léxico dos mais idosos, em um processo de mudança em curso. Fato esse observado com as lexias *caracaxá*, *função*, *malhão*, *povoado*, *tablado*.

As lexias *canotilho*, *cebolão*, *pedestre*, *porfia*, *regra das dez rimas*, *tico-tico*, *verso batido* e *verso encontrado*, são representantes do penúltimo caso da tabela. Essas lexias apresentam tendência ao desuso, dentro do campo semântico-lexical do Cururu piracicabano, já que foram verbalizadas pelos cururueiros, mas não foram utilizadas e nem reconhecidas entre os demais grupos. Devemos ressaltar o fato de que essas lexias são bastante específicas do campo semântico-lexical do Cururu, pois elas podem denominar partes de instrumento musical (*canotilho*), qualidade de afinação de cordas (*cebolão*), classificação de cantor (*pedestre* e *tico-tico*), determinação da modalidade de desafio a ser cantado (*regra das dez rimas*) e o tipo de verso (*batido* ou *encontrado*). Devido ao fato dessa manifestação folclórica não gerar interesse na população mais jovem, as lexias a cima listadas, de uso restrito do Cururu, vão sendo esquecidas.

O último caso da tabela apresenta as lexias que não foram reconhecidas e nem apresentaram variação entre população mais jovem não cururueira. Lexias como *escritureiro*, *folha*, *intimidador* não fazem parte do universo cultural dos jovens piracicabanos, mas que ainda são relevantes aos mais idosos, mesmo que não cururueiros, já que essas lexias atingiram porcentagens entre 20% e 50%.

Outro fator que contribui para a nossa análise de que o vocabulário cururueiro apresenta tendência à inovação é dada pela observação da diferença das respostas dos cururueiros mais e menos tradicionais. Em todas as lexias estudadas, excluindo-se aquelas que

apresentaram porcentagens iguais de uso, os cururueiros mais tradicionais mostraram reconhecer mais as lexias envolvidas no Cururu.

Tomemos como exemplo as lexias *canotilho* e *malhão*. As duas são bastante representativas do Cururu, já que a primeira designa uma corda da viola e a segunda o ritmo que cada violeiro impõe ao seu instrumento. No caso de *canotilho*, dos seis cururueiros que responderam ao questionário apenas um deles não era cururueiro tradicional. Com a lexia *malhão*, dos quatro que responderam, também apenas um era um cururueiro menos tradicional. O que comprova que a tradição não está sendo mantida nem mesmo por aqueles que se dizem cururueiros.

Na análise das lexias, realizada no capítulo 5, fez-se uma comparação do número de respostas dadas por cada grupo, apresentando a divisão dentro de cada um deles, assim foi possível saber quem reconhecia mais o vocabulário cururueiro, se os cururueiros mais ou menos tradicionais, como vimos anteriormente, e se homens ou mulheres.

Por meio da leitura dos dados, notamos que na maioria das vezes os homens reconheciam mais que as mulheres a lexia pretendida com o questionário. Por exemplo, a lexia *carreira*, entre os não cururueiros mais idosos, foi lembrada por três homens e duas mulheres. Já a lexia *Cururu*, entre o grupo de não cururueiros mais jovens, foi lembrada por quatro homens e duas mulheres.

A fim de entendermos quais razões motivam tal diferença, formulamos duas hipóteses. Considerando Cururu uma arte tipicamente masculina, as mulheres não têm contato direto com essa manifestação, quando muito são espectadoras e por isso não reconhecem frequentemente essas lexias.

Outro aspecto a ser considerado e que pode ter contribuído para esse dado é o fato do Cururu menos tradicional ser frequentemente cantado em bares da cidade, local, tradicionalmente, pouco frequentado por mulheres. Por essas razões, as oportunidades das mulheres observarem e participarem de um Cururu se reduzem e por consequência o léxico referente a essa manifestação pouco é aprendido por elas.

Se observarmos as mudanças pelas quais o Cururu foi passando, não apenas em Piracicaba, mas em outras cidades, entenderemos as razões que motivaram a tendência de mudança dentro desse vocabulário.

O cururueiro que antigamente só era encontrado no campo, onde havia maior estagnação social, com difícil acesso aos meios de comunicação e pouca interação com pessoas pertencentes a outros meios sociais, passou a residir nos centros urbanos, recebendo as mais variadas influências socioculturais.

Segundo os cururueiros com quem conversamos, a juventude de Piracicaba não tem interesse em dar continuidade a esse folclore, pelo contrário, interessam-se por outras modalidades musicais. E mesmo com algumas iniciativas públicas e privadas em manter essa tradição, por meio de concursos e festivais, o Cururu não é mais prestigiado como outrora, quando muito, é visto como folclore a ser preservado.

Outro fator que motivou esse processo foi a transformação da cidade de Piracicaba em um polo industrial que recebeu grande contingente populacional nas últimas décadas, o que propiciou aos moradores da cidade contato com pessoas além dos limites geográficos de sua variedade linguística, contexto que contribuiu para que ocorressem as modificações e inovações da linguagem, mudanças essas também refletidas no vocabulário cururueiro, como pudemos notar, por meio dessa pesquisa.

A língua entendida como organismo vivo e passível de alterações sofridas por seus falantes, indica-nos os padrões de uma determinada comunidade linguística, suas preferências, suas experiências de vida, sua organização social, ou seja, como entendem e traduzem o seu universo.

Ao estudarmos o vocabulário do Cururu piracicabano, adentramos o seu espaço, conhecemos seus sujeitos, percebemos que não há fator linguístico dissociado do fator social. Nossa hipótese, então, de que o Cururu dessa região como forte manifestação cultural tendia ao esquecimento juntamente com a inovação de seu vocabulário foi confirmada na fala de seus representantes e corroborada por meio dos dados apontados pela pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALLEONI, Olívio N. **Cururu em Piracicaba**. Piracicaba: Degaspari, 2006.

_____. **Cururu**: Horácio Neto canta Parafuso. Piracicaba, 20 Dez. 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=spOScL6rmfU>> Acesso em: 17 Ago. 2011.

_____. **Cururu**: Nhô Chico canta Parafuso. Piracicaba, 22 Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=givm4R5Neus&feature=related>> Acesso em: 20 Mai. 2012.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**, 3. ed. São Paulo: Hucitec: Inlmecc, 1982.

_____. **Tradições populares**. Com um estudo de Paulo Duarte. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

ANDRADE, Julieta de. **Cocho mato-grossense**: um alaúde brasileiro. São Paulo: Escola de folclore, 1981.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. São Paulo: Melhoramentos, 1964. v. II.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *In*: Anais do II simpósio Latino-Americano de terminologia. I encontro brasileiro de terminologia técnico-científica. Brasília, Brasil: SCT, PR, CNPq, IBICT. 1990.

_____. **Contribuição ao estudo de aspectos de tipologia de obras lexicográficas**. Revista brasileira de linguística. São Paulo: v. 8, n. 1. 1995.

BALDUS, Herbert. **Ensaio sobre a etnologia brasileira**. São Paulo: Nacional, 1931.

BARROS, Lúcia A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Estudo semântico-lexical no distrito Nossa Senhora da Guia**. 2007. 287 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. In: OLIVEIRA, ANA PINTO Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

_____. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulario portuguez latino** (digitalizado), 1712 – 1728.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed 34, 2001.

_____. **Cururu**. In Remate dos Males, revista do departamento de Teoria Literária, São Paulo, 1999.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1939. Brasileira, vol. 168. In: Candido.

CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das tradições piracicabanas** (história e folclore). 2. ed. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1998.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1959.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTILHO, Dinah; CASTILHO, Wenceslau. **Raízes caipiras de Piracicaba na era da globalização**: cururu, catira e moda de viola. 2. ed. Piracicaba: Shekinah Gráfica, 2006.

_____. **Folclore caipira e a representação social na era da globalização**. A Tribuna Piracicabana. Piracicaba, 2 jun. 2006.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

CHIARINI, João. **Cururu**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (Departamento de Antropologia – Centro de Estudos Folclóricos), 1978.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1964.

_____. **Remarks on nominalization**. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P.S. (Ed.). *Readings in English transformational grammar*. Boston: Ginn and Company, 1975.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DIAS, Flávia Maurícia Pereira de Carvalho. **Léxico, estrangeirismo e empréstimos**: fatores que determinam a identidade sociocultural de um povo. In: *Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia*. Organização Maria do Socorro Silva de Aragão. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

DORIZOTTO, Sermo. **Os primórdios de Piracicaba**: informações, documentos, comentários e notas. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2008. Documento 60.

ERCOLIN, Giselda Lombardi D` AMBROSIO, Oscar (Orgs.). **Piracicaba**: a noiva da colina. São Paulo. Nova América, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Carlota da Silveira. CARDOSO, Suzana. **A Dialectologia no Brasil- Metodologia de Trabalho Dialectal, Inquérito Linguístico e Atlas Dialectológico Regionalismos Léxicos**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FRALETTI, Paulo. **Carta sobre o cururu** – escrita a João Chiarini. Piracicaba: Shekinah Gáfica, 1988.

GARUTI, Aparecido. **Cururu: retratos de uma tradição**. Sorocaba, SPO: Ed. Create, 2003.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to function grammar**. Great Britain: Edward Arnold. 1994.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972.

LEHER, A. **Semantic fields and lexical structure**. Amsterdam: North Holland, 1974.

LUYTEN, Joseph M. **Desafio e repentismo do caipira de São Paulo**. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira temas e situações*. São Paulo: Ática. 2002.

MELLO, Heliana. **Modelos de formação da língua nacional sob a perspectiva do contato de populações**. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Orgs.). *História da Língua Nacional*. Edições Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2008.

MOLLICA, M. Cecília de Magalhães. **Relevância das variáveis não linguísticas**. In: MOLLICA, M. Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luíza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

NETO, Serafim da Silva. **Língua, cultura e civilização**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica 1960.

NIKLAS-SALMINE, Aino. **La lexicologie**. Paris: Armand Colin, 1997.

PALMA, Jair de Souza. **O Cururu piracicabano**. Piracicaba, 04 Abr. 2010. Disponível em < <http://coleccionador-jairministro.blogspot.com/2008/05/c-u-r-u-r-u.html> > Acesso em: 10 Abr. 2011.

_____. **O Cururu piracicabano, Abel Bueno 117**. *Piracicaba*, 10 Mar. 2010. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=QM_YCscirWY&NR=1 > Piracicaba, 20 Jan. 2009. Acesso em: 10 Abr. 2011

RAMOS, Otávio; DRUMMOND, Arnaldo F. **Função do Cururu**. Cuiabá, 1978. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira, temas e situações*. São Paulo: Ática. 2003.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique ET sémiotique dès dictionnaires français contemporains**. Paris: The Hague, Mout, 1971

ROHAN, Beaurepaire. **Dicionário de vocábulos brasileiros**. Salvador: Progresso, 1986

SAGER, Juan Carlos. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. **Memória coletiva, Geolinguística e relações textuais-discursivas**. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (Org.). *Sujeito e subjetividade: discursividade contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

SILVA, Adalberto Prado (Org.). **Michaelis: moderno dicionário as língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1970.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza** - recopilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina 1813.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. **Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português francês**. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Araraquara, 2002.

SYLOS, Honório de. **São Paulo e seus caminhos**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Gulbenkian, 1967.

VIEIRA, Padre Domingos. **Grande Dicionário Português**: ou thesouro da língua portuguesa. Lisboa: Chadron, 1871-1874.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

WEINREICH, V. LABOV W. & HERZOG, M. **Empirical Foundations for a Theory of Language Change**. In: LEHMANN, W. P. et alii (eds.). Directions for historical linguistic. Austin/Texas, 1968.

ATLAS LINGUÍSTICO BRASILEIRO (ALiB). Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: UEL, 2001.